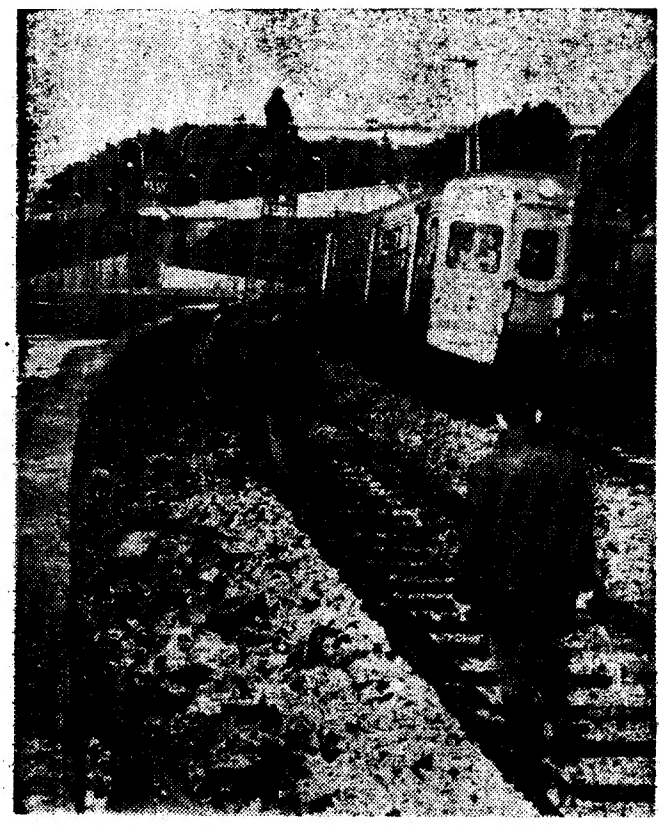
NO SUPLEMENTO LITERÁRIO — UM POEMA INÉDITO DE JOSÉ RÉGIO

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 8 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 900 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS



PRIMEIRA TENTATIVA PARA DESVIAR UM AVIÃO ESPANHOL

ENTREGOU-SE O "PIRATA DO AR"

SARAGOÇA, 8 — (R.) — Um espanhol, de 18 anos, entregou-se à Polícia nesta cidade às primeiras horas de hoje, após assaltar nos ares um avião comercial e aterrorizar durante quatro horas com uma pistola de plástico, de brinquedo, e uma faca, 41 passageiros e quatro tripulantes.

O jovem «pirata do ar», Mariano Ventura Rodriguez, ameaçou uma hospedeira e, depois, entrou na cabina do piloto quando o bimotor Convair das linhas aéreas espanholas Ibéria seguia para Saragoça num voo da carreira de Madrid.

Foi o primeiro assalto nos ares a um avião espanhol.

Soube-se que o assaltante exigira que o levassem para Cuba e quando isso não se tornou possível para a Albânia. Contudo, o piloto aterrou no aeroporto desta cidade para se reabastecer de combustível.

A Polícia e a guarda civil, armadas com metralhadoras ligeiras, cercaram imediatamente o avião. Foram apagadas todas as luzes e isolado o aeroporto.

O comandante da Polícia de Saragoça comunicou pela rádio ao assaltante que se se rendesse, seria condenado, apenas, a alguns anos de cadeia. «Contudo, se o mais ligeiro acidente acontecer aos passageiros ou tripulantes, serão abatido a tiro ao alvo recer» acrescentou.

Outros cercaram o avião para iluminar a sua fuselagem com os faróis e o assaltante podia ser visto andando de um lado para o outro no corredor central do Convair. A certa altura, ameaçou matar todos que se encontravam a bordo se o avião não partisse.

Funcionários do aeroporto revelaram que os tripulantes disseram ao assaltante que seria impossível descolar de novo, visto não haver energia eléctrica e o sistema de ar condicionado não funcionar dentro do avião.

O piloto Luís Arias Bernat declarou que o jovem começara gradualmente a perder a coragem quando observou que o avião estava cercado pela Polícia e que a pista se encontrava bloqueada por automóveis «jeeps» e tractores.

Alguns dos passageiros, sofrendo em virtude da avaria no sistema de ar condicionado e tremendo de gústo, receberam cuidados médicos depois de abandonarem o aparelho.

ATRASOS DE UMA HORA NOS COMBOIOS DO ESTORIL

Talvez tenha sido porque um cabo se desprendeu. Sim, talvez **hoje** tenha sido por isso. Mas os contínuos atrasos nos combóios da «linha» (esta manhã a ultrapassarem uma hora) também são consequência dos maus horários impostos pela Sociedade Estoril aos seus utentes. (LER NA PÁG. 16)

A CRATERA NO MEIO DA CIDADE

Esta é a cratera que um rebentamento de quatro canos de esgoto (seguido de aluimento de terras) abriu ontem em Entrecampos, começo da Avenida dos Estados Unidos da América. Uma bomba não teria feito pior. Consequências: os eléctricos do Lumiar substituídos por autocarros e as obras do colector atrasadas pelo menos três semanas. **(Ler na pág. central)**

«ÁLBUM DE LISBOA»

COMEÇA JÁ NO DOMINGO A REPETIÇÃO DAS GRAVURAS

PUBLICAMOS NA 2.ª PÁGINA A GRAVURA N.º **28** DO NOSSO CONCURSO

É JÁ NO DOMINGO que iniciaremos a repetição das gravuras do concurso «Album de Lisboa», satisfazendo, assim, numerosíssimas solicitações dos leitores, relativas ao envio de números atrasados do nosso Jornal que, por se terem esgotado, justificariam novas tiragens. Vamos, pois, ao encontro do desejo de muitos dos nossos leitores, repetindo as gravuras à razão de duas por dia, abrindo, assim, aos concorrentes a possibilidade de participarem na nossa iniciativa com mais do que um «Album».

REMESSA DE ÁLBUNS PARA A PROVÍNCIA

Têm sido muito numerosos os pedidos de «Albuns» a remeter para a província. A demora da resposta deve-se apenas à aglomeração de correspondência. Garantimos, no entanto, que todos os pedidos serão atendidos pelos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, para onde deverá ser dirigida toda a correspondência relacionada com o concurso.

RECEPÇÃO DE ÁLBUNS

Todos os que não pretenderem participar na nossa iniciativa com mais do que um «Album», depois de separarem pelo picotado a caderneta onde colaram as 30 gravuras, poderão remetê-la pelo correio, tendo o cuidado de preencher com letra bem legível os respectivos boletins de identificação. Os que pretenderem a devolução do talão numerado, devem juntar um selo de 1$00. Toda a correspondência será, também, dirigida para os nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, em Lisboa, onde serão prestados todos os esclarecimentos julgados necessários pelos concorrentes.

O «Prémio Artur Portela» foi atribuído a três redactores do «Diário de Lisboa» (LER NA PÁGINA CENTRAL)

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Edição da noite

«ÁLBUM DE LISBOA»

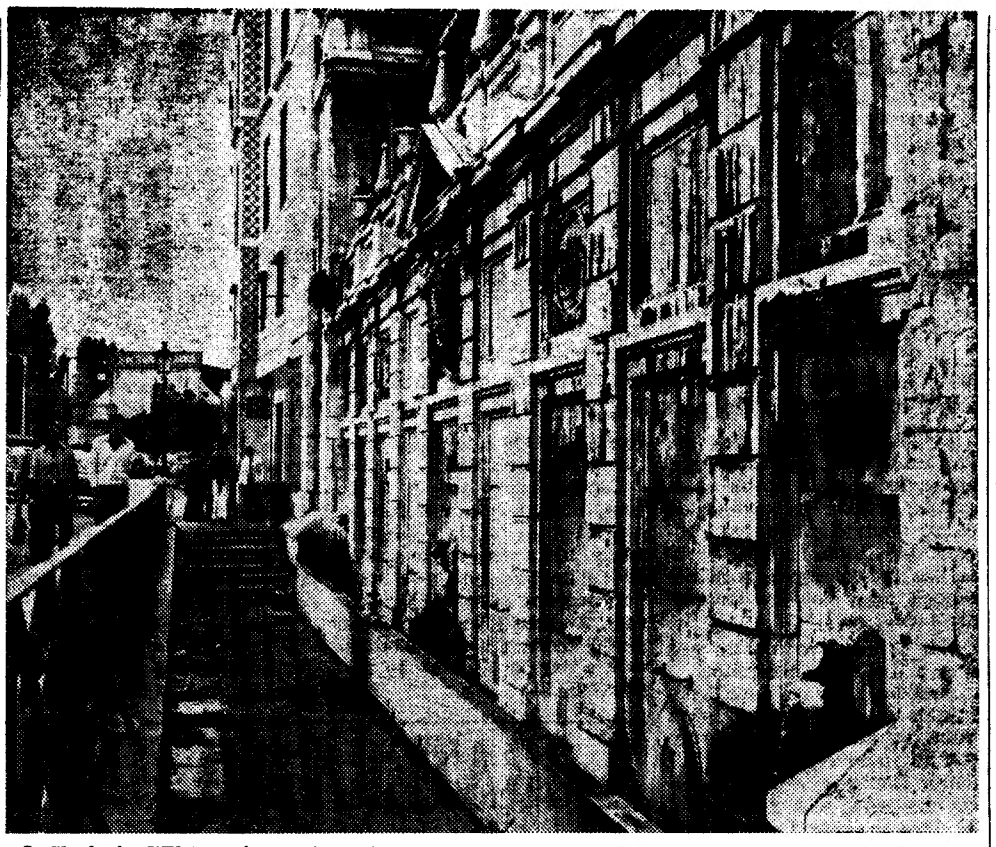
CHAFARIZ D'EL-REY: o avô dos chafarizes da cidade

OS CHAFARIZES ainda constituem, em Lisboa, uma colecção rica e sugestiva. «Esta cidade que morre de sede», como lhe chamou Francisco de Holanda, tem conservado chafarizes que fazem parte dos seus encantos. Desde sempre, Lisboa dedicou especial carinho a fontes e chafarizes, muitos deles pouco mais do que simples bicas. Falar dos chafarizes de Lisboa é fazer desfilar um cortejo interminável de tipos e costumes pitorescos e evocativos da crónica da cidade. Quem hoje os vê, calmos, repousados, como padrões que marcam as várias épocas da história de Lisboa, mal pode imaginar o quadro exuberante de cor e movimento de que eles foram cenário.

Album de Lisboa
Diário de Lisboa

Recorte e cole a gravura n.º 28 no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telefs.: 65 45 33/65 45 34



O Chafariz d'El Rey é o mais antigo de Lisboa. Por isso lhe chamam o avô dos chafarizes da cidade. A sua origem remonta, segundo os eruditos, ao domínio muçulmano. Embora, naturalmente, o seu aspecto seja muito diferente do que teve nos séculos velhos, é citado como existindo no reinado de D. Afonso II (1211-1223)

O Chafariz d'El-Rey é o avô de todos os chafarizes de Lisboa. A sua origem remonta, segundo os eruditos, ao domínio muçulmano. A quanta moira não terá o chafariz morto a sede? Embora o seu aspecto seja muito diferente do que teve nos séculos velhos, é citado como existindo no tempo de D. Afonso II (1211-1223), sendo, então, conhecido como Chafariz de S. João. Fernão Lopes a ele se refere na crónica de D. Fernando, a propósito do assédio a Lisboa por D. Henrique de Castela. Foi um manancial riquíssimo: dele se abasteciam navios, julgando-se que ali tivesse havido a «aguada», referida em velhos documentos, ou uma dos «aguadas» de Alfama e, sem duvida, das mais férteis.

Na época manuelina, o Chafariz abastecia sòzinho as caravelas que iam em demanda das terras longínquas da India, das Africas, do Brasil. Muitos foram os motins provocados por algumas tripulações de navios. O Senado da «mui nobre e leal cidade» teve de intervir. A medida adoptada fez-se cumprir rigorosamente. A cada bica foi dado o seu destino: nesta, abasteciam-se os negros forros; naquela, os moiros das galés, com os seus turbantes vistosos; nesta outra, as moças brancas, todas açodadas, de colfas muito engomadas e esticadas e, logo em seguida, os homens brancos; naquelas bicas, mais além, as índias, as pretas, as escravas e os lacaios.

Os anos correram e nos fins do século passado era de encontro ás suas pedras enegrecidas que se encostavam os galegos-aguadeiros, aguardando pachorrentamente que lhes trouxessem recado para levarem nos seus barris, bem seguros no «chinguiço» a água fresca do Alviela que iria dessendentar o bom povo de Lisboa... Aguadeiros, existiram até há pouco em Alfama, onde resta um unico. Foi entrevistado no «Zip», recordam-se?

Em 1744, a fachada do Chafariz desabou de velha, foi reedificada em 1747 e passou a ter nove bicas. O Terramoto, oito anos depois, produziu-lhe dano. Há mais de cem anos, andava em obras o seu frontispício, mas só em 1864 se concluiu a reedificação como hoje se nos apresenta «com boa cantaria e vistosa arquitectura ao estilo do Renascimento, dando um largo conjunto decorativo, como nenhum outro chafariz da cidade. Da muralha da cerca que atrás corria no século XIV, não restam vestígios. No terreno por detrás do Chafariz foram, em tempo do Terramoto, as casas do palácio do Marquês de Angeja». O Chafariz está hoje integrado na Companhia das Águas.

A falta de água foi problema citadino que se manteve ao longo dos séculos. Para a população urbana, alcandorada no monte, dentro das cercas das muralhas romano-medievais, a água deve ter chegado. Parece concludente, por quanto se verificou há muito, que ás instalações balneares dos romanos não minguava o fornecimento da água necessária. Mas á medida que a cidade aumentava e a população crescia, a crise avolumava e exigia medidas de urgente solução, que não resolveram o problema senão no século XVIII. A construção do Aqueduto das Águas Livres, que trouxe para Lisboa a água captada nas obras de Carenque (Belas) e a lançou no monumental depósito da «Casa da Água», sobranceira ao Largo do Rato, resolveu, afinal, durante mais de um século, o problema crucial da água na cidade.

Lisboa crescia continuamente com os nacionais que nela se estabeleciam e os estrangeiros que se associavam ás actividades comerciais dos descobrimentos portugueses. Já o cronista Fernão Lopes se referia, no século XIV-XV ás «muitas e desvairadas gentes» que demandavam Lisboa. O martírio da sede prosseguia, O segredo de Lisboa estava na situação á beira do Tejo, pois a amplidão do rio, tesouro maior da cidade, enchia um mundo de água á vista e não lhe matava a sede da população; levava os portugueses aos mares desconhecidos, por toda a Terra, mas negava-lhes de beber.

Abriram-se chafarizes, aproveitaram-se e adaptaram-se os antigos. No bairro piscatório de Alfama, na orla meridional, dois chafarizes: o Chafariz de Dentro (a que já fizemos referência) e o Chafariz d'El-Rey, que se pretendem á história antiga da capital. Encostados ás muralhas, ficavam, assim, protegidos primeiramente dentro delas e, mais tarde, no exterior. Forneciam água á população e aos barcos que abordavam á «Ribeira». Formavam o maior recurso da população citadina, embora por Alfama, e para utilidade própria, não escasseasse a água. Afirmou Fr. Nicolau de Oliveira que «toda a Alfama é tão abundante de água» que de maravilha se acha uma casa que não tenha fonte e se a não tem é por pouca curiosidade do dono dela». O Chafariz d'El-Rey não deixava de ser o de maior importancia e, por isso, o mais frequentado «não havendo, por assim dizer, outra água», como afirma uma réplica a embargos do meado do século XV. Os aumentos de bicas do Chafariz poderão considerar-se representativos e simbòlicamente proporcionais á crescente importancia que o Chafariz d'El-Rey foi tendo na cidade que não cessava de crescer: a Lisboa medieval, a Lisboa renascentista, a Lisboa setecentista. Justifica-se amplamente o alarme causado pelas secas como as de 1517 e 1598.

O chafariz d'El-Rey também foi assinalado por Gil Vicente «Nau de Amores» (século XVI), e assim:

«Eu lhe irei logo falar
Lá no Chafariz d'El-Rey
Quando ele quiser falar;
Ou na Torre da Varanda,
Ou lá no Cais da Madeira,
E veremos o que manda.»

OS «STANDS» GAZCIDLA DE LISBOA

Os «stands» da Cidla, integrados na campanha «Gazcidla no seu bairro», e as zonas que servem:

ALCANTARA	— Largo do Calvário, 12-C
ALECRIM	— Rua do Alecrim, 77
ALFAMA	— Rua de S. Miguel, 5
ALVALADE	— Rua José Duro, 27-C
ARROIOS	— L. Mendonça e Costa, 9-C
AVENIDAS NOVAS	— Av. Miguel Bombarda, 56,A
BAIRRO ALTO	— Rua da Atalaia, 131
BENFICA	— Rua Emília das Neves, 4-B
BOA HORA	— Trav. da Boa Hora, 30-D-E
CAMPO DE OURIQUE	— Rua Infantaria, 16-57-A
CAMPOLIDE	— Rua de Campolide, 94-C
GRAÇA	— Largo da Graça, 63-D
LUMIAR	— Pr.ª Alexandre Ferreira, 32
MADRAGOA	— Rua da Esperança, 134
OLIVAIS	— Rua Cidade de João Belo, lote 86-Lj. B
REGO	— Rua da Beneficência, 61 (a inaugurar brevemente)
24 DE JULHO	— Avenida 24 de Julho, 94-A

Em todos estes «stands» encontrará pessoal especializado para prestar assistêcia técnica, exposição permanente dos mais modernos modelos de material de queima e pronto fornecimento de gás — com rapidez, eficiência e simpatia.

INSTITUTO VAZ SERRA

CERNACHE DO BONJARDIM

Formação integral da juventude
Ensino Primário — Admissão aos Liceus
Curso geral e complementar dos Liceus
—— Ciclo Preparatório ——
Internato e semi-internato
Externato para ambos os sexos

Exames oficiais no próprio Instituto

ABERTAS AS INSCRIÇÕES NA SECRETARIA EM TODOS OS DIAS ÚTEIS

Cernache do Bonjardim — Telef. 20

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Sudão: um novo Biafra para breve?

WASHINGTON. — Segundo informações chegadas a esta capital, a longa guerra de guerrilha das tribus negras do Sul do Sudão contra o Governo árabe de Kartum parece ter-se intensificado.

A luta tem continuado esporàdicamente durante quase 15 anos, numa vasta e remota área — três provincias que constituem a terça parte da maior nação da Africa. A região é descrita por uma pessoa que a percorreu como «um dos mais primitivos lugares que restam na terra». As informações acerca do conflito emergem muito lentamente, vindas, na sua maioria, de fontes interessadas na contenda.

Contudo, soube-se nos fins de Dezembro, por informações das autoridades, que 40 ou 50 militares governamentais tinham sido mortos na cidade de Torit, na provincia Equatória, numa luta de dimensões inusitadas.

Por A. HORNE

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

Torit é a cidade onde as tropas sul-sudanesas se amotinaram contra os seus oficiais norte-sudaneses, em Agosto de 1955, quatro meses antes de a Inglaterra conceder a independência ao país. Desde então, e, especialmente, desde 1963, grupos negros de libertação, vagamente organizados, percorreram as provincias de Equatória, Nilo Superior e El Ghazal, preparando armadilhas a comboios governamentais, minando estradas e fazendo explodir pontes. No entanto, faltavam-lhes armas e munições para lutar em campo aberto com o exército sudanês, de 30 000 homens.

Uma informação chegada há dias a Washington, proveniente de fontes do Médio Oriente, e que não pôde ser confirmada, falava de 2000 soldados sudaneses cercados pelos rebeldes em Juba, capital da Equatória. As mesmas fontes anunciavam que os campos do exército no Sul tinham sido atacados e que tinham sido cortadas as vias de acesso á Equatória; esta teria sido a primeira campanha importante antigovernamental, encetada por Anya'nya, o principal grupo rebelde.

Esta notícia chegou a Washington na véspera da visita de Nasser a Kartum.

O Governo do presidente Jaafar El-Nimeiry, que subiu ao poder após o golpe de 25 de Maio, procurou logo aplacar as iras das tribos do Sul, nomeando um sulista, Joseph Carang, para ministro dos Negócios do Sul.

Mas as suas promessas acalmaram o Sul por muito pouco tempo. Um repórter ocidental, que passou sete semanas na área — David Robinson, da «Newsweck» — escreveu, em Outubro, que o dirigente da Anya'nya, general Emídio Tafeng, tinha proclamado a independência do Sul e esperava grandes carregamentos de armas israelitas e ocidentais para conseguir plena autonomia de Kartum

Os observadores dizem que Any'nya — o nome é o de um veneno letal extraído da cabeça de uma cobra — controla os campos do Sul, desde 1963. Mas duvidavam da sua capacidade para desafiar o «contrôle» do exército sudanês sobre Juba e outras cidades-chave sem drástico dispendio de armas e munições.

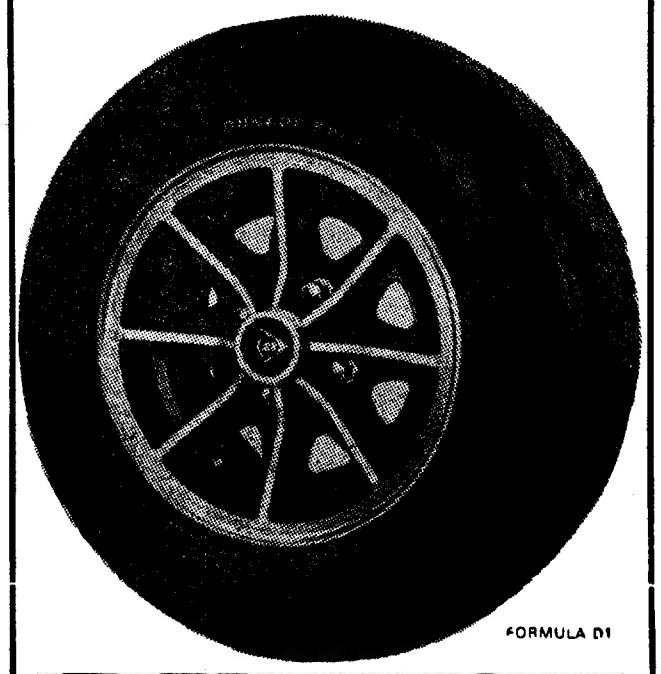
Estas teriam que vir através da fronteira do Uganda, técnicamente fechada, ou dos outros países vizinhos. O ultimo grande afluxo de armas para os rebeldes de que os observadores têm conhecimento foi em 1965, quando os carregamentos que o Cairo enviou para os esquerdistas da provincia oriental do Congo foram capturados ou comprados pela Anya'nya.

Kartum tem repetidamente acusado os E. U. A. e Israel de apoiarem os rebeldes. O Sudão cortou relações com os E. U. A. em Junho de 1967, por altura da Guerra dos Seis Dias, e a pequena secção de interesses americanos na Embaixada holandesa de Kartum foi reduzida, por insistência sudanesa, no ultimo Verão.

As perdas da guerra e o seu custo em dinheiro são objecto de informações dispares. Os rebeldes falam de um milhão de mortos desde 1955, mas pensa-se que esse numero é muito exagerado. Dos 15 milhões de sudaneses, 4 a 5 milhões vivem nas três províncias do Sul. Garang, o ministro sudanês para o Sul, afirmou em Agosto passado que desde 1964 teriam morrido umas 10 000 pessoas e que a guerra tem custado ao Governo cerca de 3 milhões de dólares por mês. Outros oficiais sudaneses têm falado em 300 000 mortos de 1955 para cá. Segundo os numeros da O. N. U. terão fugido do Sul umas 180 000 pessoas.

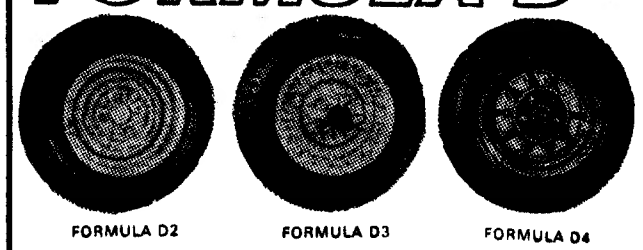
Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

JANTES LEVES



FORMULA D1

DUNLOP
FORMULA 'D'

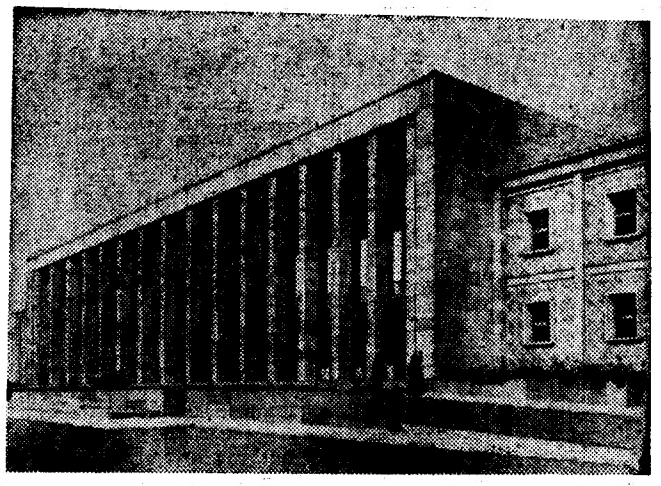


FORMULA D2 FORMULA D3 FORMULA D4

IMPORTADOR EXCLUSIVO

escape,

RUA CASTILHO, 72-A — TELS. 561616/561919



Tanto como bons edifícios, a Universidade exige condições de trabalho a partir de um espírito aberto, de uma política que vise a busca incessante da verdade e do saber

«A UNIVERSIDADE NA VIDA PORTUGUESA» ESTUDADA NA «ANÁLISE SOCIAL»

Da «Análise Social», revista trimestral publicada pelo Gabinete de Investigações Sociais do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (I. S. C. E. F.) e dirigida pelo prof. J. Pires Cardoso, acaba de sair o segundo número especial dedicada á «Universidade na vida portuguesa», e que abrange a 3.ª, 4.ª e 5.ª partes do esquema inicialmente traçado, referentes respectivamente a «Universidade e vida social», «Funções da Universidade: problemas especiais» e «Subsídios históricos».

É o seguinte o sumário deste número triplo (22-24) de «Análise Social», cujas 620 páginas se apresentem repletas de interesse e com matéria que deve ser tema de estudo profundo e amplo debate: «A população universitária portuguesa: uma análise preliminar», pelo dr. A. Sedas Nunes, «O sistema universitário em Portugal: alguns mecanismos efeitos e perspectivas do seu funcionamento», pelo dr. A. Sedas Nunes, «A evolução da sociedade portuguesa e a *classe dos diplomados*», pelo dr. Alfredo de Sousa. «A Universidade na Cidade: problemas arquitectónicos e de inserção no espaço urbano», pelos arquitectos Nuno Portas e J. P. Martins Barata, «Uma experiência de colaboração professores-alunos», pelos drs. Francisco Pereira de Moura e Carlos Antunes Filipe, «*O meio universitário* em Portugal: subsídios para análise sociológica da sua estrutura e evolução nos periodos de 1945 - 1967», por Vítor Ferreira e dr. A. Sedas Nunes, «O papel da Universidade na formação dos dirigentes», pelo prof. eng.º Leite Pinto, «Tradição e modernidade nas Faculdades de Medicina», pelo prof. dr. Miller Guerra, (acrescido de um por «Pequena antologia do ensino médicos» em que se narram textos dos profs. drs. Sobral Cid, Gouveia Monteiro, Cândido de Oliveira e Jaime Celestino da Costa), «O ensino das Ciências Económicas em Portugal e os objectivos da Universidade», pelo prof dr. Jacinto Nunes, «Situação e problemas do ensino de Ciências Sociais em Portugal», pelos dr. J. C. Ferreira de Almeida, «O ensino da Psicologia em Portugal», pelo dr. Joaquim Bairrão, «O ensino de Engenharia: contribuição para a sua reforma», texto do Congresso do Ensino de Engenharia, seleccionados e coordenados pelo dr R. da Silva Pereira. «A evolução histórica do ensino das Ciências Económicas em Portugal», pelo dr. António Farinha Portela, «Cronologia histórica das Universidades portuguesas: 1759-1968», pela dr.ª Maria Eduarda Oder Gameiro e dr. Raul da Silva Pereira.

O numero termina com resumos, em francês e inglês, dos estudos publicados

RECTÂNGULOS DA VIDA

NUMA LOJA

Pegou no copo como quem pega num copo, nem mais nem menos. Displicentemente. Nada do ar de quem pega numa peça de cerâmica ou até num boneco da Rosa Ramalho. O que é um copo, senhores? O que é que diz o dicionário, senhores? «Espécie de vaso para beber», aí está. Já vem... Pegou pois no copo enquanto o marido comprava cigarros. Porque ali, naquela loja, vendem-se utilidades inúteis e inutilidades necessárias.

Até podia tê-lo deixado cair, até isso. Pegara-lhe ao de leve, sem concentração, e a sua voz atravessou a loja e tinha uma entonação casual. A intonação com que se diz «Está frio, não não está?» ou «Que chuva esta!» ou «Que tempo aborrecido». Azares por assim dizer amosféricos, sem nada a ver com um copo. Só a entonação era semelhante e ela perguntou «quanto custa?» como se perguntasse «está frio?» Assim.

«Quanto custa?»

A empregada, em bicos de pés para tirar da prateleira o maço vindo dos «States», voltou um pouco a cabeça, disse com naturalidade:

«Trezentos escudos».

«Quantos copos?» perguntou ela.

«Um, claro».

Claro? Claro. E voltou aos «States» e conseguiu tirá-los e resmungou um pouco, delicadamente, contra quem os tinha arrumado lá em cima.

Ela, do outro lado da loja, pousou o copo como se ele mordesse, pudesse morder, enfim.

«É de cristal?»

Fora-se todo o ar displicente, toda a entonação distraída. Havia agora um certo respeito aqui e além, nos olhos e na voz. Era de cristal? Mas mesmo de cristal, trezentos escudos...

«Não, não é de cristal», declamou a empregada, fazendo o troco.

«De que é então?»

«Não sei. De uma coisa qualquer», continuou a declamar. «Mas de que coisa?»

«Não sei. Uma coisa qualquer, um produto. Acho que é alemão».

«Ah».

Ela deu dois passos para a porta onde o marido já a esperava, acendendo um cigarro.

«Trezentos escudos, estás a ver?» perguntou em surdina, já na rua.

«De uma coisa qualquer, ainda por cima».

«Alemã».

«Aprender até morrer».

«Vender é uma arte».

«O cliente tem sempre razão».

Riram muito, deram o braço e foram-se embora.

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

ora diga-nos...

— Quando costuma pagar a renda de casa?

Hoje, 8, é o último dia para o pagamento das rendas de casa — embora, em face do Código Civil de 1966, já se tenha defendido que o último dia passou a ser o 9. De qualquer forma, a pergunta tem o mesmo sentido e a mesma actualidade.

● — Só pago a renda no último dia, a 8 de cada mês. — *Respondeu-nos, primeiro, o sr. António Rodrigues.* — Porquê? É uma questão de hábito. Para pagar, é sempre o mais tarde possível...

— *E nunca deixou passar o dia?*

— Isso nunca, se não vou para a rua.

— *Ou paga a renda em triplo...*

— Pois é. E a minha renda, que começou em 400$00, já vai em 1200$00. A multiplicar por três...

● *António Marques Vieira Júnior, montador eléctrico* (mas agora já estou velho, com 66 anos, e ninguém me quer, só vivo de uns biscatos e nem sequer tenho direito a reforma), *disse-nos, por sua vez:*

— Pago, no fim do mês, a de dois meses depois. Quer dizer: no fim de Dezembro paguei já a renda de Fevereiro.

— *Caramba, o senhor é muito cuidadoso...*

— Pois: com a casinha e com a barriguinha não se brinca. E eu não quero ficar sem quarto.

— *Quarto?*

— Sim, que eu vivo sòzinho num quarto. Quanto pago? O senhor já está a querer aprofundar muito a minha vida... *(e riu-se).* São 200$00 por mês.

● *O terceiro inquirido é um empregado bancário:*

— Comprei um andar com um empréstimo da Caixa de Previdência do Pessoal da C. U. F. e Associados e agora pago a minha conta através do Banco onde trabalho — o Totta & Açores.

—?

— Assim é mais cómodo. E como o Banco pertence também à C. U. F....

— *... fica tudo em casa...*

— ... pois é.

— *E antes como é que pagava?*

— À porteira, logo no princípio do mês. Não gosto de deixar as coisas para a última hora.

AUTO-LUSITANIA

ALFREDO DUARTE, L.da

1920 1970

50.º ANIVERSÁRIO

ALFREDO DUARTE, LDA. — AUTO-LUSITÂNIA, ao celebrar o 50.º aniversário, quer testemunhar aos Clientes e Amigos, alguns dos quais seus Agentes e Colaboradores dedicados há várias dezenas de anos, aos Colegas e Fornecedores, com quem tem mantido sempre cordiais relações de negócio, e aos seus Empregados, dois deles ainda da fundação e muitos outros com mais de 40, 30 e 20 anos de serviço activo, reconhecimento, apreço e amizade por tudo quanto de todos recebeu ao longo da sua existência.

8-1-1970

DE ONTEM PARA HOJE

ALUNOS DE APOLO

Completou 97 anos a Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo e lá foi o sr. dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa, dar brilho á comemoração com sua presença e sua palavra inflamada. São muitos os préstimos da popular agremiação á cultura e ao convívio das gentes do bairro de Campo de Ourique. E aproveitando o encerramento das comemorações aniversariantes, o dr. Marchueta viu descerrado o seu retrato numa sala crismada com seu nome; e a sua obra foi enaltecida por diversos oradores. E, depois, por aclamação, foi feito sócio honorário. E depois falou o patrono da nova sala, subindo alto nos seus anseios e indo de Campo de Ourique a todo o mundo, a «este mundo de hoje, tão avesso á espiritualidade e tão propenso ao materialismo», onde não é fácil «encontrarem-se exemplos de abnegação e humanidade, como o que o povo português dá a cada passo». A política é realismo e realistas têm de ser os dirigentes dos povos que queiram fazer a sua prosperidade e não a sua ruina já que o bem estar dos mesmos povos, a prosperidade dos seus habitantes e não o seu vegetar, tem de ser o alvo que os move. E, no meio da sua empolgante oração, o dr. Marchueta enalteceu a obra do actual Presidente do Conselho em palavras que merecem registo: «Marcello Caetano, com o seu magnífico talento governativo e a sua extraordinária capacidade de comunicar com o povo, há-de, com a ajuda de todos nós, continuar a conduzir a Nação pelos novos e luminosos caminhos que para ela traçou. Vale a pena correr para a meta, quando essa meta representa o progresso, o bem-estar, a promoção social. Com Marcello Caetano, essa meta será atingida. Os céus de Portugal hão-de ter cada vez menos nuvens e acabarão por ficar completamente límpidos: tão límpidos como a consciência de quem nos governa. Todo o País e por conseguinte, dentro dele, os que constituem as colectividades de cultura e recreio, hão-de ver reflectivos em si o excepcional e profícuo trabalho de Marcello Caetano.»

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, os srs. dr. João Dias Rosas, ministro das Finanças e Economia; dr. Ouro-Preto, embaixador cessante do Brasil; padre Fatela, acompanhado de um aluno da Casa Pia de Beja; dr. António Parreira do Amaral Cabral de La Cerda, Luís C. Lupi, prof. eng.º António Carvalho Fernandes e Sérgio Geraldes Barbas.

PROBLEMAS DA EMIGRAÇÃO

Ontem, á tarde, o sr. eng.º Vaz Pinto, ministro de Estado, teve uma reunião de trabalho, dedicada a apreciação de assuntos urgentes sobre a emigração portuguesa, com os srs. ministros do Interior, da Educação Nacional e das Corporações e Previdência Social, secretários de Estado da Informação e Turismo e subsecretário de Estado interino dos Negócios Estrangeiros.

QUEDA DE MORTE

Na Amadora, ia á casa de banho de uma taberna na Av. Marechal Carmona o operário sr. Ângelo Rito, de 50 anos. Desequilibrou-se e caiu na escada. Bateu com a cabeça no chão e quando chegou ao Hospital de S. José tinha morrido.

À NAVALHADA

Foi em Fronteira que a tragédia se desenrolou. Quezílias familiares levaram Maria Vitória Coimbra Pinheiro, casada, doméstica, a matar a sogra, com uma navalhada que cortou as carótidas. A vítima era a sr.ª Ludovina da Conceição Rocha, de 70 anos. Vivia com a nora, e dois filhos. Agora, uma vida desaparecida, outra recolhida á cadeia, adensou-se a tragédia sobre toda a família.

UM MORTO E DOIS FERIDOS

Em S. João da Areia, na estrada Guarda-Coimbra, um carro conduzido pelo sr. Eduardo Augusto de Abreu, em que seguiam o dr. António Rocha Cabral e sua sogra D. Maria do Rosário Dias Camelo, moradora em Seia, foi embater noutro carro. Voltou-se e aquela senhora morreu, ficando feridos os outros dois ocupantes.

JULGAMENTO DE ESCRITORES POR MOTIVO DA PUBLICAÇÃO DE UM LIVRO TIDO POR IMORAL

No banco dos réus estão, esta tarde, no Plenário Criminal da Boa Hora, os escritores e poetas Mário Cesariny de Vasconcelos, Luís Pacheco, José Carlos Ary dos Santos e Natália Correia e, ainda, o comerciante Fernando Ribeiro de Melo, o empregado de escritório Francisco Marques Esteves e o técnico têxtil Ernesto Geraldes de Melo e Castro, como presumíveis delinquentes do processo movido pelo Ministério Público, em consequência da publicação do livro «Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica», a qual foi considerada «abuso de liberdade de Imprensa».

Segundo a acusação, o livro, com 551 páginas, composto e impresso na Sociedade Astória, Limitada, publicado em Lisboa, em Novembro de 1965 (ou posteriormente, mas antes de 17 de Janeiro de 1966), com prefácio e notas de Natália Correia (que fez a selecção) inclui algumas poesias que «ofendem o pudor geral, a decência e os bons costumes».

Na tribuna do Ministério Público, toma lugar o dr. Costa Saraiva, ajudante do procurador da Republica; como patronos dos acusados, intervêm os drs. João da Palma Carlos, Luso Soares, José Vera Jardim, Francisco Vicente, Salgado Zenha e António de Sousa.

O CASO DE HOMICÍDIO NA CIDADE UNIVERSITÁRIA JULGADO ESTA TARDE NO TRIBUNAL MILITAR

Decorre, esta tarde, no 2.º Tribunal Militar Territorial, em Santa Clara, o julgamento de Belchior Monforte Pinho de 36, anos, casado, natural de Roiz, Chaves, ajudante de motorista e autor do crime de homicídio (em 24 de Outubro de 1968) praticado, perto da Cidade Universitária, na pessoa de Salvador dos Santos Ginjeira, de 44 anos, casado, ajudante de motorista, natural de Alcochete e residente em Lisboa, atingido á queima-roupa com tiros disparados com arma de guerra.

O crime, segundo a acusação, foi cometido com requintes repugnantes, que denotam «malvadez e preversão».

Além do crime de homicídio voluntário, com muitas agravantes, o réu responde pelos de compra ilegal, porte e uso de arma proibida (pistola Savage, de calibre 7,65, classificada «de guerra»).

O criminoso tem como seu patrono o dr. Luís Varela Cid. Há três declarantes, três testemunhas de acusação e dez de defesa.

CHOQUE DUM AUTOMÓVEL COM AS TRASEIRAS DUMA FURGONETA

ABRANTES, 8 — Na berma da Estrada n.º 118, perto da freguesia do Pego, deste concelho, estacionava por falta de gasolina a furgoneta de José Pedro Alarico, comerciante, do Tramagal.

Em direcção a Castelo Branco, seguia o automóvel guiado por Joaquim Maria Pereira dos Santos, de 35 anos, casado, de Monsanto — Alcanena, acompanhado de Domingos Pinheiro Henriques, de Minde, ambos montadores de máquinas têxteis. Devido a encandeamento provocado por uma réstia de sol, o automóvel foi chocar violentamente com as traseiras da furgoneta, enfeixando-se ambos os veículos.

No choque violento, ficaram feridos com certa gravidade, os dois viajantes, que sofreram fracturas de costelas, de crânio e outras contusões.

Recebidos os primeiros socorros no Hospital desta localidade, seguiram para a Casa de Saude de Torres Novas. O automóvel ficou muito danificado e tomou conta da ocorrência a P. V. T. do posto de Barreiras do Tejo.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ESTÚDIO

TITULO: «Três quartos em Nova York» («Trois chambres à Manhattan»).
REALIZAÇÃO: Marcel Carné, 1965 (França).
INTÉRPRETES: Annie Girardot, Maurice Ronet, Otto E. Hasse, Roland Desaffre, Gabrielle Ferzetti, Geneviève Page, etc.

Quando se fala de Marcel Carné é óbvio que se fala de «Drôle de drame» (1937), «Quai des Brumes» (1938), «Le jour se lève» (1939), «Les visiteurs du soir» (1942) ou «Les enfants du paradis» (1945). Quando se fala de Marcel Carné pensa-se, portanto, em um certo tipo de «realismo poético» (*préverteano*, certamente...) que marcou no cinema francês toda a segunda metade da década de 30 e os inícios da de 40. Quando se fala de Marcel Carné não se está referindo (necessàriamente) «Três quartos em Nova York», filme velho e obsoleto, dirigido (em 1965) por um Carné senil e melodramático. A verdade é que o Marcel Carné de 1965 é simplesmente inexistente.

Baseado num romance de Georges Simenon, criador do célebre inspector Maigret, «Trois Chambres à Manhattan» é um filme insuportàvelmente entediante, rodado (nalguns dos seus exteriores) em Nova York, mas que nunca consegue ultrapassar a visão pitoresca de uma América do lugar-comum e da demagogia barata. O que é tanto mais grave quanto o filme se pretende impor como uma obra de «clima humano» e de pesquisa de uma interioridade que é ali sempre falseada.

Que o romance de Simenon poderia dar um filme curioso, nada no-lo impede de acreditar: um jovem actor francês parte para Nova York, procurando esquecer o tempo passado com uma mulher que o deixou. Num bar de Manhattan vai encontrar Kay, uma outra francesa á deriva (aqui tudo á deriva no filme, como veremos...) num oceano de desespero e

(Continua na 8.ª página)

teatro VARIEDADES TELEF. 32 60 37

O ÊXITO DA ALEGRIA E DO BOM GOSTO

HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 20,45 23 HORAS
DOMINGOS MATINÉE ÀS 16 HORAS

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO!

RIA COM:
AIDA ● C. COELHO
ELOINA ● SPINA
MAX ● ANITA
CARDINALI
ESPADINHA
M. FRANCO
e a grande atracção nacional ANTÓNIO CALVÁRIO à frente de um grande elenco

Um sensacional «BALLET» internacional

GRAÇA! CRÍTICA! MONTAGEM DESLUMBRANTE LINDAS MULHERES

Uma produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado

ADULTOS

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
DOMINGO, 11 DE JANEIRO, ÀS 11 HORAS DA MANHÃ
CONCERTO PELA
BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.
Direcção: MAESTRO CAPITÃO SILVA DIONÍSIO
PROGRAMA
REI ESTEVÃO (OP. 117) — Abertura — BEETHOVEN ☆ 1.ª SINFONIA OP. 21) — BEETHOVEN ☆ PRELÚDIOS — Suite — PIEDADE VAZ — 1.ª Audição pela Banda) ☆ TOSCA — Selecção — PUCCINI
Distribuição gratuita de bilhetes a partir de hoje
Maiores de 6 anos
Durante a execução de qualquer dos numeros do programa não é permitida a entrada na sala de espectáculos

HOJE, ÀS 20,45 E 23 H.

EM 4.º MÊS! A COLOSSAL REVISTA

ADULTOS

MARIA VITÓRIA

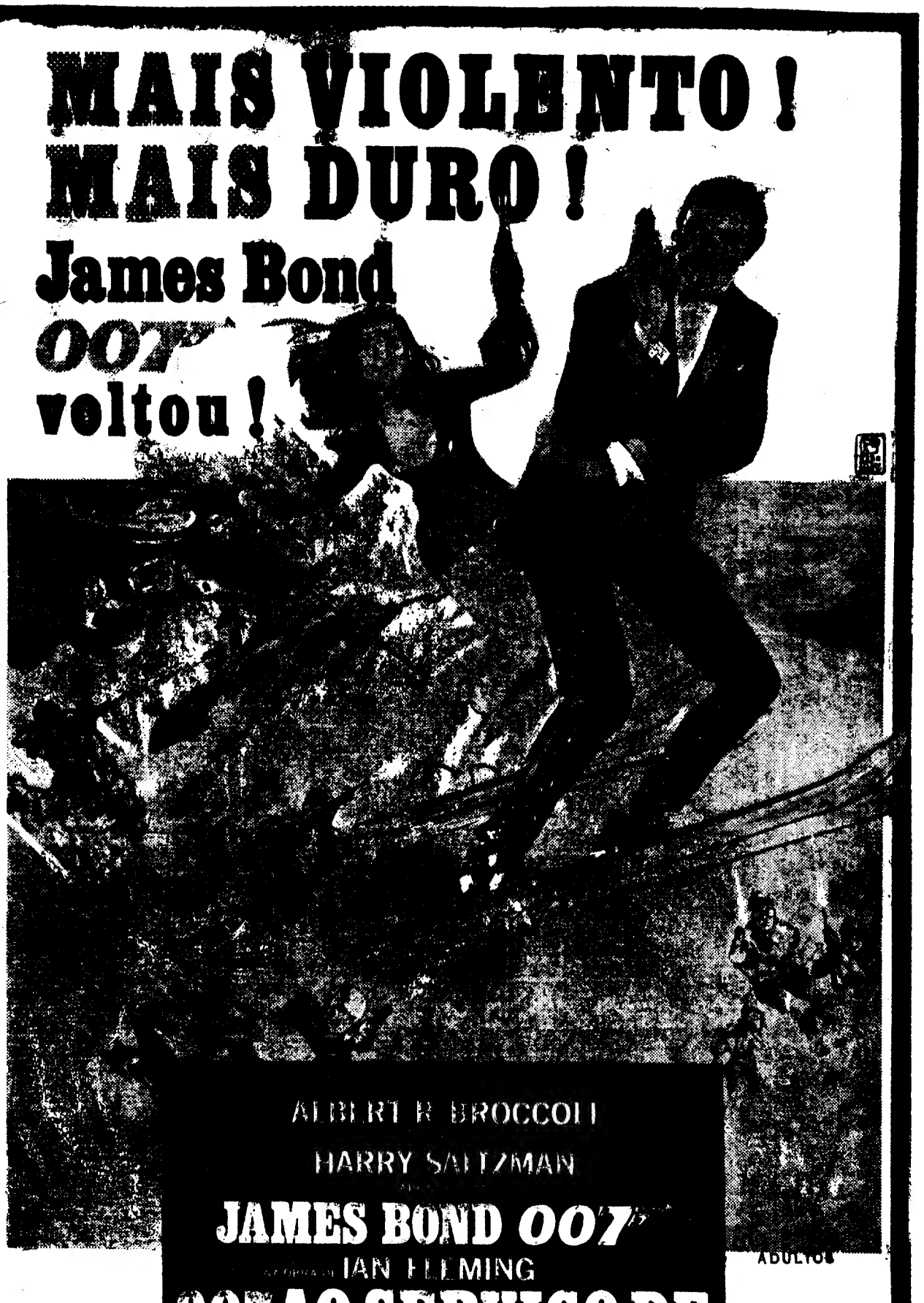
ESPERTEZA SALOIA

SALVADOR ★ JOSÉ VIANA ★ MARIEMA ★ BARROSO LOPES ★ DORA LEAL ★ e as atracções HELENA TAVARES ● «THE MELODIES»

Um espectáculo de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado

HELENA TAVARES no fado «Quando a Noite Vem»

DOMINGO «MATINÉE», ÀS 16 H.



ALBERT R BROCCOLI
HARRY SALTZMAN
apresentam
JAMES BOND 007
de IAN FLEMING
007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
ON HER MAJESTY'S SECRET SERVICE
com
GEORGE LAZENBY · DIANA RIGG · TELLY SAVALAS

UM ÊXITO FORA DE SÉRIE
PARA O MAIS EXCITANTE FILME DA FABULOSA SÉRIE 007
2.ª SEMANA
DE LOTAÇÕES ESGOTADAS

ADULTOS

SÃO JORGE — Programação AS Rank — AS 15 — 18.15 E 21.30

AS 15.30 E 21.30
SÁBADOS E DOMINGOS AS 15.15-18.30-21.30

United Artists
ROMA

Veja este filme, nos cinemas São Jorge ou Roma ou, ainda, em breve no São João ou Aguia de Ouro do Porto, e candidate se a um AUTOMÓVEL Ford Escort Modêlo DeLUXE!

EM 2.º ANO DE ÊXITO

(RECORDAMOS QUE A PEÇA FOI ESTREADA EM 1969 E ESTAMOS EM 1970)

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

ADULTOS

VASCO MORGADO
APRESENTA
HOJE, 2 SESSÕES
Às 21 h. e às 23 h.
com
IO APOLONI ● ARTUR SEMEDO ● FERNANDA BORSATTI ● VASCO DE LIMA COUTO ● YOLA ● DAVID SILVA ● GEORGINA CORDEIRO ● ROLANDO ALVES ● MARIA ● e a colaboração de MARIA PAULA
ESCULTURAIS BELEZAS FEMININAS
NU ALEGRE ESPECTACULO DE
GARGALHADAS

DIAS 12, 13 e 14 DE JANEIRO, ÀS 6.30 HORAS (M. 17 anos)
APRESENTADO E REALIZADO POR NORBERTO BARROCA
Teatro de choque de ARRABAL
«FANDO E LIS»
A peça que a crítica assinalou como um dos melhores espectáculos do passado ano, quando da sua estreia na Casa da Comédia ■ 50% de desconto para estudantes

Tone Brulin — o teatro está a sofrer uma viragem em Portugal

ENCONTRO COM TONE BRULIN

«Para renovar o teatro é preciso inspirar-se no teatro»

Não podemos renovar o teatro se não nos inspiramos no teatro — afirma Tone Brulin, o actor, encenador e dramaturgo belga que há dias se encontra em Lisboa para dirigir um breve curso sobre Grotowsky. Brulin, que conheceu Grotowsky em 1963 durante um congresso de teatro realizado em Varsóvia (no qual tomou parte também o actor português Rogério Paulo), começou desde essa data a interessar-se pelas pesquisas do encenador polaco e do seu «teatro pobre».

— *Para Grotowsky* — diz Brulin — *o problema consiste em conseguir que o actor seja o fim do teatro. Um dos erros em que se cai fàcilmente, quando se faz esta afirmação é o de se perguntar: «Mas então, deverá o teatro prescindir do texto?». O raciocínio que leva a esta pergunta está errado. O problema não é este. Não se pretende suprimir o texto, mas apenas que ele apareça na altura em que o actor dele tiver necessidade, e na medida em que essa necessidade o exija. Significa isto que o actor é o objecto do teatro, e não um servidor de textos, quaisquer que eles sejam.*

À alusão da importância do texto na concepção de teatro brechtiana, Tone Brulin responde: *Esse é um problema de Brecht...*

Em busca de uma expressão total

Quem é Tone Brulin? Nascido em Antuérpia em 1926, o autor de «O olho de giz» (que a Casa da Comédia já levou à cena, numa encenação sua com interpretação de Carmen Gonzalez) é, com Hugo Claus, um dos dois dramaturgos mais importantes do teatro belga de expressão flamenga. Além de «O olho de giz» é autor de «Os cães» (editado em português pela «Prelo»,) da peça «Fazer perguntas a uma criada», representada em Portugal pela Companhia de Teatro de Hoje (dirigida por Rudi Van Vlanderen, durante o Festival da Casa da Imprensa), «Tractor Dimitri» e «O escudeiro da violência».

Actualmente é professor da secção flamenga do Instituto Superior de Arte dos Espectáculos e realizador da Televisão. Dirigiu cursos na Universidade de Utrecht, escola de teatro de Arnhem, Antioch College, Institute of American Indian Arts e Bennington College. Recentemente foi galardoado com o Prémio Hustinx, da Associação dos Autores Holandeses e Flamengos.

O curso que Tone Brulin tem estado a dirigir em Portugal termina no sábado. Nele tomaram parte jovens estudantes de teatro, alguns deles do Conservatório.

— *Procurei neste curso desenvolver nos actores o sentido da procura do seu eu adormecido, da busca de uma expressão total. Não sòmente da expressão corporal ou da expressão verbal, mas de uma expressão total, decorrente de um processo de interiorização. É bem evidente que o tempo é escasso e o curso não poderá significar, portanto, mais que uma iniciação. Espero, no entanto, que venha a produzir resultados.*

Teatro de laboratório e teatro popular

Que significado tem, neste momento, em Portugal, o método de Grotowsky? Brulin declara, a propósito:

— *Penso que justamente em Portugal, onde o teatro está a sofrer nitidamente uma viragem, tem importância experimentar e divulgar as pesquisas que estão a ser feitas ao nível do teatro mais evoluído. Bem entendido que o teatro de Grotowsky é um teatro de laboratório, destinado a pequenos públicos, e com o fito de experimentar processos e caminhos. Grotowsky é um espírito rigoroso e científico. As suas procuras no campo do teatro correspondem a esta característica. O seu fim não pode ser, portanto, adaptado a um teatro popular, para grandes públicos e correspondendo a uma necessidade social. Mas há que discernir entre estas duas espécies de teatro. Tal como na ciência há lugar para as pesquisas e, posteriormente, para as suas aplicações, assim deverá suceder no teatro. Creio que isso se torna necessário em qualquer sociedade.*

Em que medida aplica Tone Brulin a sua experiência com Grotowsky no trabalho que desenvolve habitualmente no campo teatral do seu país?

— *Em nenhuma medida* — responde o encenador. — *São coisas diferentes*

Tentando uma localização do «teatro pobre» de Grotowsky — ou seja o teatro reconduzido a actor, aos seus exclusivos processos de criação e de recriação, no caminho do mágico — Tone Brulin diz:

— *Grotowsky encontra-se, de certo modo, pelo espírito científico e pelo recurso ao actor, numa posição que decorre de Stanislawsky, embora não se deva deduzir, evidentemente, qualquer proximidade com o teatro naturalista. Pode também dizer-se que Grotowsky está próximo de Artaud, mas o criador do «teatro da crueldade» tem-lhe merecido críticas, porque tudo o que ele pretendeu dizer em tom vago e poético é em Grotowsky um exercício rigoroso e científico.*

Tone Brulin, que logo à noite profere uma conferência na Casa da Comédia, deixará Lisboa no próximo sábado. Brevemente deslocar-se-á a Curaçao, onde vai, a convite do Governo holandês, organizar uma companhia de teatro profissional, de expressão «papiamento», a língua que se fala naquela ilha, tal como em Trinidad-Tobago.

— *J. B.*

CAPITÓLIO
TELEF. 320379
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
O PECADO DE JOÃO AGONIA
de B. SANTARENO
HOJE ÀS 21.45 HORAS
Adultos
SÁBADO E DOMINGO
ÚLTIMAS TARDES

arp

No início de um novo ano
veja como vou crescer.
Faça que o seu capital cresça
no mesmo ritmo.
Compre TÍTULOS DE OCUPAÇÃO
e em dez anos
quase triplica o seu dinheiro.

12%

10%

9%

8%

ANOS 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

TORRALTA
UM LUGAR PARA SI
UMA SOCIEDADE PARA TODOS
Av. Duque de Loulé, 66-A
LISBOA
Telefs. 5 17 48 - 55 56 81
5 44 79 - 4 21 39

PRAIA DE ALVOR — PORTIMÃO
Telefs. 3128 - 3211
3212 - 3251 - 3252
LAGOS • HOTEL GOLFINHO • PRAIA D. ANA
Telefs. 302 - 481 - 482

A PRÓXIMA TEMPORADA DO TEATRO S. CARLOS

A temporada oficial de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos vai ter a sua inauguração no dia 23. Concebida dentro dos moldes habituais, a temporada de 1970 trará a Lisboa grandes nomes do mundo lírico, alguns dos quais actuam pela primeira vez no nosso País, e apresentará obras do chamado repertório tradicional e obras modernas.

A série alemã inclui as óperas «Ariana em Naxos», de Richard Strauss e «Tanhauser», de Rinhard Wagner; a musica lírica portuguesa não foi, como de costume, esquecida, pois será cantada, por artistas portugueses, a ópera «Penélope», de Sousa Carvalho, um dos maiores nomes da nossa musica; «Os Contos de Hoffmann», de J. Offenbach, e a obra-prima do teatro lírico contemporaneo «Os Diálogos das Carmelitas», de Francis Poulenc, constituem a série francesa; finalmente, a série italiana será constituída pelas óperas «Falstaff» e «Ernani», de Verdi, «Lucia de Lammermoor», de Donizetti, e «La Bohéme», de Puccini.

Á frente da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, actuarão durante a temporada os maestros Oliviero de Fabritiis, Kamn, Wolf Ferrari, Deynald Giovanninatti, Jean Claude Hartemann, Joaquim Silva Pereira e Friedrich Pleyer, personalidades de prestígio e carreiras internacionais. As encenações foram confiadas aos registas Louis Erlo, Tito Gobbi — o grande cantor que volta este ano a Lisboa como intérprete e se estreia entre nós como encenador após os seus sucessos em Inglaterra e nos E. U. A. — Karlheins Haberland, Vittorio Pattané, Carlo Maestrini, Tomás Ribas e Lofti Mausouri.

Os maestros Mário Pellegrini e Carlo Pasquali ensaiaram e dirigem o Coro do Teatro de S. Carlos e a parte coreo-

(Continua na 10.ª página)

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 5.ª página)

solidão. Sempre com Manhattan como pano de fundo, iremos assistir ao diálogo entre estas duas solidões, até ao encontro final propiciatório de um possível *happy end*. Kay, por seu turno, fora casada com um embaixador, a quem deixara para fugir com um jovem «gigolo», e atravessa um período particularmente grave da sua vida. Annie Girardot tem o talento necessário para, por vezes (nem sempre...), extrair da figura aquele sorriso amargo que a consegue impor (por instantes). Mas tudo é mau neste filme:

a) velho: construído segundo uma estética dos anos 30 e segundo uma «psicologia» primária e fossilizada em ideias feitas, «reacções típicas», etc. Neste aspecto, toda a estrutura da obra, desde os enquadramentos até á montagem, é um autêntico manual de cinema velho (um enquadramento com um telefone em primeiro plano e a jovem que se aproxima pelo lado direito do *écran*; uma janela aberta, vendo-se em profundidade de campo os actores movimentand-se no interior do quarto; o processo de representação, estático, extremamente *significativo*; uma montagem que une os planos de forma perfeitamente diabólica, para assim extrair *relações* muito sublinhadas pelo actor; etc.);

b) pretensioso: a obra é, ainda, extremamente pretensiosa, por toda essa carga de intencionalidade, colocada sobre motivos perfeitamente anódinos e pueris;

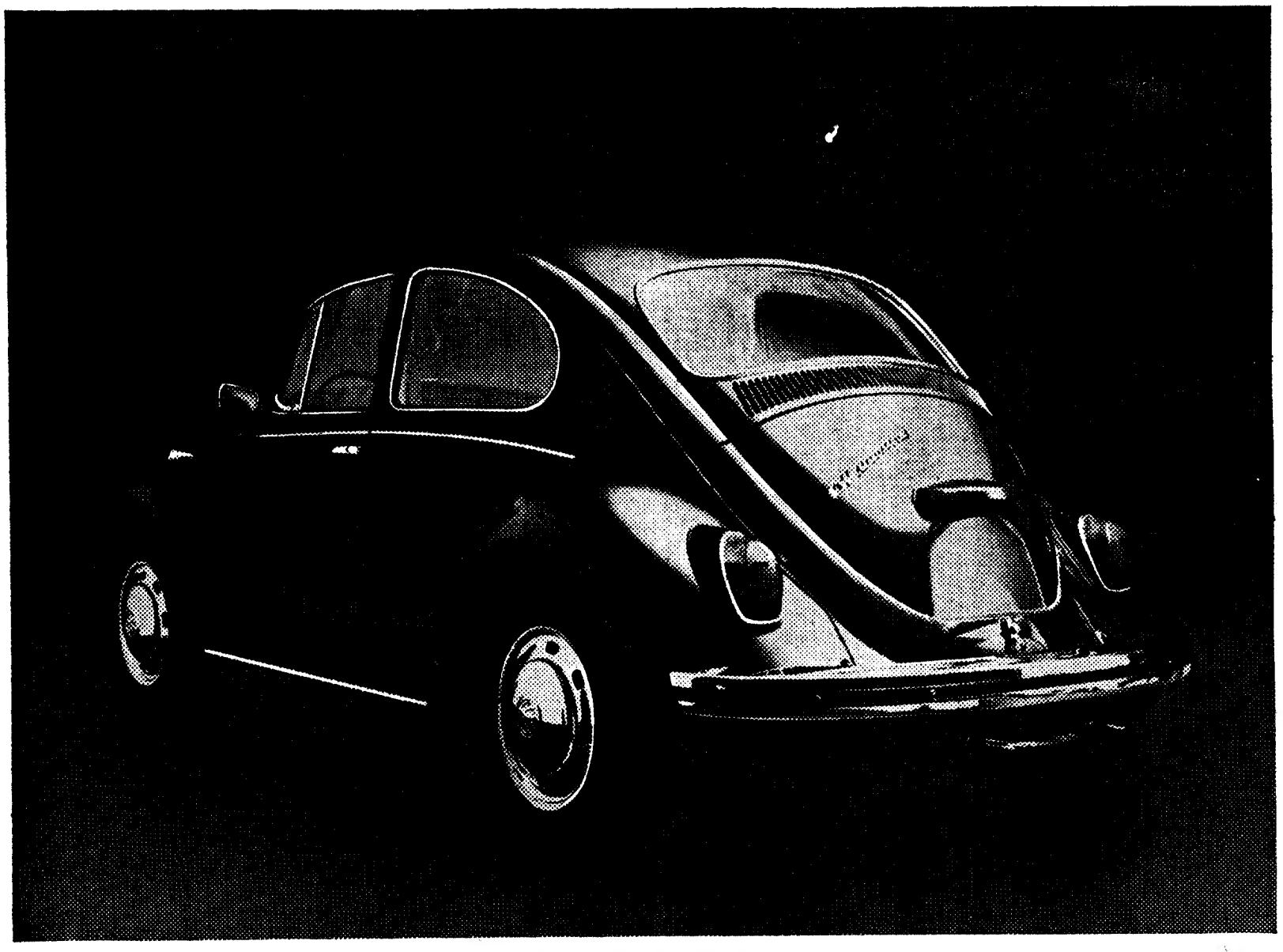
c) literário (o que, em certa medida, é uma consequência de uma estética *velha*, e tem como causa um certo tom *pretensioso*) no tratamento das sequências, dos diálogos e na tentativa de descrição de um clima «poético» que é inteiramente postiço, exterior ao próprio tema, exterior ás figuras, exterior ás situações, etc.;

d) demagógico: «Três quartos em Nova York» não é só demagógico na maneira como pretende orientar (leia-se: guiar, conduzir) o espectador segundo um determinada perspectiva, como, sobretudo, é um filme que tenta impor (*a priori*) uma ideia da América, servindo-se para tanto de processos nada correctos (referências fáceis á televisão, aos jogos, ás caixas de música, ás sirenes que chegam continuamente até nós e obrigam os actores a fechar repetidas vezes as janelas para adquirirem aquela «serenidade» de que tanto sentem a falta, etc.).

Para além de tudo, este filme prosaico é, ainda, invulgarmente mal realizado, cheio de imperdoáveis erros de *raccord*, de transparências mal concebidas, de trucagens evidentes, etc. Dos intérpretes muito haveria a dizer: Maurice Ronet é insuportável (não por culpa própria, mas por aquilo que o obrigam a dizer e fazer); Annie Girardot chega a ser enternecedora, tal a força interior que ela empresta a uma figura totalmente estereotipada; Otto E. Hasse marca a sobrevivência de um reinado e define um estilo. Quanto a Rolland Desaffre (Pierre) e Margaret Nolan (June), os seus papéis são de tal forma dramáticos e, simultâneamente, mal interpretados, que a plateia de ontem á noite os correu á gargalhada. Que é, aliás, a melhor forma de correr com esta fita intragável do muito velho Marcel Carné, a qual, mercê das circunstâncias e das situações, bem se poderia chamar «*Whisky e Gauloises Bleues*».

LAURO ANTÓNIO

Conte, amanhã mesmo, as vezes que tem de desembraiar e fazer mudanças. Só assim fará uma ideia das maçadas que um Volkswagen automático lhe poderia poupar.



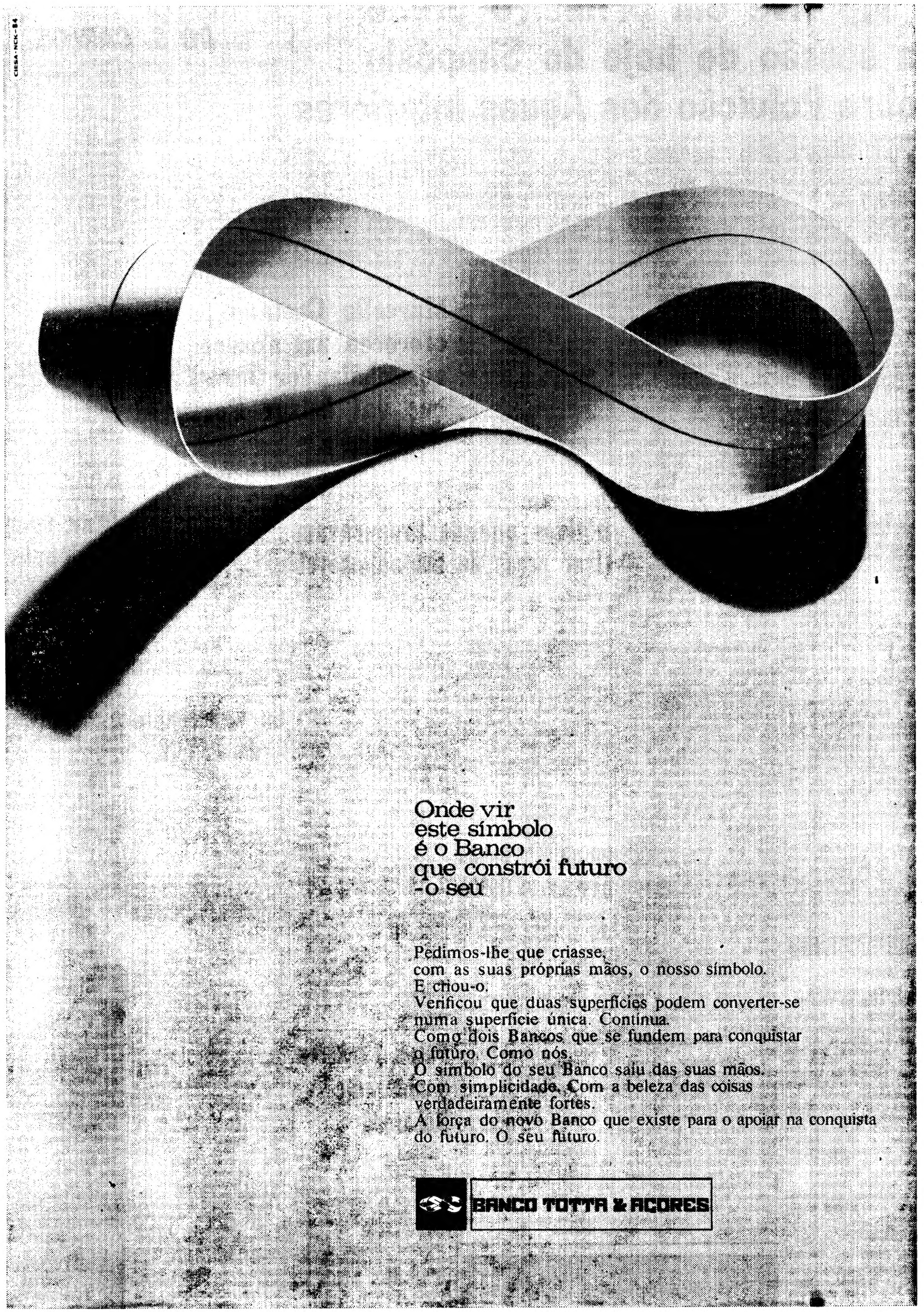
Ao conduzir um VW Automático, notará uma diferença como do dia para a noite e verá como é admirável e confiante nada mais ter de fazer do que conduzir, acelerar ou travar.
E com esta pequena experiência lá se vai o preconceito de que são pouco desportivos os carros automáticos!
A verdade é que com o VW Automático conduzirá com muito mais agilidade e fibra do que com as mudanças tradicionais. Não tem de embraiar e desembraiar, uma vez, dezenas, centenas!
E não se esqueça dos engarrafamentos, dos seus nervos ...
Experimente o VW Automático e verá que, levar a vida mais fàcilmente e com mais satisfação, não é apenas o previlégio de alguns ...

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L. — Av. da Liberdade, 12 — Telefs. 36 67 51/7 - 37 01 71/5 • Lisboa

FILIAIS OU AGENTES EM: ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BRAGA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA (AV. PADRE MANUEL DA NÓBREGA — R. DA ESCOLA POLITÉCNICA), MIRANDELA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU, ANGRA DO HEROISMO, BISSAU, FUNCHAL, HORTA, PONTA DELGADA, S. TOMÉ

Em VENDAS NOVAS o «DIÁRIO DE LISBOA», encontra-se á venda na PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Madruga — Praça da Republica, 72.

CIESA - NCK - 84



Onde vir
este símbolo
é o Banco
que constrói futuro
-o seu

Pedimos-lhe que criasse,
com as suas próprias mãos, o nosso símbolo.
E criou-o.
Verificou que duas superfícies podem converter-se
numa superfície única. Continua.
Como dois Bancos que se fundem para conquistar
o futuro. Como nós.
O símbolo do seu Banco saiu das suas mãos.
Com simplicidade. Com a beleza das coisas
verdadeiramente fortes.
A força do novo Banco que existe para o apoiar na conquista
do futuro. O seu futuro.

BANCO TOTTA & ACORES

O rio Ave em primeiro plano na sessão de hoje do Simpósio sobre Poluição das Águas Interiores

Prosseguiu hoje, ao longo do dia, o I Simpósio Nacional sobre Poluição de Águas Interiores, que ontem foi inaugurado, nas instalações da Feira Internacional de Lisboa.

Diversos organismos, oficiais e privados, interessados no estudo do problema que preocupa governos de todo o mundo, participam na reunião.

Na sessão de hoje usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. eng.º sanitário Renato Berger, que apresentou a comunicação «Detergentes sintéticos», na qual se referiu, especificamente, á poluição das águas interiores e seus reflexos nas pescas continentais.

O eng.º Renato Berger preconizou os seguintes tipos de disposição, «a serem tomadas já no conjunto dos países civilizados»: Medidas de prospecção, estatísticas e laboratoriais para obtenção dos elementos de base; medidas de polícia e regulamentação sobre o abandono ou lançamento de esgotos de todos os tipos (com principal incidência sobre os de certas indústrias) e mesmo dos afluentes dirigidos para sistemas públicos de tratamento de esgotos; e medidas de política industrial e comercial dirigidas á produção e importação exclusiva de detergentes biodegradáveis, não sendo permitidos os detergentes que não obedeçam a esta propriedade.

Após a breve intervenção do eng.º Renato Berger, foi projectado, a ilustrar a sua comunicação, o filme «Detergentes biodegradáveis», falando, seguidamente, o eng.º silvicultor Luís Silveira Whytton da Terra, da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, que deu á assembleia «Alguns índices de poluição no Rio Ave».

O eng.º Whytton da Terra, que, ao longo do seu trabalho de 62 páginas, se referiu ao problema em profundidade, desde as características gerais da bacia do rio Ave, á sua hidrografia, geologia, pluviosidade, centros urbanos, estabelecimentos industriais, oxidabilidade, condutividade eléctrica, etc., chegou, depois, ás conclusões, entre as quais avulta a seguinte:

«Dada a razoável concentração de estabelecimentos industriais em vários pontos da bacia do rio Ave, parece indicado para este caso o tratamento de afluentes industriais em conjunto para cada área, em estações comuns. Nestas condições, o tratamento torna-se bastante mais económico do que sendo feito em estações individuais para cada fábrica e pode ser entregue a empresas particulares, com fins lucrativos, como é vulgar fazer-se na Alemanha, ou ficar a cargo da administração municipal em conjunto com os efluentes urbanos tratados em estações que são o complemento indispensável das redes de saneamento, habitualmente ao cuidado dos serviços municipalizados, a exemplo do que em geral se usa em França»

Usou, depois, da palavra o eng.º silvicultor Joaquim António Soares Soeiro, director da Estação Aquícola, que falou acerca da «Industrialização do rio Ave».

Afirmou, a determinada altura, o eng.º Soares Soeiro:

«O caminho a percorrer é, indubitàvelmente, acidentado, escabroso e, por isso, talvez poucas empresas manufactureiras estejam dispostas a trilhá-lo de bom grado. Mas, de boa ou má vontade, não poderão deixar de o fazer um dia, se os sectores do Estado que superintendem no assunto ou puseram o seu veto ás tentativas que elas vão fazendo para se aguentarem na procela que as fustiga, apenas á custa das privações e dos sacrifícios dos que nenhuma culpa têm dos erros cometidos em muitos anos de inconsequente euforia.»

E disse o dr. Soares Soeiro, antes de terminar:

«A industrialização do rio Ave e dos seus afluentes constituiria um precedente gravíssimo, de que os outros sectores industriais não deixariam de se aproveitar para converter em letra morta toda a legislação promulgada e a promulgar para defesa das águas públicas contra a poluição.»

E, a finalizar, acrescentou:

«... Pode chegar-se á conclusão de que importa assumir, oficialmente, uma posição de manifesta discordância perante todas as tentativas que visem a inutilização de rios, tão importantes para as regiões que atravessam, e solicitar ao Governo providências enérgicas no sentido de todas as empresas que lançam os esgotos dos seus estabelecimentos fabris nos mesmos cursos de água serem compelidas a montar sistemas adequados de tratamento, de acordo com as disposições legais e regulamentares que condicionam, entre nós, a evacuação de várias categorias de efluentes nas águas públicas.»

Após a interrupção para o almoço, o simpósio prosseguiu, da parte da tarde, com as comunicações «A água ruça (sua caracterização físico-química no que diz respeito á poluição aquática), do eng.º Manuel Alves Peixoto Correia, engenheiro silvicultor da Estação Aquícola; «O tratamento de águas em leito de lamas activadas», pelo eng.º químico industrial J. M. Sarafana, da Direcção-Geral dos Combustíveis e Reactores Nucleares, e, ainda, o trabalho do dr. António Ortins Bettencourt e dr.ª Maria Carolina Vaz Carreiro (licenciados em Físico-Química e em Ciências Biológicas, respectivamente) acerca de «Aspectos da poluição radioactiva dos rios e do seu «contrôle».

Também os eng.os civis Santos Gonçalves e Alves de Figueiredo, da Direcção-Geral dos Serviços Industriais, apresentaram o trabalho «Como organizar a luta contra a poluição».

O simpósio, organizado pela Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, sob a sugestão da F. A. O., prossegue amanhã, ás 10 horas.

A PRÓXIMA TEMPORADA DO S. CARLOS

(Continuação da 8.ª página)

gráfica das óperas que a exigem está a cargo dos Bailados do Centro de Estudos de Bailado do Instituto de Alta Cultura, sob a direcção de Margarida de Abreu. Todas as óperas terão cenários de mestre Alfredo Furiga.

E porque os últimos serão os primeiros, faça-se agora alusão a alguns dos grandes cantores que, na próxima temporada, actuarão em Lisboa. Entre os artistas de fama internacional que novamente voltam ao palco do S. Carlos destacam-se Fedora Barbieri, a portuguesa Regina Dinis da Fonseca, Adriana Maliponte, Lídia Marimpietri, Solange Michel, Theresa Stich-Randall, Antonietta Stella, Ugo Benelli, Seato Buscantini, Renato Capechi, Agostino Ferrin, Tito Bobbi, Gian Giacommo Cuelfi, Ernst Kozub, Alfredo Kraus, Piero de Palma, Eugene Tobin, Aldin Venzo, Eduard Wollitz, etc. O nosso público vai ter oportunidade de apreciar pela primeira vez os famosos cantores Helga Bernesch, Bella Jasper, Rita Maria Lill, Claudia Parade, Rachel Yekar, Federico Daviá, Veriano Buchetti, Louis Rialand, Mario Rinaudo, Alberto Voli e Amadeo Zambon bem como, ainda, os distintos cantores Elena Baggiore, Rosina Cavicchioli, Wolfgang Anheisser, etc.

Como não podia deixar de ser e se justifica, não foram esquecidos os nossos melhores cantores líricos e assim actuarão na próxima temporada os consagrados artistas Regina Dinis da Fonseca, Zuleika Saque, Helena Claudio, Ana Lagoa, Maria Cristina de Castro, Raquel Botelho Beatriz Horta, Maria Luísa Viegas, Álvaro Malta, Armando Guerreiro, Luís França, Carlos Fonseca, Fernando Serafim, Manuel Leitão, etc.

Marcello Caetano ofereceu um almoço ao embaixador Ouro Preto que vai deixar Portugal

Na sua qualidade de ministro dos Negócios Estrangeiros, o sr. prof. Marcello Caetano ofereceu, hoje, no Palácio das Necessidades, um almoço de despedida ao embaixador Ouro Preto, que vai deixar o nosso País após dois anos e meio á frente da Embaixada do Brasil em Lisboa.

Ao almoço assistiram o secretário de Estado de Informação e o subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, os embaixadores do Brasil, da Itália, da Argentina e da Holanda, acompanhados das respectivas esposas, antigos ministros e altos funcionários do Ministério.

O Presidente do Conselho encontrava-se ladeado por sua filha, D. Ana Maria Caetano e pelo homenageado, a quem, no final, impôs as insígnias da Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo com que foi agraciado pelo Chefe do Estado.

Detidos quando procuravam tirar peças de um automóvel

Foram detidos esta madrugada, cerca das 4 horas, por um guarda da P. S. P., no cruzamento da Estrada da Circunvalação com a Estrada de Sintra, Álvaro Barreto Pires, de 24 anos, serralheiro, residente na Rua Vieira Lusitano, 44, 1.º, Damaia, e Fernando Jaime Dias da Silva, de 19 anos, também serralheiro e residente na Rua Padre Himalaia, 35, 2.º, igualmente na Damaia.

A captura, efectuada pelo guarda Francisco Costa, foi motivada pelo seguinte: quando aquele passava, de carro, no referido local, viu aqueles indivíduos junto de dois carros ali estacionados. Deteve-se o guarda, procurando averiguar o que havia, mas aqueles indivíduos, mal o viram parar, logo se meteram num dos carros seguindo viagem. O guarda assim fez também. Mais adiante o carro dos dois indivíduos voltou para trás. Com todo o cuidado, procurando não levantar suspeitas, o guarda voltou para trás igualmente e veio a encontrá-los de novo com o carro parado, junto do outro veículo estacionado. Procuravam retirar peças daquele veículo e logo tentaram fugir á aproximação do guarda. Este gorou-lhes, porém, os intentos e prendeu-os. Declararam depois, na P.S.P. que o carro em que se deslocavam lhes fora emprestado pelo seu proprietário Filipe Fragoso, residente na Av. Almirante Reis, 58, 1.º. O outro veículo pertence a António Guerreiro Feliciano, morador na Rua Ernesto da Silva, 119, 2.º, dt.º, em Algés. Quem conduzia o outro veículo era o Álvaro Pires que não possui o necessário documento de habilitação para tal. O caso está a ser investigado.

DIRECTOR DA BANDA DA P.S.P. DE LISBOA

Atingiu hoje o limite de idade o maestro alferes Álvaro de Sousa, director da banda de música da P. S. P. de Lisboa, á frente da qual se encontrava há 24 anos.

O maestro alferes Sousa teve agora, ao abandonar as suas funções, mais um testemunho da amizade e apreço que lhe é dedicado. Ontem, todos os componentes da Banda ofereceram-lhe um almoço de homenagem e despedida num restaurante dos arredores da capital. Hoje, na parada do comando distrital da P. S. P. efectuou-se ao começo da tarde, outra cerimónia, estando presentes o respectivo comandante e oficiais que ali prestam serviço. O alferes Álvaro de Sousa dirigiu então pela última vez a Banda e foi posta em relevo a sua acção á frente daquela durante quase um quarto de século. Seguiu-se um almoço na messe dos oficiais.

Passa à reserva o almirante Roboredo

Amanhã, ás 12 horas, no seu gabinete, o ministro da Marinha despede-se do almirante Armando de Roboredo que, no dia 11, deixa de exercer as funções de chefe do Estado-Maior da Armada por passar á reserva.

Também amanhã, ás 21 horas, com a presença do Chefe do Estado e do ministro, os oficiais generais da Armada oferecem, na Escola Naval, um jantar de despedida ao almirante Roboredo.

Os vencimentos da P. V. T.

O «Diário do Governo» insere hoje a actualização dos vencimentos da P. V. T. Compreendem esses vencimentos 5/6 como vencimento de categoria e 1/6 de vencimento de exercício. Os valores a receber por cada agente são os seguintes (a verba indicada em segundo lugar corresponde a gratificação especial e a indicada em 3.º lugar a subsídio de fardamento, nos casos em que está previsto):

Categoria H — Comissário principal, 7800$00 mais 550$00; *J* — Primeiro-comissário, 6500$00 mais 500$00; *L* — Segundo-comissário, 5200$00 mais 460$00.

Graduados e guardas: Chefe de esquadra, 4100$00 mais 400$00 e mais 200$00; *P* — Subchefe-ajudante, 3500$00 mais 300$00 e mais 150$00; Primeiro-subchefe, 3500$00 mais 300$00 e mais 150$00; *Q* — Segundo-subchefe, 3200$00 mais 200$00 e mais 150$00; Guarda de 1.ª classe ou segundo-cabo da Guarda Nacional Republicana com mais de cinco anos, 2550$00 mais 150$00 e mais 150$00; Guarda de 1.ª classe ou segundo-cabo da Guarda Nacional Republicana com menos de cinco anos, 2400$00 mais 150$00 e mais 150$00; Guarda de 2.ª classe ou soldado da Guarda Nacional Republicana com mais de cinco anos, 2300$00 mais 150$00 e mais 150$00; *U* — Guarda de 2.ª classe ou soldado da Guarda Nacional Republicana com menos de cinco anos, 2200$00 mais 150$00 e mais 150$00.

Mau tempo no Norte

PORTO, 8 — Depois de uma ligeira melhoria, o mau tempo faz-se sentir de novo. A chuva tem caído com abundância (das 9 horas de ontem a igual período de hoje a precipitação foi de 19 milímetros) e o vento forte atingiu, ás 5 e 13 da madrugada, a rajada máxima de 101 quilómetros horários.

O mar está bastante agitado. Não obstante isso, o porto de Leixões e a barra do Douro mantêm-se abertos à navegação. Contudo, e devido a essa agitação, as traineiras que constituem a frota pesqueira de Matosinhos — cerca de 130 — não saíram para a sua faina habitual. Apenas se encontram no mar, os arrastões da pesca.

As vagas alterosas não permitiram, igualmente, a saída das pequenas embarcações dos portos de Viana do Castelo, da Póvoa do Varzim e da barra de Vila do Conde.

O Tejo volta a subir

SANTARÉM, 8 — Novo aumento registado nas escalas hidrométricas de Vila Velha de Ródão e Santarém constituiu, hoje, prenúncio de larga cheia do Tejo em todo o Ribatejo.

Em Ródão, onde a escala marcava, ontem, ás 21 horas, 2,34 metros, o nível registava, esta manhã, ás 9 horas, 9,10 metros. Em Santarém, registaram-se ás 3 e ás 9 horas, respectivamente, 3,90 metros e 4,13 metros.

O Dique d'El-Rei foi novamente galgado pelas águas, cerca das 9 e 30 de hoje.

Entretanto, as estradas Ribeira de Santarém a Alcanhões e as do Reguengo do Alviela a Pombalinho continuam cortadas pelas águas.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Emília Albertina Martins Lhansol Mendes

ABRANTES, 8 — Faleceu aqui, onde se encontrava em casa da sua filha, a sr.ª D. Emília Albertina Martins Lhansol Mendes, viuva, de 85 anos, natural de Tomar. Era mãe da sr.ª D. Adelaide Aurora Lhansol Mendes, casada com o sr. dr. Carlos Ilídio Miranda Mendes, médico e subdelegado de Saúde nesta cidade, e do sr. Acácio Lhansol Mendes, funcionário das Caixas de Previdência, em Santarém, casado com a sr.ª D. Antónia Mendes.

Foi a enterrar no cemitério local, com grande acompanhamento.

SUFRÁGIOS

Gabriel Pinto da Cunha

Sua família participa que, amanhã, ás 12 horas, na igreja dos Anjos, será celebrada missa do 7.º dia, pelo seu eterno descanso.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Por 20$00 leia
A Brasileira
TINTIM POR TINTIM
Um humor diferente!

As taxas de estacionamento nos parques de Lisboa

O sr. general França Borges, presidente da Camara Municipal de Lisboa, enviou-nos o seguinte ofício, com data de 6 do corrente:

«Tendo o jornal de que V. é muito ilustre director feito há dias referência ás taxas de estacionamento e guarda de veículos nos parques públicos de Lisboa, junto uma nota comparativa das taxas actuais e das que anteriormente estavam em vigor.

Informo ainda que aquelas taxas foram criadas pelo Código da Estrada aprovado pelo Decreto-Lei n.º 39 672, de 20-5-954, e que no ano de 1955 as taxas relativas a 4 e a 24 horas eram já de 1$50 e 2$50, respectivamente.

Metade das importancias cobradas pertence á Camara e a outra metade á Polícia de Segurança Pública, se os parques forem guardados por ela.»

A nota comparativa a que se refere a carta do presidente do Município lisboeta especifica os preços antigos e actuais cobrados nos parques de estacionamento da capital aos diferentes tipos de veículos.

Taxa relativa a um período de 4 horas: para velocípedes e motociclos simples, continua a ser de 50 centavos; para automóveis de qualquer tipo passa a ser de 2 escudos (era de 1$50 para os automóveis ligeiros de passageiros e motociclos com carro, de 7$50 para automóveis ligeiros de carga e de 15$00 para automóveis pesados de carga e autocarros de passageiros).

Taxa relativa a um período de 24 horas: para velocípedes e motociclos simples continua a ser de 1 escudo; para automóveis de qualquer tipo passa a ser de 5 escudos (era de 2$50 para automóveis ligeiros de passageiros, de 15$00 para automóveis ligeiros de carga e de 32$50 para automóveis pesados de carga e autocarros de passageiros).

As tabelas da referida nota comparativa segue-se a seguinte observação: «A redução dos 2.º, 3.º e 4.º tipos a um só, resulta de os limites máximos fixados na tabela aprovada pelo Decreto-Lei n.º 49438, de 11 de Dezembro de 1969, serem muito inferiores ás taxas aprovadas e em vigor desde 23 de Janeiro de 1966 para os veículos do 3.º e do 4.º tipos.»

OS NOVOS VENCIMENTOS DO PESSOAL DA P. S. P., DA G. N. R. E G. F.

O «Diário do Governo» publica hoje os decretos que determina os vencimentos da Polícia de Segurança Pública, da Guarda Nacional Republicana e da Guarda Fiscal. O comandante-geral da P. S. P. recebe 14 500 escudos, os comandantes da P. S. P. em Lisboa e da Escola Prática de Polícia 13 000 escudos, o chefe do Estado Maior e o 1.º comandante do Porto 11 600 escudos.

Os agentes recebem: chefe de esquadra, 4100 escudos; primeiro sub-chefe 3350 escudos; guardas de 1.ª classe com mais de 5 anos de serviço, 2550 escudos; os de segunda com mais de 5 anos vencem 2300 escudos, os que tenham menos de 5 anos vencem 2200 escudos e os guardas provisórios 1900 escudos.

Quanto aos oficiais da G. N. R. e da G. F. os vencimentos são os correspondentes aos fixados para os oficiais do Exército. Ser-lhes-ão fixados ainda abonos mensais e gratificações de serviço, por despacho dos ministros do Interior e das Finanças.

Os sargentos e praças têm os seguintes vencimentos: Sargento-ajudante, 3500$00; primeiro-sargento, 3200$00; segundo-sargento, 2900$00; primeiro-cabo, 2600$00; segundo-cabo com mais de cinco anos, 2550$00; segundo-cabo com menos de cinco anos, 2400$00; soldado com mais de cinco anos, 2300$00; soldado com menos de cinco anos, 2200$00 e soldado provisório, 1900$00.

«TENSÕES NA IGREJA» – tema de uma reunião de diplomados católicos

Na Casa de Retiros de S. Mamede, no Largo de S. Mamede, 1, decorre, amanhã, á noite, uma reunião de diplomados católicos. O dr. João de Sousa documentará o tema de estudo: «Tensões na Igreja de hoje».

O programa da reunião é o seguinte: ás 20 horas, jantar (inscrições até hoje, á noite, pelos telefones 705407 e 065628); ás 21 e 30, breve exposição do tema e colóquio, e, ás 23, missa.

Trata-se de uma iniciativa da direcção diocesana da L. U. C./F.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Uma fonte de riqueza

Participando connosco no esforço de fomento da economia nacional, constrói a sua riqueza e ajuda a construir a do país.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.

Segurança total.

Colocação eficaz do seu dinheiro.

Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

ECOS

A figura dominante da fracassada conferência de Rabat foi incontestàvelmente Yasser Arafat, chefe dos corajosos comandos palestinianos, que há cerca de um ano era ainda apenas um obscuro guerrilheiro, escondido nas grutas nocturnas da Jordânia. Georges Menant, jornalista interessado nos acontecimentos da Palestina, escreve no **Match**: «Arafat foi o pólo da conferência de Rabat. E, afinal, o único vencedor, em meio da discórdia geral. Sem nada haver concedido, sem ter sequer declarado o programa da sua «revolução», obteve tudo o que pedia: dinheiro (trinta milhões de libras para 1970), armas, víveres, medicamentos e até a liberdade de circulação em todos os territórios árabes.» Parece, depois disto, que será bem difícil ao Estado de Israel negar a sua existência política. Aliás, se a diplomacia internacional tiver o bom-senso de favorecer autênticas negociações, Yasser Arafat aparecerá como o verdadeiro interlocutor de Israel.

★

MERECEM aplauso a lucidez e a firmeza com que, numa importante discussão, que ficou registada nas páginas do nosso prezado colega «O Século», o arquitecto Vieira de Almeida sustentou a opinião, que inteiramente perfilhamos, da necessidade de se criarem condições para a existência de uma Universidade institucional livre, preferível a quaisquer remendos, por simpáticos que sejam, como unidades culturais paralelas, que, até pelo estabelecimento de hierarquias inevitáveis, nunca chegariam a resolver os problemas fulcrais de uma promoção cultural autênticamente democrática.

O ALUIMENTO EM ENTRECAMPO

SUBSTITUÍDOS POR AUTOCAR (com transbordo no Campo Peque

OS ELÉCTRICOS PARA O LU

«Se estivesse tempo seco, tinhamos trabalho para quinze ou vinte dias. Agora com esta invernia nunca se sabe» — disse-nos, hoje, de manhã, um técnico em serviço nas obras do colector da Avenida dos Estados Unidos da América, onde ontem, á hora do almoço, o rebentamento de vários canos de esgoto provocou um aluimento de terras que por sua vez fez desabar parte do pavimento, «descascando» os carris dos eléctricos e pondo a descoberto os cabos telefónicos.

Este não foi o único acidente a retardar os trabalhos de escoamento pluvial que, uma vez completados, ligarão a zona do Campo Grande a Chelas. Também ontem, cerca das 23 horas, rebentava um colector antigo na mesma avenida próxima agora da de Gago Coutinho. Um fiscal da C M L era arrastado pelo subsequente desprendimento de terras e fazia quatrocentos metros de natação improvisado dentro de um túnel, antes de agarrar-se a providenciais caniços. Chama-se Fernando Antunes Alves mas os colegas crismaram-no já com outro nome: o «morto-vivo».

A entivação do túnel aguentou

O primeiro rebentamento pôs em risco a segurança de oito homens de uma equipa de dezoito que trabalha num dos extremos da Avenida dos Estados Unidos da América, junto á Rua de Entre-Campos. Os operários encontravam-se a doze metros de profundidade, ocupados em consolidar as galerias subterrâneas e precisamente ao pé da ligação dos canos de esgoto que rebentaram.

Mas não chegou a haver desastres pessoais. O imponderável (num ano de trabalhos nunca sucedera o mínimo acidente) foi compensado pela entivação do túnel, que aguentou.

Quanto ás consequências a curto prazo, podemos resumi-las em dois pontos: o empreiteiro (Moniz da Maia & Vaz Guedes) vai proceder ao aterramento do local, que mais parece um enorme buraco cavado por qualquer bomba lançada de avião; e as carreiras de eléctricos para o Lumiar estão interrompidas por tempo indeterminado (um mês? um mês e meio?), indo só até ao Campo Pequeno onde se faz o transbordo dos passageiros para autocarros — com tarifa igual á dos eléctricos.

Desabafo de um trabalhador

— *O que nos preocupa é que o São Pedro se lembrasse de mandar tanta chuva...*

O aluimento soterrou uma pá-escavadora com o peso de tonelada e meia. Eis nova preocupaçao para os operários, que além do mais vão ter que prestar atenção aos descarnados cabos telefónicos.

O «morto-vivo» regressou ao trabalho

O segundo rebentamento, noutro tramo do túnel e perto da outrora chama-

Oito homens trabalhavam a doze metros de profundidade quando os canos de mas vai retardar as obras de escoamento pluvial por

prumo qu
teu. Con
ele, a ág
tas. Assi
parte da
jando e
de uma
tímetros
subterrâr

— *Quan
tor fui a
para bai
ta a cinq
pois aga
niços e
ram-me.
espera n*

O susto
do Alves
bebeu u
aguarden
(nos Oliv
cou «*pata*
história.
não prega
te a no
manhã o
trabalho,
disposto,
cada por
pio de al
é o melho

Actualizados os vencimentos dos governadores civis, presidentes das Câmaras e do pessoal das autarquias locais

Depois de aprovado pelo **Conselho de Ministros, foi enviado para o «Diário do Governo»** um decreto-lei com **o qual** se estabelece a actua**lização** dos vencimentos do **pessoal** das autarquias locais **e** das administrações de bair**ro** de Lisboa e Porto.

«Para esse efeito — afir**ma-se** no introito do diplo**ma** — substitui-se a tabela **de** vencimentos anexa ao Có**digo** Administrativo, na qual **se** incluem, além dos funcio**nários** de carreira do quadro **geral** administrativo dos ser**viços** externos da Direcção-**-Geral** de Administração Po**lítica** e Civil e dos quadros **privativos** das autarquias lo**cais**, das administrações de **bairro** de Lisboa e do Porto **e dos** governos civis, as re**munerações** de algumas ca**tegorias de** pessoal dos servi**ços** especiais das autarquias **locais**.

«Figuram na tabela igual**mente**, como tem sido uso, as **remunerações** dos magistra**dos** administrativos — go**vernadores** civis e presiden**tes e** vice-presidentes das câ**maras** municipais — que não **são** funcionários. Impròpria**mente** por isso foram os go**vernadores** civis incluídos no **mapa** anexo ao Decreto-Lei **n.º** 49 410 e agrupados com **funcionários**, o que podia **deixar a** impressão de se es**tabelecer** uma equiparação **de** categorias que na reali**dade** não pode existir. Os go**vernadores** civis são perso**nalidades** que exercem a fun**ção** política fora das hierar**quias** das administração, **a todas** precendendo dentro do **âmbito** da circunscrição dis**trital**.

«Tornou-se, igualmente, ne**cessário** substituir os mapas **das remunerações** dos Gover**nadores** dos Distritos Autóno**mos** das Ilhas Adjacentes **e** dos presidentes e do pessoal **dais** Juntas Gerais dos mes**mos** distritos. Na actualiza**ção a** que se procedeu, fo**ram** adoptados os princípios que inspiram a reforma ope**rada** pelo Decreto-Lei **n.º** 49 410, procedendo-se a al**guns** ajustamentos rigorosamente determinados pela adaptação que os referidos princípios impunham ou justificavam.»

Quanto passam a ganhar os governadores civis e presidentes das câmaras municipais

Pela tabela de ordenados e quadros, anexa ao diploma, os governadores civis de Lisboa e Porto passam a auferir o ordenado fixo de 14 mil escudos e os dos outros distritos do continente 12 500$00.

Os governadores civis dos distritos de Lisboa e Porto e os dos outros distritos do continente têm direito aos subsídios mensais de 5000$00 e 3000$00, respectivamente, para despesas de representação. Quando o exercício do cargo obrigue o governador civil a mudança de residência e esta lhe não seja facultada em edifício público, ser-lhe-á abonado um subsídio mensal de habitação de 2000$00.

Os ordenados fixos para os presidentes das camaras municipais passam a ser os seguintes: Lisboa, 16 000$00; Porto, 14 500$00; Coimbra, 13 000$00; outros concelhos urbanos de 1.ª ordem, 10 200$00; concelhos rurais de 1.ª ordem com sede em capital de distrito, 8600$00; 1.ª ordem outros concelhos rurais e concelhos urbanos de 2.ª ordem, 7100$00.

Para despesas de representação, os presidentes das camaras receberão ainda os seguintes subsídios: Lisboa, 6000$00; Porto, 5000$00; restantes, 1800$00 ou 1500$00.

Os vice-presidentes das camaras receberão os seguintes ordenados: Lisboa, 14 500$00; Porto, 13 000$00; Coimbra, 10 200$00; outros concelhos, 8600$00. Haverá ainda subsídios para despesas de representação de 1200$00 ou 800$00.

Os presidentes das juntas distritais terão o subsídio de 2000$00 para despesas de representação.

Por outro lado, os administradores de bairro auferirão o ordenado de 7100$00, enquanto que os directores dos serviços das Camaras municipais de Lisboa e Porto passam a ganhar 13 000$00.

Ordenados do quadro geral dos serviços externos da Direcção-Geral de Administração Política e Civil

1.ª categoria — 1.ª classe: Secretários dos Governos Civis dos distritos de 1.ª ordem, 10 200$00; 2.ª classe: Secretários dos Governos Civis dos distritos de 2.ª ordem, e adjunto do Secretário do Governo Civil de Lisboa, 8600$00; 3.ª classe: Administradores dos bairros de Lisboa e Porto; agentes do Ministério Público junto das auditorias; Chefes de secretaria das camaras municipais dos concelhos urbanos de 1.ª ordem, habilitados com concurso para a 1.ª categoria; e chefes de secretaria das juntas distritais com sede em Lisboa e Porto, habilitados com concurso para a 1.ª categoria, 7800$00.

2.ª categoria — 1.ª classe: Chefes de secretaria das camaras municipais dos concelhos urbanos de 1.ª ordem, não habilitados com concurso para a 1.ª categoria; Chefes de secretaria das camaras municipais dos concelhos rurais de 1.ª ordem; Chefes de secretaria das juntas distritais com sede em Lisboa e Porto, não habilitados com concurso para a 1.ª categoria, e das demais juntas distritais, e Secretários das administrações dos bairros de Lisboa e Porto, 6500$00. 2.ª classe: Chefes de secretaria das camaras municipais dos concelhos de 2.ª ordem; Primeiros-oficiais; Tesoureiros das camaras municipais dos concelhos de 1.ª ordem e das juntas distritais, 5200$00. 3.ª classe: Chefes de secretaria das camaras municipais dos concelhos de 3.ª ordem; Segundos-oficiais; Tesoureiros das camaras municipais dos concelhos de 2.ª ordem; e Tesoureiro dos Governos Civis de Lisboa e Porto, 4200$00. 4.ª classe: Terceiros-oficiais e Tesoureiros das camaras municipais dos concelhos de 3.ª ordem, 3200$00.

3.ª categoria — 1.ª classe: Escriturários-dactilógrafos de 1.ª classe, 2600$00; 2.ª classe: Escriturários-dactilógrafos de 2.ª classe, 2200$00.

Ordenados do pessoal maior dos serviços especiais

Gratificações fixas — Médicos municipais: Providos em partido com centro na sede do concelho ou a menos de 15 quilómetros desta, 2200$00; providos em partido com centro distante mais de 15 quilómetros da sede do concelho, 2600$00.

Ordenados — Veterinários municipais: nos concelhos de 1.ª ordem, 5200$00; nos concelhos de 2.ª ordem, 4300$00; nos concelhos de 3.ª ordem, 3800$00.

Aferidores de pesos e medidas (ordenados máximos): em Lisboa e Porto, 4200$00; nos concelhos de 1.ª ordem, 3200$00; nos concelhos de 2.ª ordem, 2600$00; nos concelhos de 3.ª ordem, 2200$00.

Ordenados dos governadores dos distritos autónomos e dos presidentes das juntas gerais

Ordenados dos governadores dos distritos autónomos, 14 000$00.

O governador do Funchal e os dos restantes idstritos autónomos têm direito, respectivamente, a 6000$00 e 3000$00 para despesas de representação. Quando o exercício do cargo obrigue o governador a mudar de residência e esta não lhe seja facultada em edifício público, ser-lhe-á abonado um subsídio mensal de habitação de 2000$00.

Ordenados dos presidentes das juntas gerais: Funchal, 11 600$00; Ponta Delgada, 11 600$00; Angra do Heroísmo, 10 200$00; e Horta, 10 200$00.

O presente decreto-lei, que entra em vigor a partir de 1 deste mês, estabelece ainda um complemento (entre 2600$00 e 2000$00) do vencimento dos veterinários municipais e abole o subsídio eventual de custo de vida a que se refere o Decreto n.º 47 171, de 30 de Agosto de 1966.

...POS

...CARROS ...equeno) ...LUMIAR

...prumo quando o chão aba...teu. Conforme caiu, relata ...ele, a água virou-o de cos...tas. Assim fez a primeira ...parte da *viagem*, esbrace...jando e respirando á custa de uma altura de 60 cen...tímetros livres, entre o rio subterrâneo e a abóbada.

— *Quando vai do colector fui a nado, de barriga para baixo, ai uns quarenta a cinquenta metros. Depois agarrei-me a uns caniços e os colegas puxaram-me. Estavam á minha espera no fim do túnel.*

O susto passara. Fernando Alves mudou de roupa, bebeu um decilitro de aguardente e foi para casa (nos Olivais). A mulher ficou «*patareca*» ao ouvir a história. Como se calcula, não pregaram olho durante a noite. Mas hoje de manhã o fiscal voltou ao trabalho, sorridente, bem disposto, com a boca marcada por um ultimo arrepio de alivio... Estar vivo é o melhor que há

Os nossos camaradas Silva Pinto, Oliveira Pinto e Renato Boaventura, distinguidos com o «Prémio Artur Portela»

O «Prémio Artur Portela» para três redactores do «Diário de Lisboa»

O «Prémio Artur Portela» instituído pela família do saudoso jornalista para assinalar o 10.º aniversário da sua morte, acaba de ser atribuído pela primeira vez — e justamente a três nossos prezados camaradas de redacção (Renato Boaventura, Oliveira Pinto e Silva Pinto).

O prémio distingue os autores da série de reportagens que o «Diário de Lisboa» publicou em 1968 sob o título «Encontro com Lisboa». O juri (cuja votação foi unanime), premiando aqueles três nossos prezados companheiros, distingue, implicitamente, o jornal onde Artur Portela desenvolveu assinalável actividade e no qual persiste ainda a sua recordação saudosa.

Na Casa da Imprensa, organismo de que o titular do prémio foi um dos fundadores (e ao qual dedicou parte da vida), decorreu, ontem, a reunião do juri, constituído pelos jornalistas Alfredo Marques, Redondo Junior, Vítor Direito e Mateus Boaventura, e Artur Portela Filho, em representação da família, a qual encarregou precisamente a instituição da atribuição do prémio.

Aquele será entregue em breve, durante uma sessão a realizar na Casa da Imprensa.

os canos de esgoto cederam. O acidente não matou ninguém

pluvial por um mínimo de três semanas

O RITMO DO PROGRESSO EM MOÇAMBIQUE

SEGUNDO O GOVERNADOR-GERAL QUE HOJE CHEGOU A LISBOA

Para prosseguir com o ministro do Ultramar as sessões de trabalho recentemente iniciadas em Luanda, chegou esta manhã a Lisboa o governador-geral de Moçambique.

No aeroporto, o dr. Baltasar Rebelo de Sousa era esperado por várias individualidades, entre as quais o subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, representantes dos ministros do Ultramar, Comunicações e Saúde, do secretário de Estado de Informação e Turismo e do subsecretário de Estado da Administração Escolar, governador de Cabo Verde, governador civil de Braga, o director-geral da Informação e o director-geral da Segurança.

Após os cumprimentos, o dr. Baltasar Rebelo de Sousa disse algumas palavras sobre «*a actualidade vivida em Moçambique*» que «*se processa com plena normalidade por todo o território, salvo em regiões fronteiriças com alguns países que sustentam e incitam movimentos contra nós, e que as Forças Armadas e militarizadas, bem como as populações, valorosa e denodadamente defendem*».

O dr. Baltasar Rebelo de Sousa referiu-se ainda ao «*desenvolvimento económico e de promoção social*» que se verifica em Moçambique e acentuou que «*o ritmo do nosso progresso no quadro da actualidade africana é francamente estimulante*».

PALESTRAS DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA

Depois do habitual período de férias, prosseguem amanhã, ás 18 e 30, como habitualmente, as palestras da série intitulada «Para uma compreensão do nosso tempo», especialmente orientada para a juventude pelo dr. Rio Carvalho. O tema da palestra será: «Environments». O ciclo terminará no dia 16. A entrada é livre, pela Rua das Janelas Verdes.

Proposta de lei sobre a assistência judiciária

Na Câmara Corporativa, sob a presidência do sr. dr. Luiz Supico Pinto reuniu-se a secção de Interesses de ordem administrativa, subsecção de Justiça, com procuradores agregados, a fim de se iniciarem os trabalhos de apreciação do projecto de proposta de lei sobre a assistência judiciária.

Também se reuniu a secção de Interesses de ordem administrativa (subsecções de Política e administração geral e de Defesa nacional), a fim de prosseguirem os trabalhos de apreciação do projecto de proposta de lei acerca das alterações do Art.º 47.º da Lei n.º 2135 de 11 de Julho de 1968 — Lei do Serviço Militar. É relator do parecer o Procurador, General João de Paiva de Faria Leite Brandão.

TRIBUNAL

Começou ontem, á tarde, o julgamento do processo relacionado com o assalto e roubo praticados há vinte meses (tarde de 17 de Maio de 1967) na agência do Banco de Portugal da Figueira da Foz. O pleito é julgado no 2.º Juízo Criminal da Boa Hora, em audiência colectiva presidida pelo corregedor dr. Fernando Lopes de Melo, tendo como juízes-assessores os drs. Augusto Pais de Almeida e Silva e Angélico Sequeira de Carvalho.

O Banco de Portugal é representado pelo dr. Pais de Sousa, e dezoito outros advogados defendem os arguidos.

O julgamento prossegue, amanhã, ás 14 horas.

«RENASCIMENTO» DE MANGUALDE

VISEU, 8 — Da Casa de Saude de Mangualde, onde esteve hospitalizado, por doença subita, regressou já a sua casa, convalescente, o sr. dr. José Henriques Pereira Junior, director do jornal mangualdense «Renascimento».

ACIDENTE DE VIAÇÃO EM ESTREMOZ

ESTREMOZ, 8 — Um automóvel conduzido pelo sr. Henrique Gomes Ferreira Abecassis, funcionário de uma companhia de seguros, residente em Lisboa, e que seguia na estrada de Borba, chocou com uma motorizada e uma bicicleta — tendo o ciclista, sr. José Grande, ficado muito ferido, enquanto o condutor da motorizada, cuja identidade não nos foi fornecida, sofreu apenas ferimentos ligeiros. O sr. José Grande, conduzido ao Hospital da Misericórdia, ficou internado.

IADE
INSTITUTO DE ARTE E DECORAÇÃO
MEMBRO DA INSEA — International Society for Education through Art-patrocinada pela UNESCO
Está aberta inscrição para:
CURSO DE CERÂMICA
Curso livre de iniciação à cerâmica, de 4 horas semanais, a começar no dia 15 de Janeiro de 1970, compreendendo o estudo prático e teórico, entre outros, dos seguintes pontos: Matéria, forma, função. Breve história da cerâmica. Engobes. Vidrados. Faiança. Modelação em barro: Recipientes e formas. Vidragem, enforna e cosedura. Decoração por pintura.
CURSO DE FOTOGRAFIA
Curso livre de fotografia, de 2 horas e meia semanais, a começar no dia 15 de Janeiro de 1970, compreendendo noções de história e teoria da fotografia e aulas práticas no exterior, em interior e no laboratório.
A lotação das aulas é limitada. Respeitar-se-á rigorosamente a ordem das inscrições.
Informações sobre os cursos:
Secretaria da
Escola Internacional de Decoradores
Rua do Alecrim, 70 — Telef. 36 74 30 — LISBOA

ACABA DE SAIR
CONTABILIDADE ANALÍTICA DE EXPLORAÇÃO
por A. RAPIN e J. POLY
N.º 14 da **Colecção CADERNOS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO**
1 vol. 90$00
Clássica Editora — Restauradores, 17 — Lisboa

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
Fundada em 1875

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

JÓIAS
Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253
T. 324564

Actualidade internacional

Mineiros abandonaram o trabalho por motivo do assassínio do dirigente sindical Yablonski

CLARKSVILLE (Pennsylvania), 8 — (R.) — Milhares de mineiros do carvão não foram ontem trabalhar como manifestação de simpatia para com os parentes de um dirigente sindicalista liberal e de sua mulher e filha, mortos num assassínio género de execução.

O sindicalista, Joseph Yablonski, de 59 anos, foi morto a tiro no dia do Ano Novo, pouco depois de perder uma eleição para a presidência do Sindicato Unido dos Mineiros, a cuja chefia se opusera acerbamente.

Análises feitas em laboratórios revelaram ontem que foram utilizadas duas pistolas para assassinar Yablonski, a mulher Margareth, de 57 anos, e a filha Charlotte, de 35, cujos cadáveres foram encontrados na segunda-feira por um filho.

Um detective, um agente da Polícia do Estado e o F.B.I. estão presentemente empenhados em investigar o crime.

Baseados em exames feitos ás balas retiradas dos corpos, afirmaram ter chegado á conclusão de que tinham sido utilizadas duas pistolas de calibre 38.

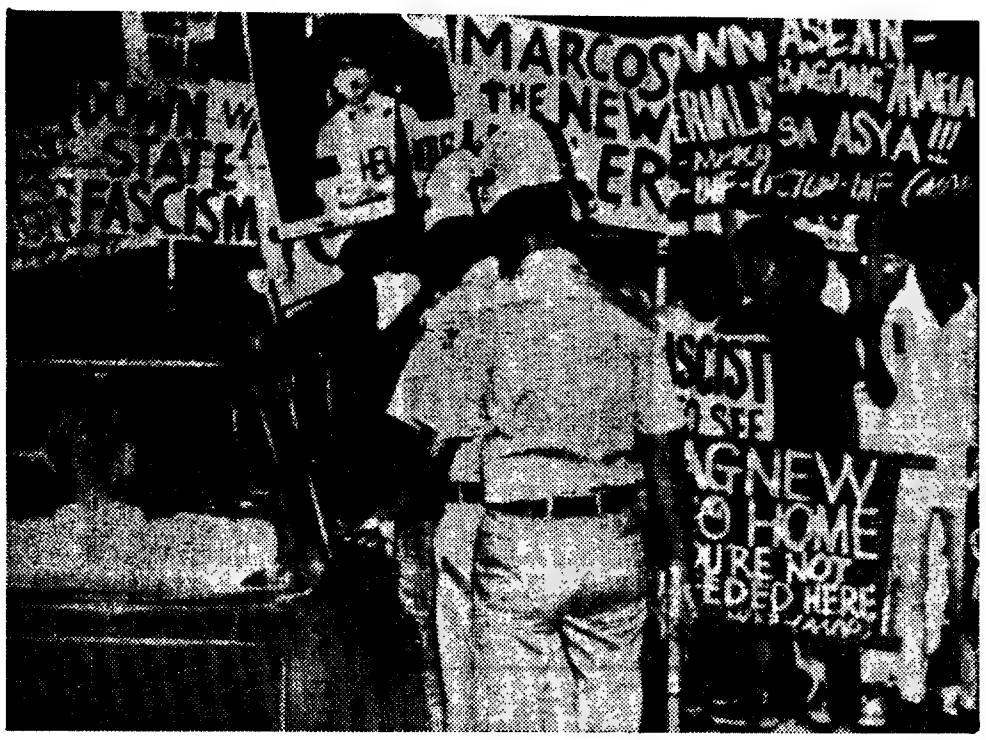
Além disso, os agentes que investigam o caso deparam com uma falta enorme de pistas para o triplo assassínio, que se julga ter ocorrido na véspera ou no dia do Ano Novo.

O sindicalista veterano foi derrotado no mês passado quando se candidatou á presidência do sindicato dos mineiros, um cargo em que se aufere 50 000 dólares anualmente, após formular acusações de que a organização estava a ser mal dirigida e que fundos do sindicato tinham sido mal utilizados pela chefia.

Contudo, a despeito de alegações de que Yablonski fora assassinado por causa das suas actividades sindicais, investigadores afirmaram que não tinham ainda descoberto um motivo para o crime.

O F.B.I., em situação de estar a par das actividades sindicais entre Estados, podia, segundo se julgava, apurar se o crime estava relacionado com as actividades de Yablonski no sindicato.

O médico legista do condado de Washington, dr. Farrell Jackson, afirmou que o crime parecia ter sido uma execução feita por assassinos profissionais.



CARTAZES CONTRA SPIRO AGNEW exibidos quando da estadia do vice-presidente norte-americano na capital das Filipinas. Ainda em Manila, um «coktail Molotov» foi lançado contra o automóvel do enviado de Richad Nixon, á Ásia e ao Pacífico. No Afeganistão, manifestantes alvejaram Agnew com tijolos

TURISTAS NORTE-AMERICANOS VÃO «INVADIR» A SIBÉRIA

WASHINGTON, 8 — (R.) — A fria região da Sibéria, em tempos sinónimo de campos de concentração e vedada a todos os estrangeiros, vai ser invadida por turistas norte-americanos de Junho a Setembro deste ano.

A Direcção da Aeronáutica Civil norte-americana acaba de autorizar o pedido da companhia de aviação Alaska Airlines que pretende organizar excursões turísticas á Sibéria, em colaboração com a Intourist, a agência de viagens oficial soviética.

Os aviões norte-americanos partirão de Anchorage para Khabarovsk e, ali, os turistas poderão tomar aviões da Aeroflot, para visitarem a região. As excursões durarão oito dias e custarão cerca de 850 dólares (cerca de 24 500 escudos).

Actualmente, a Pan American é a única companhia norte-americana com carreiras para Moscovo, tendo levantado objecções á concorrência da Alaska Airlines, mas a Direcção da Aeronáutica Civil rejeitou essas objecções.

Perspectiva de novos impostos nos EUA

SAN CLEMENTE (Califórnia), 8 — (R.) — Foi deixada, a noite passada, em aberto a perspectiva de novos impostos sobre as bebidas alcoólicas, o tabaco e a gasolina quando o presidente Nixon se preparava para regressar a Washington, a fim de estudar a sua mensagem do orçamento a proferir no Congresso ainda este mês.

O informador da Casa Branca, Ronald Ziegler, não confirmou nem desmentiu uma notícia da Imprensa de que o presidente Nixon estava a considerar novos impostos por causa de um «déficit» potencial no orçamento.

Nixon partirá hoje desta cidade, terminando um período de dez dias de férias e trabalho durante o Natal.

Segundo a notícia, os novos impostos seriam necessários para conseguir o objectivo declarado do presidente de obter um orçamento equilibrado para o ano financeiro que começa em 1 de Julho próximo.

MAIS UM FILME DE HITCHCOCK

HOLLYWOOD, 8 — (A. N. I) — O realizador Alfred Hitchcock anunciou que o seu próximo filme, o quinquagésimo segundo, vai ser rodado na Finlândia, a partir do mês de Junho.

O título da película (A Short Night, uma noite curta) refere-se á extensão dos dias nas zonas circumpolares.

«AGORA É A VOSSA VEZ»

CLARKSVILLE, 8 — (F. P.) — Dois filhos de Yablonski, ambos advogados, afirmam que o crime está relacionado com o facto de o pai se ter candidatado, sem êxito, há meses, á presidência do sindicato dos mineiros, em oposição a W. A. Boyle. Este dirigia o sindicato desde 1963, tendo sido acusado por Yablonski de vários delitos na gerência.

Interrogado acerca da opinião dos irmãos Yablonski Junior, Boyle declarou ontem: «Estão sob o efeito da emoção, e compreendo que assim seja».

Entretanto, um amigo da vítima, igualmente dirigente sindicalista, revelou que sua mulher recebeu em casa um telefonema na terça-feira á tarde. Uma voz de homem disse lacónicamente: «Estão avisados. Agora é a vossa vez».

Finalmente, um colaborador íntimo de Yablonski pediu ao F. B. I. que submeta os principais responsáveis pelo sindicato dos mineiros ao aparelho detector de mentiras.

Navio «fantasma»

Admite-se que a tripulação sucumbiu à fome e à sede

PORTO DE ESPANHA (Trindade), 8 — (R.) — Um capitão de porto afirmou que seriam fúteis tentativas para pôr a reflutuar um navio «fantasma» encontrado abandonado ao largo da costa oriental da Trindade, devido ao estado do barco.

Arthur Winter, capitão-adjunto do porto de Manzanilla, a cerca de 112 quilómetros desta cidade, disse que o «Santa Filomena», barco abandonado encontrado na terça-feira, á noite, estava cheio de petróleo e água e enterrado no lodo.

Havia indicações de que o barco, que se julgava ter tocado no arquipélago português de Cabo Verde possessão ao largo da África Ocidental, andara á deriva através do Atlântico, tendo a tripulação sucumbido finalmente á fome e á sede.

Winter declarou que o «Santa Filomena» tinha acomodações para sete tripulantes e aparentemente andava á deriva há cerca de um mês. O tombadilho superior mostrava sinais de prejuízos causados por temporais.

BRASIL: Plano de desenvolvimento

BRASÍLIA, 8 — (F. P.) — O Governo brasileiro acaba de publicar um «plano estratégico» a curto prazo destinado a permitir ao país a realização de um «salto em frente» com vista a alcançar, num tempo «record», o nível de desenvolvimento das nações industrializadas.

O plano estabelece uma tripla estrutura nos domínios da educação, da saúde e da tecnologia industrial.

A nova política do Governo brasileiro foi elaborada entre o ministro do Plano e o presidente do Brasil, Gastarrazu Médici, tendo sido transmitidos ao Governo as seguintes três grandes directrizes:

— Os ministros deverão agir sempre em coordenação com todo o Gabinete, e as acções «sectoriais» só poderão ser levadas a efeito após informações e eventual aprovação do Governo.

— Os ministros não deverão elaborar qualquer novo programa de acção enquanto não tiverem executado os planos já aprovados.

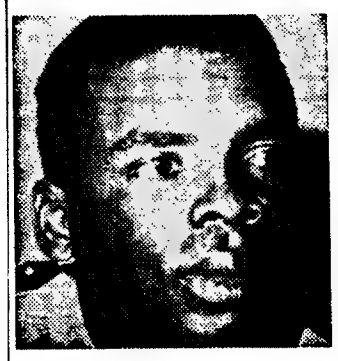
— Finalmente, todos os órgãos ou «grupo de trabalho», legalmente constituído, mas que possam constituir duplicação, serão suprimidos.

O ministro das Finanças, António Delfim Netto, expôs a política económica do país para o ano corrente, prevendo o aumento da produtividade, o desenvolvimento das exportações e o alargamento do mercado interior, bem como a adopção de uma nova «justiça dos salários», de harmonia com a luta contra a inflação.

O presidente brasileiro lembrou a orientação de base do Governo: austeridade administrativa e submissão ás exigências da realidade. Anunciou também a criação de um sistema de «comunicação social», que equivale de facto a um Ministério da Informação.

República popular em Brazzaville

Em 1963, em Brazzaville, uma revolução popular depunha o padre Fulbert Youlou, pequeno déspota inábil e local e um dos mais sólidos apoios da política neocolonial francesa na África negra. Massemba Debat, um militar da esquerda «moderada» (qualificação das agências internacionais), assumia, pouco depois, a presidência da República e, referindo-se ao chefe deposto, declarava: «Não haverá represálias contra o sr. Youlou. É um nobre congolês».



O TENENTE NGOUABI, presidente do Conselho de Estado da Republica Popular do Congo

Cinco anos mais tarde, em 68, Debat encontrava-se perante aquilo que a Imprensa europeia descreveu como uma luta entre a «ala esquerda» e a «ala direita» da revolução congolesa. O presidente era, por formação (professor primário, protestante, ex-oficial subalterno do exército francês) e pela força das coisas, um árbitro; e, como tal, arbitrou: demitiu a comissão política do Movimento Nacional Revolucionário (o partido da revolução de 63), prendeu dirigentes das esquerdas,

Por AMADEU LOPES SABINO

dissolveu a Assembleia Nacional. Dois dias depois da prática destes actos, um golpe de Estado (continuamos a recorrer á terminologia da Imprensa europeia) depunha Massemba Debat. *«A hora a que lhes falamos»*, dizia, nessa noite,

(Continua na página seguinte)

NÃO HÁ SINAIS DE VIDA NA LUA - AFIRMAM CIENTISTAS

HOUSTON, 8 — (R.) — Cientistas da N.A.S.A. comunicaram hoje não terem encontrado qualquer sinal de vida na Lua acrescentando que é pouco provável que ali venham a existir quaisquer seres vivos com excepção daqueles que o homem para lá levar.

Num documento preparado para ser apresentado na conferência lunar que aqui está a decorrer, uma equipa de biólogos de um centro de pesquisas da N. A.SA. afirma: «A hipótese de que pudessem existir formas de vida na Lua não foi confirmada pelas primeiras amostras dali trazidas pela Apolo-11.»

«O exame biológico das amostras do solo lunar confirmam os resultados negativos obtidos pelo centro de quarentena.»

Este documento é um dos 142 estudos sobre a Lua apresentados na conferência por cientistas dos Estados Unidos e de mais oito países que estudaram amostras trazidas do satélite natural da Terra.

A equipa de biólogos chefiada pelo dr. Vance Cyama tem duvidas de que formas de vida possam passar sózinhas da Terra para a Lua ou sobreviver ali mesmo que isso aconteça. Assim resta apenas uma possibilidade para o aparecimento natural de vida na Lua: a teoria da Panespermia.

Segundo esta teoria a matéria orgânica que forma os organismos vivos flutuaria livremente pelo espaço e ao cair num planeta começaria a desenvolver-se ali químicamente dando origem á vida.

Os cientistas não rejeitam a possibilidade de isso ter acontecido em tempos na Lua mas por enquanto dizem não ter encontrado quaisquer provas.

Negociações de paz com a FNL sugeridas em Saigão

SAIGÃO, 8 — (F. P.) — O ministro de Estado sul-vietnamiano Phan Quang Dan sugeriu ontem a abertura de segundas negociações de paz, entre o Governo de Saigão e a F.N.L., que decorreriam numa capital do sueste asiático paralelamente ás negociações de Paris.

O ministro, que acaba de visitar nove países da Ásia, desmentiu ter proposto a dissolução da conferência de Paris, como tinha sido relatado por alguns jornais.

Segundo Phan Quang Dan, a conferência de Paris continuaria a tentar obter a paz entre os dois Vietnames, ao passo que os problemas internos do Vietnam do Sul seriam objecto da segunda conferência O presidente Van Thieu não seria contrário a esta ideia.

INFILTRAÇÕES

WASHINGTON, 8 — (F. P.) — O numero de soldados norte-vietnamianos infiltrados ao sul do paralelo 17 durante o ano de 1969 foi calculado pelos serviços de Informação americanos em cerca de 110 mil contra 250 mil em 1968, indicou ontem o porta-voz do Departamento de Estado.

REDUÇÃO DE BAIXAS

SAIGÃO, 8 — (R.) — A semana passada o numero de baixas norte-americanas no Vietnam desceu para 65, elevando para 40 044 o número de soldados norte-americanos abatidos em nove anos de luta.

Na mesma semana foram feridos 467 norte-americanos Foi nesta semana que se verificou uma trégua de três dias por parte do Vietcong e de um dia pelos norte-americanos e aliados.

AS MULHERES SUBSTITUÍRAM OS HOMENS (POR UM DIA)

MONOCLISSIA (Grécia), 8 — (R.) — As mulheres desta localidade tomaram hoje conta das actividades que normalmente são desempenhadas pelos homens e os maridos ficaram em casa a cozinhar, a tomar conta dos filhos e a lavar a roupa.

Segundo uma tradição que se perde na noite dos tempos, todos os anos neste dia a população local de oito mil habitantes celebra á sua maneira o «Dia da Mulher».

Qualquer homem que se atreva a sair de casa é perseguido por bandos de mulheres que lhe atiram baldes de água fria e não o largam enquanto não o obrigam a refugiar-se novamente em casa.

Esta tradição tornou-se conhecida em toda a Grécia e actualmente é uma atracção turística, deslocando-se aqui muitos estrangeiros e nacionais para verem o aspecto da povoação em que as mulheres são senhoras absolutas pelo menos durante um dia.

ACORDO COMUNISTA NA FINLÂNDIA

HELSÍNQUIA 8 - (R) — A comissão central do Partido Comunista finlandês e a chefia da fracção estalinista da oposição aceitaram uma proposta de compromisso destinada a pôr termo a uma disputa que dura há nove meses

Um congresso extraordinário do partido organizar-se-á em 14 de Fevereiro altura em que será nomeada uma nova comissão central.

De acordo com a proposta, 20 lugares na comissão pertencerão á actual chefia e 15 aos estalinistas.

Os lugares no Politburo serão divididos á razão de 10 para seis a favor da actual chefia

POLUIÇÃO DAS PRAIAS DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, 8 — (F. P.) — A quase totalidade das praias da zona urbana do Rio de Janeiro apresenta actualmente uma poluição que pode envolver perigos graves para a saude dos banhistas. É o «Globo» que lança o grito de alarme. O jornal encarregou o oceanógrafo Newton Moreira e o médico químico alemão, dr. Hans Heberlein, de fazerem o exame das águas das praias cariocas. Todas as águas estão poluídas á excepção das da praia do Flamengo, revelam as análises.

A praia do Botafogo será a unica, entretanto, a ficar fechada por causa da avaria grave no sistema de esgotos.

O alarme lançado pelo «O Globo» pode ter grande repercussão, pois, o Verão anuncia-se desde já extremamente quente e a principal defesa dos cariocas contra o calor é o banho de mar.

COMEÇOU O JULGAMENTO DE UM SUPOSTO «PATRÃO» DA MAFIA

NEWARK (Nova Jersey), 8 — (F. P.) — Começou ontem no tribunal de Newark o julgamento de Angelo de Carlo, conhecido por «Gyp», ladrão suspeito de ser um dos «patrões» da Mafia.

As fitas magnéticas gravadas nas mesas de escuta do F.B.I. entre 1961 e 1965 não deixam duvidas quanto a relações extremamente cordiais entre muitos chefes da Mafia e numerosas individualidades publicas influentes de Nova Jersey. Nos termos da lei norte-americana estas fitas não podem ser tidas como prova, mas vão ser escutadas extra-julgamento pelo tribunal. Entretanto, os visados desmentem.

Nas gravações ouvem-se frases como estas: «Tenho o «mayor» na algibeira. É guloso mas será posto na linha... Os «chuis» não vão prejudicar o jogo. Basta dar-lhes uma rega... O juiz portou-se á altura, temos de pensar nele agora nas próximas eleições».

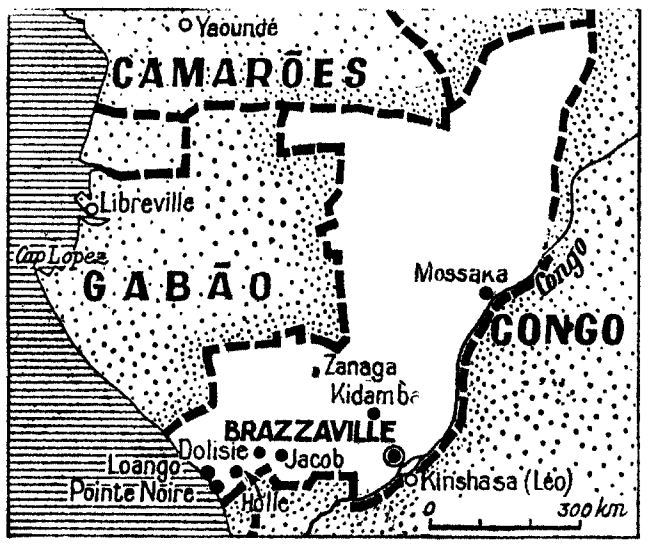
O jogo vai de uma costa a outra dos Estados Unidos. A Mafia infiltra-se não só nos casinos legais de Las Vegas, mas também no «Boul-Boul» de Nova Orleães, nas empresas de camionagem, nos parques de estacionamento de automóveis e até mesmo em Wall Street (Bolsa), enfim, em todo o lado onde há dinheiro a apanhar sem deixar rasto. Parece que até, numa certa altura, houve um «negócio» que interessou Frank Sinatra.

IMPLICAÇÕES POLITICAS

Hugh Addonizzio, «mayor» de Newark, e 14 funcionários municipais estão envolvidos no processo de «Gyp» como estando a soldo da Mafia. O «attorney» geral está disposto a utilizar os enormes meios colocados á sua disposição, incluindo o F.B.I., contra os chefes da Mafia.

As implicações politicas do julgamento de Angelo Carlo são enormes. Porque teria «Gyp» dado ordem a uma telefonista que fazia parte do pessoal da Convenção Democrática de 1964, em Atlantic City (Nova Jersey), para anotar e entregar-lhe todos os numeros de telefone pedidos pelo senador Robert Kennedy que mais tarde seria assassinado? Esta é uma das perguntas que o «attorney» geral deseja esclarecida.

República Popular em Brazzaville



O CONGO — BRAZZAVILLE no mapa da África Equatorial

(Continuação da pag anterior)

um comunicado transmitido pela Rádio Nacional, «*as instituições revolucionárias estão totalmente esvaziadas do seu conteúdo e estão paralisadas. A autoridade do Estado é precária. As forças revolucionárias, composta, por elementos do Exército Nacional, da Defesa Civil e de todas as forças vivas e conscientes da nação, não eram contrárias ao presidente Massemba Debat. Tudo fizeram para tomar contacto com ele e propor-lhe soluções capazes de satisfazer todas as camadas da população e preservar a unidade nacional*».

Há meia dúzia de dias, em 30 de Dezembro, comunicados governamentais anunciavam a constituição da República Popular do Congo, a criação de um partido marxista - leninista — o Partido do Trabalho — e a opção clara da revolução congolesa pelo socialismo científico.

Os pontos fracos

Que se passa em Brazzaville, que se passa no Congo, nesta República de cerca de 350 000 quilómetros quadrados, edificada na margem direita do Zaire, o rio descoberto por Diogo Cão, em 1482?

Os eventos que desde 63 se verificaram neste Estado africano e a consequente radicalização da situação política local radicam nos pontos fracos da economia e da sociedade civil congolesa sob o regime colonial e sob o governo «paternalista» de Youlou.

O país é escassamente povoado, e apenas 50 por cento dos cem mil hectares considerados como cultiváveis são efectivamente explorados.

O êxodo rural adquiriu proporções que qualquer poder público «esclarecido» ocidental consideraria alarmante nos anos que se seguiram á independência; a criação de serviços e a instalação de algumas indústrias nas cidades atraíram aos centros urbanos as massas rurais do interior. Presentemente, vivem na cidade cerca de 30 por cento dos 950 000 habitantes da República; á data da deposição do padre-presidente, e de acordo com documentos oficiais citados pela «Time», de 23 de Agosto de 1963, dezanove em vinte dos africanos residentes em Brazzaville estavam condenados ao desemprego

Um consciência política radical

Por outro lado, a implantação de organizações sindicalistas, permitidas pela IV República Francesa (no Congo, como nas suas outras colónias africanas e asiáticas), possibilitou o enquadramento político das massas populares. Destribalizados, desenraizados e urbanizados (mais talvez do que os outros povos africanos) os congoleses transformaram progressivamente as suas frustrações sociais em consciência política radical.

As três centrais sindicais são, em 1963, suficientemente fortes para deporem Youlou e imporem um regime que lançasse as bases da construção do socialismo. Mas no Governo de Massemba Debat há ainda equívocos e hesitações, prenúncios dos actos termidorianos do Verão de 68. Por um lado, e com as ajudas técnicas e financeiras dos Estados socialistas (U. R. S. S., China, Coreia do Norte e Cuba), a administração deu início á reforma agrária e ao lançamento das infra-estruturas industriais; foi criado um partido revolucionário (o M. N. R.) e dissolvida a União Democrática dos Interesses dos Africanos, organização que apoiava Youlou; as milícias populares substituíram progressivamente, em importância militar e política, o dispendioso e pretoriano Exército regular. Por outro, porém, Debat manteve elementos «moderados» e da sua confiança pessoal nos postos governamentais e procurou, prudentemente, um equilíbrio entre os programas de nacionalização da economia e os interesses franceses no país.

O movimento de Agosto de 68 e a proclamação da «República Popular» nos primeiros dias deste ano de 70 têm o significado de uma opção inequívoca da vanguarda da revolução pelo socialismo e pelo marxismo-leninismo. Na base desta atitude política está a irrupção das massas populares (das suas vanguardas) na história do país, o que, aliás, explica que esteja em curso no Congo uma experiência socialista de efectiva raiz popular, muito mais rica do que os vários socialismos estritamente estatais ensaiados em África, e de que o Ghana de N'Krumah continua a ser o exemplo.

Um êxito, um desafio

Para onde vai o Congo? Este quase rápido êxito da revolução na jovem República deve-se, fundamentalmente, ás características específicas da situação congolesa acima sumàriamente apontadas. Enquanto noutros países africanos deparamos com um movimento revolucionário de raízes camponesas cuja metodologia política recorre á guerrilha e que não coloca como dado imediato a tomada e o «contrôle» do aparelho de Estado, no Congo foi possível uma revolução urbana e o recurso (pelos revolucionários) a uma via insurreccional cujas semelhanças com o modelo bolchevista são, ressalvadas as distâncias geopolíticas, evidentes.

Mas as razões deste êxito são, também, para a experiência iniciada em Brazaville, um perigo e um desafio. Levar a revolução da cidade aos campos, radicá-la em todo o país, é a própria condição da sobrevivência de um ensaio cuja importância, para o destino da África, não pode ser subestimada.

AMADEU LOPES SABINO

NOVA FASE DA GUERRA ISRAELO-EGÍPCIA

TEL-AVIV, 8 — (F. P.) — Depois dos bombardeamentos feitos pela Aviação israelita na quarta-feira dos campos militares egípcios, os comentadores militares sublinham que nunca, desde a guerra dos seis dias, os aviões de Israel atacaram tão perto do Cairo. Com efeito, dos três campos atacados, um está a 13 km de Heluao, outro a 30 km do Cairo e o terceiro a 50 km de Ismailia.

Durante a incursão, afirmam os correspondentes israelitas, a Aviação israelita dominou o espaço aéreo egípcio e nada impediu a sua acção. São de opinião que este assalto marca nova fase na guerra de desgaste e acrescentou: «Enquanto o Egipto considerar o cessar-fogo sem efeito, será contra o território egípcio inteiro e não já apenas ao longo da linha de armistício que agirá a Aviação israelita».

Mas há quem pergunte se os egípcios não irão reagir de um modo ou de outro contra incursões realizadas até tão próximo da sua capital.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

A chuva e ao frio, raparigas e rapazes interrogavam-se sobre a hora a que chegariam ás aulas

Atrasos de uma hora — mais um dia de sacrifício para milhares de passageiros da «linha»

— Cada vez pior! — **é o que dizem, na sua maioria, os passageiros da Sociedade Estoril, utentes da linha Lisboa-Cascais-Lisboa.**

«Esta manhã, os atrasos (em horas de «ponta») foram enormes, e já nem sabemos perante quem devemos protestar, a quem devemos endereçar as nossas justas reclamações» — **afirmam-nos.**

Com efeito. e para ratificar estas palavras, o sr. Manuel João Morgado acrescentou:

— *Saí ás 7 e 8 minutos de S. Pedro do Estoril, num comboio que, segundo julgo (porque não consta dos horários normais), partiu de Cascais ás 7 horas. Sabe a que horas cheguei ao Cais do Sodré? Às 8 e 32! A indignação entre todos os meus companheiros de viagem era enorme, porque a quase totalidade deles tinha de entrar nos empregos ás 8 horas, e muitos acabaram por perder meio dia de trabalho.*

Por seu turno. o sr. Luís Pinto Pires disse:

— *Será que os passageiros permanentemente prejudicados pela Sociedade Estoril não lhe podem mover um processo de indemnização por perdas e danos? Creio que é caso para ser urgentemente esclarecido...*

Por outro lado. a composição que parte ás 7 e 22 de Cascais. e deveria chegar ao Cais do Sodré ás 7 e 54. só ali entrou ás 8 e 35, o que impediu cerca de duas dezenas de estudantes universitárias (que frequentam a Faculdade de Ciências) de assistirem ás aulas que se iniciam ás 8 e 15. A mãe de uma destas estudantes (a sr.ª D. Maria Amélia Massa Aguiar) manifestou-se vivamente indignada, comentando:

— *Creio que a Sociedade Estoril tem de, imediatamente abolir as novas alterações e regressar aos antigos horários.*

Por seu lado, a sr. D. Rita de Medeiros Almeida Faria afirmou:

— *Entendo que se deve protestar «em bloco», com representação das dezenas de milhares de utentes da «linha» que têm os seus passos e a sua vida regulados pelos caprichos de meia dúzia de senhores.*

Atraso de uma hora e 12 minutos

O sr. António Saraiva, residente em Oeiras, chegou a esta estação ás 7 e 45, e tomou lugar numa composição (de três carruagens, como passou a ser «moda»...) que ali se formou. Esse pequeno combolo partiu ás 7 e 48 dali e só conseguiu atingir o Cais do Sodré (linha 1) ás 8 e 36.

— *Significativo não concorda?*

E aquele pasageiro adiantou-nos:

— *Entre a Cruz Quebrada e Algés, num percurso que rotineiramente o comboio faz em 3 minutos, gastámos 16...*

O comboio n.º 310, que deveria sair de Cascais ás 7 e 37. só dali partiu ás 8 e 2. Logo, a hora da chegada ao Cais do Sodré (prevista na tabela para as 8 e 9) acabou por sofrer o *pequeno atraso* de uma hora e 12 minutos, pois só ali apareceu ás 9 e 21

— *Em Caxias partiu-se um cabo junto á linha* — disseram-nos no Cais do Sodré.

— *No vosso jornal alertem as autoridades oficiais. No comboio em que eu viajei (o tal que chegou ás 9 e 21) as pessoas vieram em pé sobre os bancos, pois a lotação estava enormemente excedida. Até foi necessário abrir as portas para as senhoras poderem respirar* — informou-nos o sr. Luís Reis, profissional de seguros.

Até quando este estado de coisas prosseguirá? Esta é a interrogativa dos passageiros da linha Lisboa-Cascais-Lisboa.

ACTO DE DESESPERO

SÃO JOÃO DA MADEIRA, — Apareceu esta manhã morto, suspenso de uma ramada de árvore no quintal da sua residência (na Rua de Santo António, nesta vila) o sr. José Álvares Tavares, de 19 anos de idade, empregado de escritório, filho do industrial Óscar Pinho Tavares e de D. Glória de Pinho Álvares Tavares.

Este acto desesperado foi já comunicado aos pais do falecido, que se encontram na Madeira em viagem de turismo e negócios.

O cadáver do sr. José Álvares Tavares recolheu á casa mortuária do Hospital desta vila e o caso foi entregue á P. S. P.

Ressuscitação cardio-respiratória

Continuam abertas as inscrições para o quinto curso da Campanha R. C. R., cujas sessões teóricas decorrerão nos dias 27 e 29 de Janeiro e 3 de Fevereiro.

Nesta última sessão fará uma conferência o dr. António Vasconcellos Marques, que versará o tema «R. C. R. e traumatismos que envolvem o sistema nervoso central». A sessão decorrerá na aula magna da Faculdade de Medicina, Hospital de Santa Maria, ás 21 e 30.

Para inscrições, telefonar para 324444 ou visitar a sede da Campanha no posto 1 da C. V. P., no Terreiro do Paço, das 10 ás 12 ou das 17 ás 23 horas e, aos sábados, das 10 ás 12 e das 15 ás 19.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 8 — (L.) — Foi distribuído um comunicado especial das Forças Armadas na Guiné, relativo ao ano de 1969, cujo texto é o seguinte:

«No decurso do ano de 1969, devido ás acções levadas a efeito pelas nossas tropas em todo o território da província, o inimigo sofreu, entre outras baixas, 614 mortos, 259 feridos e 165 capturados, tendo-lhe sido apreendida grande quantidade de armamento e munições do qual se salienta: canhão sem recuo B-10 cal. 82 mm, 3; morteiro médio cal. 82 mm m/ 37, 3; morteiro ligeiro cal. 60 mm, 2; lança-granadas P-27 «Pancerova», 7; lança-granadas RPG-2, 15; lança-granadas foguete RPG-7, 1; lança-granadas foguete 8,9 cm (M20-BL), 5; lança-granadas foguete desconhecido, 5; Metralhadora pesada «Degtyarev» (DSHK) cal. 12,7 mm M 38/46, 4. Metralhadora pesada ZB-37 cal. 7,92 mm «Zbrjovska» (VZ-37), 1; metralhadora pesada «Goryunov» cal. 7,62 mm M/943-SG, 4; metralhadora pesada antiaérea ZPU-4 cal. 14,5 mm, 1; metralhadora pesada «Breda», 3; metralhadora ligeira «Degtyarev» DP cal. 7,62 mm 16; metralhadora ligeira «Getyarev», RDP cal. 7,62 mm, 5. metralhadora ligeira M-52 cal. 7,62 mm, 9; metralhadora ligeira «Brem» cal. 7,7 mm «Mark'II», 10; metralhadora ligeira «Borsig» cal. 7,92 mm MG-34, 10; metralhadora ligeira «Borsig» cal 7,92 mm MG-42, 1; metralhadora ligeira desconhecida, 1; metralhadora ligeira «Breda», 1; metralhadora ligeira «Dreyse» 1; espingarda automática «Kalashnikov» (AK) cal. 7,62, 10; espingarda semiautomática «Simonov» (SuS) cal. 7,62 mm, 67; espingarda semiautomática M-52 cal. 7,62 mm, 57; carabina «Zbrojovska» cal. 22, 3; carabina «Mosin Nagant» cal. 7,62 mm, M-1914 10; espingarda «Mosin Nagant» cal. 7,62 mm M-1891 40; espingarda «Mauser col. 7,92 mm K98K. 90; espingarda «Steyer-Manlicer», cal. SM/M M-95, 2; esping. «Lee Enfield Mark'III» cal. 7,7 mm, 2; espingarda automática 7,62 mm G3, 7; espingarda Port 6,5 mm M-1904. 1; espingarda caçadeira, 7; pistola metralhadora M-23 e M-25 cal. 9 mm, 50; pistola metralhadora «Shpagin» cal 7,62 (PPSH) 101; pistola metralhadora «Beretta» cal. 9 mm M-38/42, 35; pistola metralhadora «Sudalev» cal. 7,62 mm M-943 (PPS) 17; pistola metralhadora «Beretta» cal. 9 mm M-38A 6; pistola metralhadora «Thompson» cal. 11,4 mm, 10; pistola metralhadora «Shmeisser» cal. 9 mm MP-38-MP40, 51; pistola metralhadora FBP cal. 9 mm, 1; pistola «Ceska Zbrojvska» 7,65 mm. 48; pistola «Tokarev» cal. 7,62 mm M-1933, 7; pistola Model, 27, 1; munições armas ligeiras, 530.000; granadas de canhão sem recuo B-10 cal. 82 mm, 26; granada explosiva de canhão sem recuo B-10 cal. 82 mm, 64; granada de fumos de morteiro médio cal. 82 mm M-37, 95; granada anticarro de lança-granadas P-27, 65; granada anticarro de lança-granadas RPG2, 322; granada anticarro de lança-granadas RPG7, 108; minas anticarro, 200; minas antipessoal, 300; granadas de mão defensivas F-1, 106; granadas de mão defensivas RGD-5, 10; granadas de mão defensivas RG-42, 8; granadas de mão defensivas 38-MR, 4; granadas de mão RG-34, 5; granada de mão ofensiva RG-4, 30; e granada de mão ofensiva «Breda», 1.

Verifica-se, assim, que durante o ano findo o inimigo sofreu pesadas baixas, dentre as quais ressaltam 614 mortos confirmados e que lhe foram apreendidas cerca de 50 toneladas de material, sendo cerca de 90 % de origem soviética.»

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	530$	—	530$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620$
Centenários 4%	480$	—	480$
Obrigs Tesouro 5%	—	.005$	1.010$
Externo Série	—	—	100$
Externo Série C	825$	820$	—
Externo 3 Série	—	700$	—
Externo 3 Série C	—	750$	820$
Cautelas 3 Série	—	—	60$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	920$	930$
A P I 5% 58	—	920$	930$
C P 4 1/2% 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	1.000$	995$	1.000$
C U F 6%	998$	998$	1 000$
C U F 6% 68	1.0'5$	0'2$	1.020$
Gás Elect 4% 48	—	780$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	8'5$	—
Gás Elect 5% 52	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	—
Gás Elect 5% 59	—	890$	—
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	9'0$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	995$	990$	995$
H E A Alentejo 5%	—	—	820$
H E Cávado 5%	—	800$	830$
H E Cávado 6%	—	—	995$
H E Douro 5%	—	—	830$
H E Douro 6%	—	—	998$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	990$	—	998$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	998$	—	1.000$
Metropolitano 4%	—	—	890$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	998$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	820$
Petroquímica 5%	—	865$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	830$	850$
T A P 4%	—	930$	—
Termoelect Port 5%	812$	811$	815$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	83$
U E P 5% 60	—	—	800$
U E P 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.292$	2.292$	2 295$
Alentejo	1.095$	1.095$	1.100$
Angola	3.680$	3 680$	3.700$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	5.700$	5.700$	5.750$
E Santo	18.600$	18.500$	18.700$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	20.000$	25.000$
Fomento Nacional	—	2.400$	2.450$
L & Açores p	7.050$	7.050$	7.100$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	5.900$	5.860$	5.900$
Portugal n.	—	3.250$	3 300$
Portugal p.	—	4.200$	4.400$
Totta Aliança	—	—	—
Ultramarino n.	3.550$	3.500$	3.550$
Ultramarino p.	3 840$	3.830$	3.850$
Seguros			
Alentejo	82$	81$	83$
Douro	—	—	—
Mundial	870$	870$	880$
Sagres	—	1.050$	2.600$
Tranquilidade	—	55.000$	65.000$
Ultramarina	—	18.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	850$	900$
Ag Cassequel	795$	795$	800$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	395$	370$
Boror	—	160$	180$
Buzi	85$	85$	86$
Cabinda	—	240$	244$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2 390$	2 385$	2 400$
H E Revué	650$	650$	690$
Ilha do Príncipe	—	800$	—
Moçambique	180$	—	182$
Sonete n	—	—	—
Sonete p	445$	445$	447$
Zambézia	85$	85$	85$
Angolana	—	—	—
Diversas			
Cidla	7 890$	7 880$	7 900$
Cim Leiria	—	4 500$	5 300$
Cim Tejo	—	—	7.100$
Co. Navegação	—	1 450$	1.500$
C U F	—	1.500$	1.540$
Inc Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3 800$	3 850$
Petroquímica	2.120$	2 100$	2.130$
Port e Colónias	1.420$	1.420$	1.450$
Port Celulose	—	4 300$	4.450$
Port Pesca	—	—	1 210$
Port Tabacos	787$	786$	787$
Sacor	—	4 700$	4 780$
Siderurgia Nac	1 830$	—	1.900$
Soce	—	3 400$	3 440$
Tabacos de Portugal	—	1.800$	1.900$
Tabaqueira	—	—	8 000$
U F Azoto	890$	880$	893$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	—	420$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct Beiras	—	600$	—
Gás Electr	429$	429$	429$5
H E Alto Alentejo	157$5	157$	157$5
H E Cávado	1.270$	1.270$	1.280$
H E Douro	1.272$	1.270$	1.275$
H E Norte Portugal	3 5$	310$	320$
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.270$	1 270$	1.275$
Nac Electricidade	—	1 270$	—
Termoeléctr Port	—	1.270$	1 280$
U E P	190$	190$	191$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	204$9	211$
F D E	—	26$	29$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	31-12-69	7-1-70	8-1-70
GERAL	1503	1511	1516
METROPOL.	1423	1432	1435
ULTRAM.	2088	2089	2112

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2...	28$00	28$50
— Dollars de 5 a 000	28$30	28$70
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$55	7$85
Austria — Schilling	$05	$08
Argentina — Peso	$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,5	$41,0
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$70	5$10
Suíça — Franco	6$50	6$70
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	34$70	36$70

J. BURNAY. L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

M. I. D. E. M. — 1970

De 18 a 23 do corrente, em Cannes, realiza-se o Mercado Internacional do Disco e das Edições Musicais (M. I. D. E. M.) que será dirigido por Bernard Chevry e terá a presença, como observadores, de representantes de diversas firmas de discos nacionais.

Entre as atracções que vão actuar no M. I. D. E. M. contam-se Roberto Carlos, Eliana Rittman, Raphael e Sylvie Vartan.

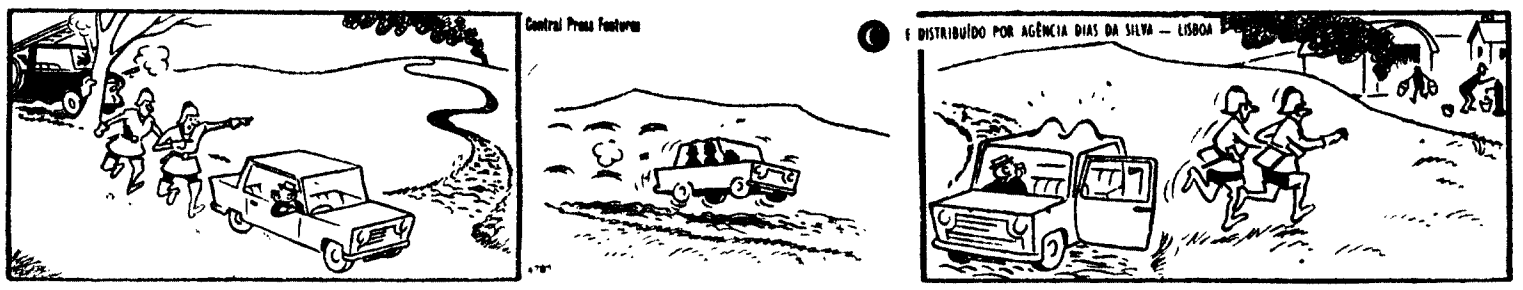
«Operação Saudade»

Vindos, respectivamente, de Moçambique e da Guiné, chegaram hoje a Lisboa, no âmbito da «Operação Saudade», iniciativa do Movimento Nacional Feminino, patrocinada pela TAP, os soldados Augusto dos Santos Chilro, de Arcozelo, Gaia, e José Zeferino Sampaio de Oliveira, de Santo Tirso.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Janeiro de 1940 publicava:

«LONDRES, 8 — O Daily Sketch» afirma que um dos resultados essenciais das conversações de Veneza foi que «a Hungria acedeu ao pedido expresso por Mussolini para pôr uma surdina, por agora, nas reivindicações sobre a Transilvânia romena», de maneira a evitar proporcionar á Rússia ou á Alemanha pretexto para intervir nos Balcans».

VENDE-SE

Indústria em Arganil, bem situada, óptima clientela e com bom movimento. Informa em Lisboa pelo telefone 71 00 14 ou resposta a este jornal ao n.º 395.

AUTOMOTORA DE «FIM DE SEMANA» ENTRE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO-GUADIANA E BARREIRO

A C. P. informa que a estação de Lagos passa a vender bilhetes para a automotora especial que circula aos sábados e domingos de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro e volta, com ligação em Tunes e no Barreiro às circulações normais.

O preço de Lagos a Lisboa (Terreiro do Paço) e volta é de 110$00.

Palavras cruzadas

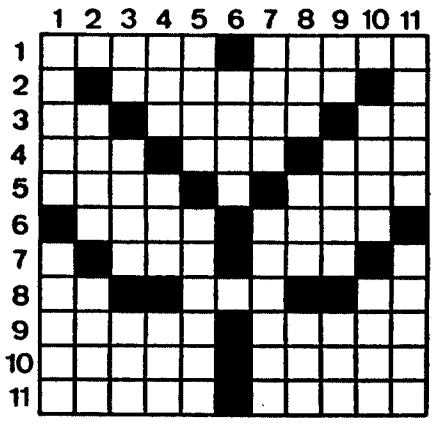
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5410

HORIZONTAIS: 1 — Careca. Dão uivos. 2 — Garbosas. 3 — Quarto. Disparatarás. Pronome pessoal. 4 — Em as. Oceano. Rio de França. 5 — Içar. Artigo definido. Inteligência. 6 — Reproduções. Rã (pop.). 7 — Fileira. Pronome relativo. 8 — Ribeira da Ásia Russa. Compreendeu. Cobre (s. q.). 9 — Em alto grau. Prendeis com as gavinhas. 10 — Estive unido. Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Cordoy. 11 — Nome de mulher. Comprara (garrotes) de um ano ou pouco mais aos fazendeiros que necessitavam de numerário, ou que não têm campos suficientes, a fim de revender daí a dois anos, para exportação.

VERTICAIS: 1 — Pêlos do pescoço e da cauda do cavalo e doutros animais. Adições. 2 — Espécie de cheque. Jogo popular. 3 — Nota musical. Tiira. Unidade monetária do Japão. 4 — Reles. Lista. Prefixo que designa três. 5 — Lavrem. Camponesa dos arredores de Lisboa. 6 — Cidade da Argélia. 7 — Empregar. Juiz-mor entre os Mouros (Ant.). 8 — Chefe etíope. Cruel. Pátria. 9 — Reis. Mau dançador. Altar. 10 — Covil. Remar para trás. 11 — Pronome indefinido. Vale.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito?



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5409

HORIZONTAIS: 1 — Amaça. Poiso. 2 — SEDE. JUSTOS. 3 — Ária. Ulo. Af. 4 — Cavara. Vim. 5 — Somara. Sisa. 6 — É. Bar. 7 — SEREIS. Loca. 8 — FORTES. Sam. 9 — Roga. Com. Nu. 10 — Irar. Acarta. 11 — Moram. Aliás.

VERTICAIS: 1 — Asa. Sés. Rim. 2 — Merco. Êforo. 3 — Adiam. Rogar. 4 — Ceava. Erara. 5 — Ar. It. 6 — Jura. Seca. 7 — Pula. Soca. 8 — Oso. Sal. Mal. 9 — Ti. Viras. Ri. 10 — Soais. Canta. 11 — Ostra. Amuos.

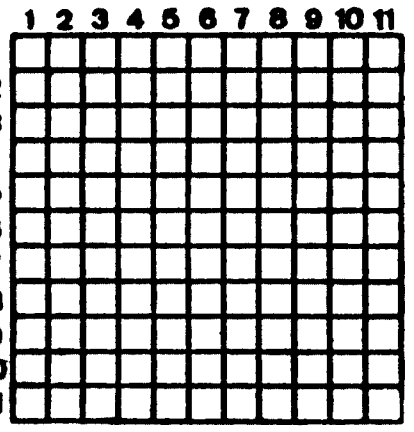
Provérbio: SEDE JUSTOS E SEREIS FORTES.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9253

HORIZONTAIS: 1 — Vila e sede de concelho (Aveiro). Vendera a crédito. 2 — Apne. Estimem. 3 — Monarca. Colocar. Bolo de farinha de arroz, usado na Ásia. 4 — Transmutia gratuitamente (Bens) a outrém. Paixão. 5 — Tostar. Messe. 7 — Cidade de França. Estruma. 8 — Causal amuo a. Invulgares. 9 — Álcool de melaço. Muito. Troças. 10 — Desordem. Murcha. 11 — Planta gramínea. Andam á roda.

VERTICAIS: 1 — Roupagem. A norte. 2 — De bronze (Pl.). Tornar amuado. 3 — Caminhantes. Fama. 4 — Nota musical. Significava. Isolado. 5 — Igual. Consentimento. 6 — Cobalto (s. q.). Artigo indefinido. 7 — Chefe etíope. Apelida. 8 — Seguia. Rendimento. Letra grega. 9 — Querida. Dar uivos. 10 — Restituir. Espécie de boné chato, sem costura nem pala. 11 — Gostara muito de. Queimam.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9252

HORIZONTAIS: 1 — Fura. Lobo. 2 — Era. Coa. Sôr. 3 — Sr. Alaca. Ri. 4 — Tasca. Acoá. 5 — Arear. Rara. 6 — Eme. 7 — Barra. Apelo. 8 — Oncar. Ramas. 9 — Lá. Salão. It. 10 — Ama. Sem. Uni. 11 — Sara. Proa.

VERTICAIS: 1 — Festa. Bolas. 2 — Umran. Anoma. 3 — Rã. Serra. Or. 4 — Aca. Rãs. 5 — Clareanas. 6 — Boa. Leu. 7 — Acarearam. 8 — Aco. Pão. 9 — Os. Ordem. Ur. 10 — Bonla. Loiro. 11 — Árias. Óstia.

S/ AUTOMÓVEIS PARTICULAR

Empresto em 1/2 hora sem fiador, s/ hipotecar, s/ vender. Facilito seguro, prazos 40 meses. Rua Arco a São Mamede, 18, 2.º — Telef. 66 36 97.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

CAMINHOS DE FERRO LEILÃO

Em 12 de Janeiro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando à Companhia os débitos que corresponderem para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 8 de Janeiro, das 10 às 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

Já pensou em comprar um andar? O seu capital será valorizado dia a dia.
Andares nos melhores locais desde 185 contos
Pagamentos até 25 anos.

CONSULTE-NOS

LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.

Praça da Alegria, 58-2.º Sala-E, LISBOA
Tels. 326718/327803/328567

O novo estatuto da Imprensa Nacional

O «Diário do Governo», na sua 1.ª série, publicou hoje o novo estatuto da Imprensa Nacional que passa a ser pessoa colectiva de direito público, dotada de autonomia administrativa e financeira, com património próprio e que constitui uma empresa pública.

A I. N. tem por atribuições o exercício das artes gráficas em regime de exploração industrial, o ensino das mesmas e seu desenvolvimento e elevação do nível técnico.

Entre as edições compete-lhe fazer as do «Diário do Governo», «Diário das Sessões», Orçamento Geral do Estado e outros trabalhos oficiais.

A I. N. passará a ser administrada por um conselho de administração de três membros, nomeados pelo ministro do Interior, e por um conselho fiscal. O conselho de administração deverá reunir, pelo menos, uma vez por semana. Percebem os administradores ordenado mensal, fixado pelo ministro do Interior, e terão participação nos lucros do estabelecimento.

O pessoal da I. N. poderá ser funcionário ou assalariado.

Para a inserção na 1.ª série do «Diário do Governo» todos os documentos terão de passar pela Secretaria-Geral da Presidência do Conselho e aí autenticados.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas «Comércio do Funchal», «Diário do Alentejo», de Beja; «Notícias de Portugal», de Lisboa; «Diário do Ribatejo», de Santarém, e Gazeta do Sul», do Montijo.

A RANK XEROX ALARGA O CAMPO DE ACTIVIDADE

Foi divulgado, em Londres e Nova York, por John Davis, presidente da Rank Organisation, e Peter MaLough, presidente da Xerox Corporation, o alargamento do campo de actividade da Rank Xerox Limited.

Para além das vastas atribuições no campo da reprografia, a Rank Xerox passará a comercializar uma extensa gama de novos produtos (material electrónico de processamento de dados, equipamento para ensino e apetrechamento de bibliotecas, equipamento para análise e diagnóstico médico e diverso equipamento de escritório, etc.).

«Esta reestruturação — afirmaram os signatários da comunicação — é o ponto culminante das negociações que se têm vindo a processar há já algum tempo entre a Xerox Corporation e a Rank Organisation. A Rank Xerox mantém-se como sempre foi, a resultante de uma associação extremamente unida».

Divulgado o plano de actividade da Junta de Turismo da Costa do Sol para 1970

«O ano é de muita responsabilidade para todos nós» — diz-se no plano de actividade turística para 1970 da Junta de Turismo da Costa do Sol, a qual anuncia a intenção de proceder a obras e arranjos na Gruta do Poço Velho.

No que respeita a exposições, conservação e divulgação de trajes regionais, a Junta passará a dispor de salas no Pavilhão de Congressos do Estoril. Organizará os clássicos salões da Primavera e do Outono, o de Arte Moderna e o Salão de Fotografia. No plano internacional, a Junta pensa estabelecer contactos para uma propaganda util e proveitosa da zona.

Continuará a seleccionar e a adquirir o material próprio á biblioteca. A revista «Cascais e seus lugares» prosseguirá na divulgação e na propaganda da região.

A Junta patrocinará o Teatro Experimental de Cascais. No que respeita ao desporto, ajudará *«todas aquelas organizações que sob o ponto de vista desportivo se mostrem válidas e de interesse»*. Organizará marchas e festas populares, o Cortejo de Santo António e a Feira do Mar, bem como a Exposição Canina Internacional, os Cursos Musicais de Férias, o II Concurso de Conjuntos de Música Moderna e o Concurso Internacional Beethoven, e colaborará na Festa do Mar.

Espera a Junta, em 1970, apresentar o Pavilhão de Turismo (antigo casino) em condições razoáveis á realização de congressos. Levará a efeito melhoramentos no Jardim Carlos Anjos e em Oitavos e Forte Velho. E colaborará num alargamento da rede eléctrica a parte da Estrada do Guincho.

FESTIVAL DE SAN REMO

Nos ultimos dias do próximo mês de Fevereiro (exactamente de 26 a 28) realiza-se o vigésimo Festival de San Remo, certame musical de características comerciais que envolve as principais firmas editoras musicais de Itália e será transmitido pela Eurovisão.

O Festival é organizado pela Comissão de Turismo local e dirigido por Ezio Radaelli e Gianni Ravera.

Policlínica do Rossio

L. D João da Câmara. 19, 2.º Esq. — Telef. 32 06 60

Dr Almada e Melo — Crianças — 2.ªs e 5.ªs — 7 h.
Dr Anacleto Miranda — Olhos — 2.ªs 4.ªs 5.ªs e 6.ªs — 15.30 h.
Dr Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ªs e 5.ªs — 15 h.
Dr A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ªs 5.ªs e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar. e Ouv. — 14 h.
Dr Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ªs 4.ªs e 6.ªs — 19 h
Dr Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ªs e 5.ªs — 17 h.
Dr Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ªs 5.ªs e sábados — 14 h.
Dr Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis do Disp. de Prof. Mental — 3.ªs e 5.ªs — 18.30 h.
Dr. M Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ªs 5.ªs e sáb.ªs — 15 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ªs 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Nelson R Viegas — Pele e Sífilis — 2.ªs 4.ªs e 6.ªs — 15 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

PILOTOS DA BARRA DE LISBOA

ALTERAÇÃO DE NÚMEROS TELEFÓNICOS

INFORMA-SE QUE A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 10, INCLUSIVE, OS TELEFONES DESTA CORPORAÇÃO PASSARÃO A FUNCIONAR COM BUSCA AUTOMÁTICA COM OS NÚMEROS 61 33 11/2/3/4.

JANEIRO DE 1970.

LIVRELCO

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto no Art.º 37.º § 1.º dos Estatutos convoco a Assembleia Geral da LIVRELCO — Cooperativa Livreira de Universitários S. A. R. L., a reunir em sessão extraordinária, na sede social, em Lisboa, Rua José Carlos dos Santos, 7, 1.º, no próximo dia 21, do corrente mês de Janeiro, pelas 15 horas, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1 — Informações;
2 — Discussão acerca do problema suscitado pelo sócio Henrique Moreira (transacção de um gravador);
3 — Análise da situação actual da Livrelco em função da actividade desenvolvida pelas anteriores gerências e perspectivas para o futuro.

Não havendo numero legal de sócios para deliberar em primeira convocatória, convoco, desde já, a mesma Assembleia Geral para reunir, em segunda convocação, no mesmo local ás 16 horas e com a mesma ordem de Trabalhos **no dia 24 (SÁBADO) do corrente mês de Janeiro** deliberando, então com qualquer numero de sócios presentes.

Lisboa e Sede Social, em 5 de Janeiro de 1970.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(A. MACHADO RODRIGUES)

GABRIEL PINTO DA CUNHA

MISSA DO 7.º DIA

Ester Pinto da Cunha, Maria Fernanda Pinto da Cunha Rosa, seu marido Orlando Alberto Xavier Rosa e filhos e mais família, participam que amanhã, dia 9, às 12 horas, na Igreja dos Anjos, mandam celebrar Missa, rogando a Deus pelo eterno descanso do seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

A. G. MAGNO, LDA.
Avenida Almirante Reis, 129-A (Telef.: 51586)

GABRIEL PINTO DA CUNHA

MISSA DO 7.º DIA

SILEMA, S. A. R. L. — A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL — O CONSELHO FISCAL E O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO, participam a todos os seus amigos e clientes que amanhã, dia 9, às 12 horas, na Igreja dos Anjos, será celebrada Missa, rogando a Deus pelo eterno descanso do seu saudoso Presidente do Conselho Fiscal, agradecendo desde já a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto.

GABRIEL PINTO DA CUNHA

MISSA DO 7.º DIA

JOALHARIA DO CARMO, LDA., participa a todos os seus amigos e clientes, que amanhã, dia 9, às 12 horas, na Igreja dos Anjos, será celebrada Missa, rogando a Deus pelo eterno descanso do seu estimado sócio-gerente, agradecendo desde já a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

II PROGRAMA
«ZIP-ZIP»

Toda a emissão do Programa Regional é dedicada ao Zip-Zip, recém-terminado. Com efeito, a partir das 22 horas, transmite-se o 29.º programa desta produção de Raul Solnado, Carlos Cruz e Fialho Gouveia, apresentado em 9 de Dezembro ultimo no I Programa.

CONVERGÊNCIA

Cerca das 20 e 50, está «no ar» o quinzenário de actualidades literárias «Convergência», coordenada por Eduino de Jesus. Recorda, logo de início, o grande poeta José Régio, evocado por João Gaspar Simões.

A terminar esta evocação são ditos os poemas «O Fértil Desespero» e «A Memória de João Bensaúde», por Mário Pereira e Manuela de Freitas, respectivamente.

A rubrica prossegue com «Encontro com Augustina Bessa», «Rosa dos Ventos» e «Projectos para a época literária», de Jacinto Prado Coelho, Maria da Graça Freire, Romeu Correia e António Quadros.

ACTUALIDADE DESPORTIVA
HERTHA-VITÓRIA DE SETÚBAL

Cerca das 20 horas, Alves dos Santos apresenta e comenta o resumo filmado do desafio de futebol «Hertha»-V. Setubal, disputado em Berlim, a contar para a 2.ª mão da Taça das Cidades com Feira.

Gene Barry é o intérprete ideal da figura do jornalista Glenn Howard na série «O Jogo da Vida»

Uma mulher, Jacqueline Baudrier, dirige o novo telejornal do 2.º Programa

«O JOGO DA VIDA»:
«A TERCEIRA ESCOLHA»

Da série norte-americana «O Jogo da Vida» é apresentado, pelas 22 e 5, o episódio intitulado «A terceira escolha» com Gene Barry no principal papel.

A história principia no momento em que Glenn Howard chega a um país africano onde se encontra um reporter fotográfico, raptado pelos terroristas. Todas as negociações têm de ser conduzidas cuidadosamente para evitar um incidente diplomático-político...

Imagem do novo Telejornal do 1.º Programa. Na altura, o assunto era a viagem á Lua

DESENHOS ANIMADOS

Pelas 19 e 45, as histórias em animação, que tanto divertem os mais pequenos telespectadores, estão, mais uma vez, no pequeno «écran». Lá aparecem os habituais heróis: gatinho preto, o porquinho e os infatigáveis inimigos gato e rato, já tradicionais.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de... 17 e 35: Do choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Malio; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 7.º episódio do Folhetim «A Roça», de Fernando Reis, numa adaptação de Judith Navarro; 21: Orquestras ligeiras; 21 e 30: Música, só msica; 21 e 40: Variedades no estúdio; 22 e 30: Evocação de Coimbra; 22 e 50: Música ligeira; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º acto da ópera «D. João» (Mozart). 18: Música do século XX; 19: Crítica literária, pelo dr Bigotte Chorão; 19 e 10: Música regional da Beira-Alta e da Beira-Baixa, recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 25: Música de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música instrumental — Abertura «O Cerco de Corinto» (Rossini); 20 e 30: Música coral alemã. Coro da Rádio de Berlim; 21: Concerto pela Academia de instrumentistas de câmara, sob a direcção do maestro, Silva Pereira; 21 e 20: O pianista Jacques Février, toca Brahms; — Rapsódia op. 79, n.º 1, em si menor; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pela pianista Ana Rita Crawford do Nascimento — — Sonata em lá maior op. 120 (Schubert); 22 e 20: Poemas sinfónicos.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 28 — Música de tecla; 23 e 30: Concerto pelo Coro da Radiodifusão Holandesa, sob a direcção de M. Boekel; 28 e 50 — Música sintónica; 0 e 40: Suite n.º 1, em ré maior (Marin Marais). Intérpretes: Robert Boulay, viola; Marie-Thérèse Chaltley - Guiard, viola; Laurence Boulay, oravo. 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: A Universidade e a Nação; 19 e 45: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e Noticiário; 20 e 7: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio placard; 21 e 3: Diálogo; 21 e 8: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Música tradicional e palestra religiosas; 28 e 22 — Grande rodo; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita — dos 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18. Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 20: Rabbialac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 2: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 3: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrocel-3; 28 e 4: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama 18 e 5: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Canta João Maria Tudela; 21 e 45: Melodias de Paris; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; Rádio **Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

(Continua na página seguinte)

canal da crítica

SIM. PORQUE OU HÁ MORAL OU BRINCAMOS TODOS...

Rebelo da Silva escreveu um romanceco sem história (nem História). E como o livreco não tinha nenhuma validade artística ou de qualquer outra ordem, via-se logo que estava destinado a servir de pretexto para mais uma noitada teatral.

Palavra de honra, pá. Estes tipos, pá. Este fulanos, pá, a armar ao intelectual, pá. Quando eles, pá, exigem, pá, para o teatro, pá, a dignidade que merece todo o ser vivo, pá, o que eles estão, pá, é a arvorarem-se em paladinos, pá, de uma causa em que ninguém lhes encomendou o sermão.

Pois claro, pá. Nisto de teatro, eu reconheço, quanto mais bruto, melhor. Acho mesmo que nas mãos de Saint-Maurice, do Paulo Renato, do Alexandre Vieira, do Virgílio Macieira, etc., é que está o futuro do teatro da televisão, e já agora nas mãos do Rebelo da Silva, coitado, autor de argumentos a que se tira qualquer pequeno sabor ou artifício mais ou menos engenhoso que pudessem ter, e ainda não descobriram para o teleteatro a «*última corrida de toiros em Salvaterra*», o que é pena, porque então é que devia ser cá uma destas touradas...

Ai mas ontem, estavam todos tão contentes com suas vestes afafulhantes.

Bom. Agora a sério. Agora mesmo muito a sério. Lá uma que outra facadinha nos argumento originais, ainda se desculpam. Mas punhaladas de acertar no coração, nunca. Vou fazer queixa à Sociedade de Autores e Compositores Teatrais Portugueses.

Refiro-me, como a maior parte dos meus leitores certamente já compreendeu, ao artifício usado na peça de ontem e que consistiu no desaparecimento da espada de Paulo de Azevedo, na altura em que El-Rei lha solicita. Vejamos como Rebelo da Silva relata o mui verídico evento (como se diz, tão enfàticamente, no *Telejornal*):

D. JOÃO V — *Nós, D. João, rei de Portugal, de moto-próprio, ciência certa e poder absoluto, havemos por bem dispensar na letra e nas penas do artigo 8.º do Alvará de 1710, em benefício do alferes Paulo de Azevedo, ao qual ordenamos que, sem demora, dispa já a espada da bainha!*

PAULO — *Esta espada é a única riqueza da minha casa. Trouxe-a meu bisavô do Oriente e sempre se teve por milagrosa. Banhada nas águas santas do Jordão, a folha é invencível!*

Etc., etc. Não se levaria a mal que a adaptadora teatral eliminasse tamanho falatório. Voltemos ao romance. O rei insiste, e tanto insiste, que o Paulo... «*arremetendo ao punho com afectada exaltação, arrancou da bainha a folha de pau que substituíra a lâmina empenhada nos apuros da pobreza.*»

Que faz a adaptadora? Os copos da espada aparecem nus. Nem aço, nem lenha. Lavro aqui o meu protesto. O público telespectador português não merecia tanto. Não, não há direito. Queremos a espada de pau, pronto. Queremos um cavalinho de pasta. Queremos um capacete de papel de jornal. Sim, porque ou há moral, ou brincamos todos.

Quanto ao mais...

D'ante de pessoas que, co-

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

LICEUS • Ciclo Preparatório 2.º e 3.º Ciclos
PROFESSORES MUITO COMPETENTES E DIPLOMADOS EM TODAS AS DISCIPLINAS
RESULTADOS INCOMPARÁVEIS
EXCELENTES INSTALAÇÕES • EDIFÍCIO PRÓPRIO • AMBIENTE «SUI GENERIS», PROPÍCIO AO ESTUDO
EXTERNATO SÁ DE MIRANDA
Telef.: SECRETARIA — 45310 Rua Alexandre Braga, 17
DIRECÇÃO — 537532 (Estefânia — Alm. Reis)

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Desenhos animados; 19 e 55: Actualidade Desportiva; 20 e 10: Totobola; 20 e 20: Tempo Internacional; 20 e 50: Convergência; 21 e 30: Telejornal; 22: «O Jogo da Vida»; 23 e 30: Marcha do Mundo, Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: «Zip-Zip»; 23 e 55: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 10: Cantaz TV; 20 e 30: «Ao Serviço da Nação»; 20 e 50: Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22: Dia Nacional do Emigrante; 22 e 15: «O Jogo da Verdade»; 22 50: «A Brigada Especial»; 23 e 50: Marcha do Mundo; e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema — «A Irmã San Sulpício»; 28 e 30: Fecho.

TUDOR
pilhas para iluminação

Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS OU MORADIAS A J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM CASCAIS E PAÇO D'ARCOS

RENDIMENTO DE 6 A 10%, GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito. Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

Preços dos Apartamentos mobilados: 150, 175, 180, 185, 190, 195, 200, 215, 225, 230, 250, 255, 265, 305, 325, 350, 470 e 600 contos

» » Andares: 4 assoalhadas 300 contos; 5ass. 380 contos, 6 ass. 440 contos; 9 ass. 750 contos e 12 ass. 880 contos

Locais onde possuímos andares e apartamentos: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos (Espargal), Parede, Cascais e Lisboa.
Moradias Luxuosas: 9 divisões assoalhadas, 3 casas de banho, cozinha, garágem, quintal e jardim. Magnífica vista de mar e serra situadas na R. José Ferrão Castelo Branco, em Paço d'Arcos. Facilita-se parte do pagamento.
Apartamentos em exposição nos seguintes locais: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garagem Eduardo Jorge; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (retaguarda do Hotel Baía)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021/22: AMADORA-REBOLEIRA — Telef. 933670

A NOSSA ORGANIZAÇAO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

POR FAVOR LIGUE O Dimplex

"DIMPLEX": O melhor aquecimento do mundo.

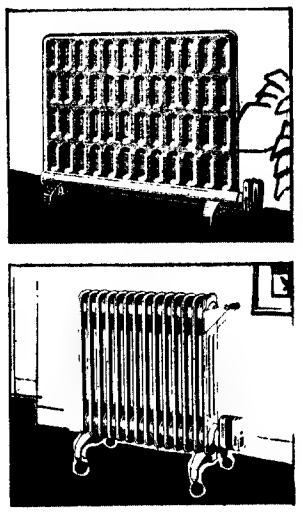
"DIMPLEX": Radiadores eléctricos a óleo, com controle de temperatura ambiente, por termóstato. O calor Dimplex não altera nem seca o ar. — Sem perigo, sem cheiro, sem fumo, sem chama, sem maçadas. — Até os bébés conhecem, apreciam e preferem o calor DIMPLEX.

— O calor DIMPLEX é saudável, higiénico, seguro e económico.

— Os radiadores DIMPLEX não apresentam qualquer perigo para as crianças. A temperatura à superfície está sempre controlada, sem perigo, por termóstato.

— A DIMPLEX oferece uma gama completa de aquecimento para o seu lar,

peça catálogo grátis



convector DIMPLEX

Dimplex

À VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
R. ANTÓNIO ENES, 20-1º - TEL. 53 50 57 - LISBOA
R. DR. ALFREDO DE MAGALHÃES, 99 - PORTO

CENTRO COMERCIAL DOS SERVICOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA

ÀS SUAS ORDENS PARA:
MONTAGEM DE AUTO-RÁDIOS
VENDA DE ACESSÓRIOS
REPARAÇÕES RÁPIDAS

AV. LUIS BIVAR, 65 A • R. PINHEIRO CHAGAS, 66 • TEL. 56 02 00 • LISBOA

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

TRANSPORTE DE TRABALHADORES PELO CAMINHO DE FERRO, COM DESTINO A FRANÇA E ALÉM

Comunica-nos a C. P. que para transporte, em 2.ª classe, de trabalhadores portugueses, destinados a França e além, põe em circulação carruagens directas com destino a Hendaia, ás terças e sextas-feiras, no período de 2 de Janeiro a 10 de Abril, com partida de Viana do Castelo ás 8 h.; Braga ás 8-55 e ás quintas-feiras, no período de 8 de Janeiro a 9 de Abril, com partida de Faro, ás 23-04 h.

O pormenor deste serviço consta dos **avisos horários** afixados nas estações e nas Secções de Informações ao Publico.

Mais de quatro mil leitores utilizaram no ano findo a Biblioteca de Vila Franca

VILA FRANCA DE XIRA, 8. — Os serviços de leitura da biblioteca-museu foram utilizados, durante o ano findo, por 4260 leitores, pertencendo 2415 ao sexo masculino e 1845 ao feminino.

O número de obras requisitadas foi de 2768, das quais 2193 se destinaram a leitura domiciliária. A secção de jornais e revistas foi utilizada por 1510 leitores.

Das 44 actividades exercidas pelos leitores requisitantes, avulta, em primeiro lugar, a dos estudantes, com 1923, seguindo-se-lhe, por ordem decrescente, as domésticas, os empregados de escritório, funcionários publicos, funcionários corporativos, professores, mecanicos, ferroviários, radiomontadores, vulcanizadores, oficiais do Exército, pintores, pedreiros, etc.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

mo Francisco d'Orey, depois das 11 da noite, nos entra pela casa dentro a falar a sério do contraponto, dá vontade de exclamar: *que ponto!* Daquela massa se fazem os heróis e os mártires. Não da minha, que estou fatigado e mal forças tenho para deixar cair aqui, como um punho, o ponto final da crónica.

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

A nova máquina de lavar roupa **PHILCO** agora com o **PROGRAMA BIOLÓGICO !!!**

À venda na SUPERMANOS
Largo do Mastro, 3 a 9 — Lisboa
DISTRIBUIDORES GERAIS EM PORTUGAL:
Apartado 139 — Porto

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

OLGA SOARES DE CARVALHO NOVAS

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

PESSOAS DE AMIZADE participam que foi Deus Servido chamar à Sua Divina Presença a sua muito querida amiga, realizando-se o seu funeral amanhã, dia 9, pelas 10 horas da Igreja de São João de Deus, para jazigo no cemitério do Alto de S. João. Celebrando-se missa de corpo presente pelas 9 horas naquele templo.

AGÊNCIA VIUVA NOGUEIRA
RUA DE D. ESTEFANIA, 76

DESPORTO

HERTHA, 1-VITÓRIA DE SETÚBAL, 0

UM PONTO NEGRO (O GOLO) EM CAMPO DE NEVE

• CARDOSO, ALFREDO, JOSÉ MARIA E VAGNER AS FIGURAS MAIS SALIENTES DA EXCELENTE EQUIPA PORTUGUESA

BERLIM, 8 — (Especial para o «Diário de Lisboa»)—A baixa temperatura que se registou ontem na antiga capital alemã foi aliado poderoso com que o Herta contou para vencer, por um escasso golo obtido aos quinze minutos da segunda parte, os portugueses do Vitória de Setúbal no encontro da segunda mão da terceira eliminatória da Taça das Cidades com Feira.

Com efeito a equipa portuguesa encontrou fortes contrariedades para impor o seu habitual padrão de futebol feito de constante apoio e triangulações sucessivas. Apesar da aplicação dos seus futebolistas o Vitória de Setúbal raras vezes teve ensejo de criar problemas autênticos ao guarda-redes alemão, isto porque os seus dianteiros não encontraram terreno firme para receber o esférico em movimento e, já embalados, poderem rematar ao golo.

Habituados a um clima mais temperado e ameno nesta quadra do ano e a campos enxutos, onde a bola é convenientemente controlada, os jogadores de Setubal, apesar do tecnicismo que por largos períodos evidenciaram e do perfeito entendimento que denunciaram nos seus movimentos colectivos, viram, assim, limitado o potencial atacante de que careciam para desfazer, a seu favor, a igualdade consentida em Lisboa, já que o zero-zero inicial também não servia os seus propósitos, uma vez que, segundo o regulamento da prova, o Hertha se via favorecido pelo tento obtido no encontro da primeira mão.

Como quer que seja, haverá que reconhecer ao «team» português uma categoria e traquejo internacionais que poderiam ter levado mais longe a equipa, se não fora o infortúnio que impôs a disputa desta eliminatória e, particularmente, deste segundo desafio, quando toda a Europa sente os efeitos de uma temperatura baixíssima, de alguns graus abaixo de zero. Ontem, por exemplo ao iniciar-se a partida, o termómetro marcava oito graus negativos.

*

Tal como se poderia prever, os alemães iniciaram o jogo firmemente lançados ao ataque e dispostos a não permitir aos portugueses quaisquer surpresas do género daquelas que tinham registado nas eliminatórias anteriores, em Bucareste primeiro e em Liverpool depois.

Aconteceu, por isso, que, nos primeiros vinte minutos do encontro, os portugueses tiveram que preocupar-se essencialmente com a protecção á sua baliza, começando desde logo a notar-se a acção eficiente dos dois «centrais» Cardoso e Alfredo na neutralização das investidas germânicas e a atenção do guarda-redes Vital, muito oportuno a sair ao encontro da bola e dos adversários.

Logo, porém, que este período da partida ficou para trás, quando os portugueses começaram a revelar-se melhor adaptados á autêntica camada de gelo que cobria todo o rectângulo, surgiu, simultâneamente, uma melhoria evidente em toda a equipa do Setúbal,

VITAL

a que correspondeu uma toada de relativo equilíbrio, com lances alternados num e noutro lado do campo, ainda que resultassem mais perigosos os que se desenrolavam perto da baliza dos visitantes, pela maior capacidade atlética dos jogadores do Hertha. No entanto, e apesar dessa supremacia de índole física, os alemães não conseguiram concretizar essa maior quantidade de lances, pelo acerto e coesão evidenciado e já referida da defesa portuguesa.

*

Inegávelmente que no decurso dos primeiros quarenta e cinco minutos a equipa portuguesa deixou bem expressa no Estádio Olímpico de Berlim, toda a vasta gama dos seus predicados técnicos. Outra qualquer, menos experimentada e de menor valia teria soçobrado em face das contrariedades que rodearam o jogo e perante o entusiasmo com que os alemães iniciaram a contenda o que deu origem a que a equipa portuguesa se visse submetida a forte pressão atacante por melhor habituação do adversário áquele rectângulo, que mais parecia uma pista de patinagem no gelo.

Mas o conjunto de Setubal fez gala de uma estupenda capacidade de adaptação. À passagem da meia hora, já o seu comportamento defensivo se revelava senhor da situação, apesar da actuação mais discreta de Carriço e no meio campo o fulgor técnico de José Maria e Vagner compensavam a acção mais apagada de Tomé.

O sector dianteiro porém, foi o que mais se ressentiu das condições do terreno. Guerreiro e Arcanjo experimentavam sérias dificuldades nos despiques físicos indispensáveis para ultrapassar a defensiva germânica, denunciando por isso, acentuada ineficácia na zona de remate, enquanto o futebol ziguezagueante de Jacinto João pleno de adornos técnicos não encontrava ambiente propício ao seu desenvolvimento.

Apesar dos méritos exibidos por uma e outra equipa, nem os portugueses conseguiram êxito nas suas lucidas contra-ofensivas nem os alemães tiraram vantagem dos seus predicados atléticos para bater a boa organização dos adversários. Era tudo branco ao intervalo, no Estádio Olímpico de Berlim.

*

Na segunda parte, contudo, os portugueses iriam pagar o tributo da sua persistência e tenacidade. Mais afeitos ás condições e utilizando maior velocidade no transporte do esférico e na movimentação colectiva, os alemães obrigaram os adversários a correr ainda mais, a lutar mais frequentemente pela posse da bola em despiques físicos. E menos afeitos ás circunstancias os portugueses lógicamente teriam de quebrar logo que os contrários conduziram a partida para um tom manifestamente desfavorável para eles. Foi nesse período que surgiu o golo. Um golo feliz, apesar de tudo, que Vital e os seus companheiros da defesa tudo fizeram para evitar. Um ponto negro na alvura do jogo e que afastou da prova uma equipa de autêntico valor internacional, apesar dos desesperados esforços feitos nos derradeiros minutos e que quase conduziam a nova igualdade, que esteve por um fio.

*

A desatenção dos auxiliares do árbitro, sr. Finney poderia ter-lhe criado alguns problemas, já que por si só, o juiz inglês esteve á altura das necessidades.

AS EQUIPAS

Jogo no Estádio Olímpico de Berlim.

Árbitro: James Finney, auxiliado por Gondon Hill e Kenneth Bake (Inglaterra).

HERTHA — Fraydl; Patzke, Witt, Wild e Ferschl; Altendorf (cap.) e Gayer; Ipta (Steffenhagen), Brungs, Horr e Weber.

VITÓRIA DE SETÚBAL — Vital; Conceição (cap.), Cardoso, Alfredo e Carriço; Tomé (Vítor Baptista); Vagner e José Maria; Guerreiro, Arcanjo e Jacinto João (Figueiredo).

Golo de Steffenhagen aos 15 minutos da 2.ª parte.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

ALFREDO

Acontecimentos DE ONTEM

BILHAR

Campeonato de Lisboa de 1.ª categoria

Resultados apurados na jornada de ontem a contar para o Campeonato de Lisboa da 1.ª categoria (uma tabela):

Cardoso Pereira (indiv.), 200-54-31-Ilídio Gomes (indiv.), 167-54-21; Mário Ribeiro (Benfica), 200-56-22; Américo Torres (Benfica), 195-56-20, e Mário Machado (Benfica), 200-59-18; Raul Vidal (Sporting), 161-59-20.

No comando da classificação encontram-se os bilharistas Mário Ribeiro e Mário Machado

RÂGUEBI

Campeonato de reservas

Devido ao mau tempo foi adiado o encontro de râguebi marcado para ontem, no Estádio Universitário, a contar para o campeonato nacional de reservas, entre as equipas de Económicas e do Técnico.

Basquetebol—Taça Latina (juniores)

Portugal perdeu com a Itália (98-41)

MADRID, 8 — Prossegu[illegible] no pavilhão do Canoe a disputa da Taça Latina de basquetebol na categoria de juniores.

Na jornada de ontem a Espanha venceu a França por 82-53 e a Itália derrotou Portugal por 98-41.

Novamente esteve em evidência a inferioridade técnica dos portugueses, que, apesar do seu entusiasmo e da aplicação com que se bateram, não conseguiram contrariar a superior capacidade dos italianos, que dispõem também de jogadores com mais de dois metros de altura.

E naturalmente os portugueses tiveram de ceder dada a impossibilidade de discutir, com êxito, os lan[illegible] tabelas, situação agravada com a impiedosa marcação homem a homem utilizada pelos italianos e que não deixou campo livre aos portugueses para se organizarem.

As equipas alinharam:

ITÁLIA — [illegible] (9), Trevisan (4), Pelcari (8), Damian (2), C[illegible] (15), Riva (4), Flebus (6), Papati (12), Serafini (2), Malagoli (18), Marzorati (2) e Della Fiori (16).

PORTUGAL — Lourenco (2), «Beto» (6) Parreira (6), Manuel António (2), Tavares (8), Rui Freitas (7), Mendes (4) Gomes (2), Carreira (3) e Cerqueira (1).

HOJE À NOITE

ANDEBOL — No Pavilhão da Ajuda — Campeonato de Lisboa da II Divisão: Madre de Deus-[illegible] ás 20 e 30; Oriental-Vendedores de Jornais, ás 21 e 45; e Casa Pia-Cova da Piedade, ás 23.

BILHAR — Campeonato de Lisboa de 1.ª categoria, na Associação dos Amadores de Lisboa ás 21.

FUTEBOL — No Estádio José Alvalade — Taça Isaac Sequerra (reservas): Sporting-Benfica, ás 21 e 45

— Campeonato de Lisboa da III Divisão (jogo em atraso): Armadorense-Oeiras, ás 21 e 30, no campo Francisco Lázaro.

RÂGUEBI — No Estádio Universitário de Lisboa — Campeonato Nacional de Reservas: Agronomia-Benfica, ás 22.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa de Singulares, Juniores (3.ª série), nas mesas do M[illegible]ntense, Casa Pia, Rodrigues Cordeiro e Belenenses, ás 21 e 30

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: Benfica-Faculdade de Ciências, ás 21 e 30, no pavilhão do Estádio da Luz

SINTRA [illegible] A-0
NO DOMINGO
Para a sua de[illegible] utilize os combóios eléctricos

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

AUTOMOBILISMO

O «TEAM PALMA 1970» FOI ONTEM APRESENTADO

• Confirma-se o lançamento em Portugal da Fórmula «Ford»

Os pilotos do «Team Palma» para as provas deste ano foram, ontem, á noite, apresentados aos órgãos da Informação e a diversas entidades ligadas ao nosso desporto automóvel, durante um jantar oferecido pelos directores do «team», num restaurante de Cascais

Simultaneamente, foi, também, anunciada «oficialmente» a construção de uma dezena de «Fórmulas Ford», o que implicará, pois, a concretização dos «boatos», aparecidos nas últimas semanas, sobre a realização de um campeonato de carros desta categoria, pela primeira vez no nosso País.

Além dos directores da escuderia — Manuel Palma e seu filho Augusto Palma — e dos automobilistas Ernesto Neves, Francisco Santos, Luís Fernandes, Miguel Rau e Botelho Tomé, estavam presentes os srs. Ary Braga da Costa, Eduardo Fonseca e Francisco Soure (do grupo «Sacor-Cidla»), Pedro Bandeira de Carvalho e Edgard Piló (da Ford Lusitana) e elementos da Imprensa e da Rádio.

Aos brindes, vários oradores fizeram o elogio do esforço realmente notável dos responsáveis da equipa em prol do desenvolvimento da modalidade em Portugal, tendo Manuel Palma palavras de agradecimento para com a «Sacor-Cidla» e Ford Lusitana em relação ao fundamental apoio financeiro que estas entidades têm dispensado á manutenção do «team».

Por último Augusto Palma revelou a constituição da equipa para as provas deste ano e o seu plano de acção.

Assim, Francisco Santos-Botelho Tomé («Escort Lotus») farão o Campeonato Nacional de «Rallyes» (em Turismo), enquanto que Ernesto Neves-Miguel Rau («Lotus Elan» Protótipo) alinharão, apenas nas competições mais importantes («TAP», «Volta a Portugal», etc.).

No Grupo 1 (Turismo de Série), Miguel Rau correrá com o «Cortina Lotus» (ex-Francisco Santos), e este piloto disporá de um carro «Ford» cuja nomologação está ainda pendente

Os dois «Escort Lotus» da época passada, consideràvelmente transformados, serão confiados a Ernesto Neves e Francisco Santos

No Grupo de Desporto, Luís Fernandes defenderá as cores da equipa no «Ford GT 40» (esperemos que o «possa» fazer...) e, em Protótipos, Ernesto Nunes e Francisco Santos pilotarão, respectivamente, o «Lotus 47» («superartilhado»..) e «Lotus Elan».

Finalmente, na Fórmula V, Ernesto Nunes e Miguel Rau tripularão «Palma V», enquanto que um Fórmula «Ford» («Lotus 41») será confiado ao primeiro corredor.

Este é o «Team Palma 1970»: Augusto e Manuel Palma (directores) e os corredores Ernesto Neves, Miguel Rau, Luís Fernandes e Francisco Santos. Com este bem assinalou, em breves palavras durante «os discursos», os mecânicos (que também são «Team Palma»!) estiveram ausentes...

TOTOBOLA

19.º CONCURSO — 11 DE JANEIRO DE 1970

CLASSIFICAÇÕES ACTUAIS DAS EQUIPAS

Das 12 equipas incluídas nos 6 jogos da TAÇA DE PORTUGAL, 9 pertencem à II Divisão, onde ocupam as seguintes posições:

ZONA NORTE — Tirsense, 1.º com 22 pontos; Penafiel, 13.º com 10 pontos; Sanjoanense, 5.º com 15 pontos; Salgueiros, 3.º com 16 pontos; A. Viseu, 11.º com 11 pontos.

ZONA SUL — Sesimbra, 7.º com 14 pontos; Atlético, 2.º com 19 pontos; Montijo, 5.º com 17 pontos; Sintrense, 11.º com 11 pontos.

As três equipas da III Divisão estão assim classificadas:

ZONA A — Lamego, 3.º com 13 pontos.
ZONA B — Alba, 1.º com 18 pontos.
ZONA C — Casa Pia, 12.º com 8 pontos

ESPANHA

1.os	**At. Madrid**	24
	At. Bilbau	24
3.º	Real Madrid	22
4.º	**Saragoça**	21
5.º	**Granada**	20
6.os	**Valência**	19
	Sevilha	19
	Real Sociedade	19
9.º	Barcelona	17
10.os	Celta	16
	Las Palmas	16
	Sabadel	16
13.os	Elche	13
	Corunha	13
15.º	**Maiorca**	9
16.º	Pontevedra	4

ITÁLIA

1.º	Cagliari	22
2.os	**Juventus**	19
	Inter	19
	Fiorentina	19
5.os	Milan	17
	Lanerossi	17
7.os	Torino	16
	Nápoles	16
9.º	**Verona**	15
10.º	Roma	14
11.os	Bari	13
	Bolonha	13
	Lázio	13
14.º	Sampdória	10
15.º	**Palermo**	9
16.º	Bréscia	8

A EQUIPA DO F. C. DO PORTO DESLOCA-SE A S. PAULO

- **VIEIRINHA É O TÉCNICO PRINCIPAL DO CLUBE**
- **OS CICLISTAS MÁRIO SILVA, CUSTÓDIO GOMES E JOSÉ LUÍS PACHECO AINDA NÃO RENOVARAM OS CONTRATOS**

Realizou-se ontem a habitual reunião entre a direcção do F. C. do Porto e os órgãos da Informação. Por ter sido a primeira do ano o presidente do clube nortenho, Afonso Pinto de Magalhães, endereçou aos convidados os cumprimentos de circunstancia. Depois de saudar os visitantes, o presidente Afonso Pinto de Magalhães deteve-se particularmente na secção de futebol, nomeadamente no comportamento do grupo principal do clube.

Referiu-se a seguir á visita do F. C. do Porto ao Brasil para inaugurar um estádio em São Paulo para o que o clube foi convidado. É possível que o F. C. do Porto realize dois jogos em terras de Santa Cruz, o primeiro em São Paulo, no dia 23 e o segundo em 27, deste mês. O regresso está dependente da efectivação de um ou dois jogos, portanto a 24 ou 28. A caravana para o Brasil será chefiada pelo dr. Fernando Cabral e integrada do dirigente Ivo de Araujo (ou Hernani Ferreira da Silva), treinador Vieirinha, secretário técnico Artur Baeta, médico dr. José Santana, massagista Vítor Hugo e quinze jogadores dos que têm sido mais vezes utilizados ultimamente na primeira categoria. Está assente que Rui e Gualter (lesionados e Schwartz (doente) não acompanharão a equipa.

Vieirinha desempenhará as funções de treinador unico do futebol profissional e o professor de Educação Física Otto Kar será o preparador físico.

Entretanto, anunciou-se que oito ciclistas profissionais assinaram os seus contratos. E que Mário Silva, Custódio Gomes e José Luís Pacheco apresentaram novas propostas, que vão ser estudadas pelos dirigentes.

VOLEIBOL

Triunfo do Lisboa Ginásio sobre o CDUL (3-2)

Principiou ontem á noite o campeonato de Lisboa de Voleibol na categoria de seniores e não podemos afirmar que começou da melhor maneira porquanto dos dois encontros marcados apenas se realizou o CDUL-L. Ginásio.

O jogo Costa do Sol-Externato de Moscavide ficou sem efeito em virtude da desistência dos primeiros, o que é sempre de lamentar.

No Estádio Universitário o L. Ginásio venceu com muita dificuldade o CDUL por 3-2 (4/15; 15/11; 15/6; 9/15; 15/13). As formações, sob a direcção de Fernando Alves e Alfredo Silva, foram as seguintes:

CDUL — Pedro Roriz, Moniz Pereira, Nuno Pinto, Mena Reis, José Albino e Barão Pinto.

L. GINÁSIO — Joaquim Azevedo, Cazal Ribeiro, Rodrigo Carvalho, Armando Jerónimo, Fernando Simões, António Ribeiro, Eduardo Sousa e José Sales.

O encontro situou-se num plano técnicamente modesto. Para isso contribuiu o nervosismo incompreensível com que as duas equipas encararam este encontro, proporcionando uma partida incaracterística que apenas se salvou pela incerteza no resultado.

O CDUL no 1.º «set» foi fulgurante e chegou a 10/0. No «set» imediato consentiu 0/5 fez 9/5 e acabou por perder. No 3.º «set» os universitários alcançaram 6/0 e quando tudo fazia prever uma vitória robusta não foram além daqueles pontos, perdendo por 15/6.

Na partida final o C. D. U. L. comandou sempre a marcação até aos 13 pontos mas o L. Ginásio, mais calmo nos momentos finais, acabou por conquistar um difícil triunfo por 15/13.

Depois de ter renunciado ao cargo de presidente da direcção do Belenenses, para que fora eleito em assembleia geral, o sr. Rodolfo da Silva Abrantes foi, ontem á noite, empossado nas funções de presidente da Comissão Administrativa do Estádio do Restelo. Após o acto que se celebrou na Delegação do Clube, na Avenida da Liberdade, vemos o novo dirigente dos «azuis» com os membros da Junta Directiva

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — QUE IMPORTA MORRER — Mundial e Vox

VOX
(Adultos) Tel. 720803
Às 21.45 — Noite de Estreia
QUE IMPORTA MORRER
(Ver anuncio especial)
Às 15.15 e 18.30 (M. 12 anos)
O GOLPE DE OURO
R. Bulhão Pato (à Av Roma)

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
KATHARINE HEPBURN é
A LOUCA DE CHAILLOT
com Danny Kaye, Giulieta Massina, Paul Henreid, Yul Brynner, Charles Boyer e Richard Chamberlain

ESTÚDIO
(M. 17 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL CARNÉ
TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE
com Annie Girardot

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 326283
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Um sensacional filme de acção explosiva
DEUS PERDOA... EU NÃO!
com o famoso Terence Hill
A história de uma bárbara vingança entre pistoleiros
Tecnicolor Tecniscope

RESTELO
(M 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30 h.
DOIS CONTRA O TEXAS
com Dean Martin, Alain Delon e Rosemary Forsth.

LIZ
(Adultos) Tel 48560
Às 21 horas
ESCÂNDALO AO SOL
MISTÉRIOS DO MAR

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
(M. 12 anos) Tel. 937593
Um filme que diverte todo o público!
OLHOS VERDES, LOIRA E PERIGOSA
c/ Kim Zero Mostel

TIVOLI
(M 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
EM 4.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARAVEL em TODD-AO cor de Lux
com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

SÃO JORGE
(17 anos) Telefs. 5 41 53/4
HOJE: As 15.00, 18.15 e 21.30
Em 2.ª SEMANA
JAMES BOND VOLTOU!
MAIS DURO, MAIS VIOLENTO! EM
007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
com George Lazenby — Diana Rigg — Telly Savalas

AVIS
(M 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
3.ª SEMANA
ROGER MOORE na sua mais espectacular aventura!
O «SANTO» EM ACÇÃO
com Sylvia Syms
EASTMANCOLOR

MONUMENTAL
(M 12 anos) Tel. 555131
As 15.00 e 21.30
EM 4.ª SEMANA
GOODBYE, MR. CHIPS
com Peter O'Toole, Petula Clark e «Sir» Michael Redgrave

QUINZENA DE FICÇÃO CIENTÍFICA
AMANHÃ: (Adultos), 18.30 h.
O MUNDO DAS TREVAS
de Roy War Baker
com James Donald e Barbara Shelley.
DIA 12: **Uma Segunda Vida** (Adultos)

EUROPA
(M. 17 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
Para o público que só aprecia o melhor!
A QUADRILHA SELVAGEM
Technicolor 4.ª semana
com William Holden e Ernest Borgnine

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30 h.
DESERTO VERMELHO
Monica Vitti e Richard Harris

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
HOJE — ESTREIA, ÀS 21.45 H.
QUE IMPORTA MORRER
TECHNICOLOR
Kirk Douglas e Sylva Koscina
Às 15.15 e 18.30
ISADORA
(Adultos)
Metro: Estação Picoas

SÃO LUIZ
(Para todos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
Um filme para gente grande que é a alegria dos pequenos
SE O MEU CARRO FALASSE...
c/ Dean Jones e Michelle Lee

ALVALADE
(M 6 anos Tel 763080
As 15.45 e 21.45
3.ª SEMANA
SE O MEU CARRO FALASSE...
com Dean Jones, Michelle Lee e Herbie

ROMA
(Adultos Tel. 727778
As 15.30 e 21.30
O ÚLTIMO FILME DE JAMES BOND
007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
com George Lazenby e Diana Rigg
Panavision — Technicolor

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Com todo o seu humor inconfundível CANTINFLAS em
D. QUIXOTE SEM MANCHA

CONDES
Tel 522523-326710
(Adultos)
6.ª SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
NATHALIE DELON
Renaud Verley
O amor e o sexo... Uma mulher e um jovem
A LIÇÃO PARTICULAR

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas
UM LUGAR PARA AMAR
HOMICÍDIO EM S. FRANCISCO

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO À ITALIANA
com Marcello Mastroiani

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 326305
HOJE, ás 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
do filme de grande classe espectacular
A PELE DE UM MALANDRO
com o famoso ídolo CLINT EASTWOOD
HOJE, ás 18.30 (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

IMPERIAL
(M 12 anos Tel 45933
Às 21 horas
002 CONTRA AL CAPONE
AS DUAS ORFÃS

COLISEU
HOJE, às 21.30
(Maiores 12 anos)
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO
As maiores atracções
Só até domingo
Últimos dias

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Nova Companhia de Circo» (6 anos).

TEATROS
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O pecado de João Agonia» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Forja» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Os elefantes não sentem as pulgas» (12 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — Às 21: «Tarzan e o companheiro» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Ringo herói do Texas» (12 anos).

Teatro Maria Matos
AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (à av. ROMA) TELEF. 717017
(ADULTOS)
SEMANA DEDICADA AO POVO DE LISBOA
Balcão: 10$ e 25$
Plateia: 30$, 40$ e 50$
HOJE, ás 21.45 horas
88.ª representação de
TOMBO NO INFERNO
BREVEMENTE
Em teatralização de Sttau Monteiro e Artur Ramos
«A RELÍQUIA»
de Eça de Queiroz
(ADULTOS)

CINEARTE — Às 21: «Antes do Inferno chegar» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Por um punhado de dólares» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Blue» (17 anos)
PARIS — Às 21: «O escroque elegante» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Todos são meus inimigos» (17 anos).
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Pistoleiros do Arizona» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Arquivo K» (12 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Laços eternos» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «A margem da lei» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21 e 15: «O primeiro rebelde» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21 e 15: «Tortura diabólica» (12 anos)
LUMIAR — Às 21: Sob o signo da suspeita» (17 anos).

● Linha de Cascais
ALGÉS — Stadium — Às 21 e 30: «A Perversa» (17 anos).
PAREDE — Royal-Cine — Às 21: «O grande ajuste de contas» (17 anos).
ESTORIL — Casino — Às 17 e ás 21 e 30: «Deserto vermelho» (17 anos).
CASCAIS — S. José — Às 21 e 30: «Livre como o vento» (12 anos)

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. João V — Às 21 e 30: «Os protagonistas» (17 anos)
VENDA NOVA — Cine-Portugal — Às 21: «A roleta da morte» e «Missão em Teerão» (12 anos).
AMADORA — Recreios Desportivos — Às 21 e 15: «A Piscina» (17 anos).
QUELUZ — Queluz-Cine — Às 21 e 15: «O perigo vem das mulheres» e «Viva o descanso» (17 anos).
MEM MARTINS — Cine-Chaby — Às 21 e 30: «Cul-de-Sac» (O Beco) (17 anos).
SINTRA — Cine-Teatro — Às 21 e 15: «Bonnie e Clyde» (17 anos)

● Outra Banda
ALMADA — Incrível — Às 21 e 15: «Profissionais para um massacre» (12 anos)
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — Às 21 e 15: «O conde sinistro» e «Zona de violência» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — União Artística — Às 21 e 15: «Divórcio á italiana» (17 anos

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno E
ALCÂNTARA — Nogueira, R da Creche, 2 (63 1635).
ALFAMA — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (863632)
ALVALADE — Cortaxo, Av. da Igreja, 21-C (776358) ✲ Brisália, Av Rio de Janeiro, 66-A (722368).
ANJOS — Matos, R Álvaro Coutinho, 10 (40471).
AREEIRO — Avis, Av de Roma, 56-B-C (715370) ✲ João XXI, Av. João XXI, 16-A (726462) ✲ Nova Lisboa, R Guilhermina Suggia, 12 (727121)
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre, 7 (46858).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (763107) ✲ Avenidas, Av. da República, 27-A (583688) ✲ Império, Ld.ª, R. Filipe Folque, 40-A e 40-B (480021) ✲ Ducal, Av. Duque de Loulé, 21 (48946) ✲ Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (47088).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, R. Ângela Pinto, 32 (49756).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (31 1216).
BAIXA — Barral, R. Augusta, 225 (361534/5).
BELÉM — Remísio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699).
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✲ Sousa, Estrada de Benfica, 429 - 431 (780027).
CAMÕES — Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (678896) ✲ Véritas, R. da Misericórdia, 188 (324554 327563/74).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667).
CAMPOLIDE — Lab., Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682833) ✲ Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (á Rua das Amoreiras) (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 38-B (780181).
ENTRECAMPOS — Galena, Aven. Oscar Monteiro Torres, 38 - A (774920).
ESTEFÂNIA — Estefânia — Rua Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA — Janeiro, Av. Álvares Cabral, 100 (661453).
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✲ Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) ✲ St.ª António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (862888).
JANELAS VERDES — Carrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (667460).
LUMIAR — Alameda, A. dos Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-C (790704).
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Suc., R. do Quelhas, 1 (661275).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311287) ✲ Nova dos Olivais — R. E 1, Lote 469 (Olivais Sul (316402)).
PALHAVÃ — Aguiar, Av Columbano Bordalo Pinheiro, 98 - A (764196-764629).
PENHA DE FRANÇA — Carrando, Rua Padre Sena Freitas, 10-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 16-A — (728395-720703)
REGO — Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D (Hospital Santa Maria) (778953)
S. AMARO — Sepal, Calç. da Boa Hora, 94-A (631958) ✲ Teles, R. João de Barros, 2 (638249).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R de Xabregas, 65 (381185) ✲ Oriente, R Lopes, 120 (843381)
MOSCAVIDE — Bonha, Av Moscavide, 22 (25185118)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Miramar, R Ernesto de Oliveira, 8 (21 2048)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes 4 (243 2039)
OEIRAS — Central, R João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Macau, Rua J Elias Garcia 62-B (247 785)
ESTORIL — S João, S João do Estoril (Tel 26 1 86)
MONTE ESTORIL — Costa, Av Saboia, 29-B (260085)
CASCAIS — Misericórdia — R do Regimento 9, 4 (Tel 280141) ✲ Cascais — R Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel 282407)

● Linha de Sintra
AMADORA — Amadora, P 28 de Maio 3-A (9355 8) ✲ Carmele, R Elias Garcia, lote 28 (933303) ✲ Helénica, R. Elias Garcia, 2 (933613) ✲ S. Jorge, R Pedro del Negro, 5, Rebolero (Tel 938703)
DAMAIA — Confiança, Est Militar, lote D (97 023)
QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117) ✲ Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T 29100120).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456).
SINTRA — Simões — R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980302).
COLARES — Colaride — Abreia (Tel. 299088).

● Outra Banda
Av. Coronel Ramos da Costa, 0 (234 37)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel 224250).
ALMADA — Macedo Henriques — Rua Bernardo Francisco da Costa (Te 27 49)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est Nacional 221-B (Tel 224 4)
BARREIRO — Moderno — R D. Henrique Gomes de Araújo, 2 (Tel. 2273446).
COVA DA PIEDADE — Império — Rua Cabo da Boa Esperança 3 - A (Te 274356.
MOITA — União Moitense, Av. dr Teófilo Braga (Tel 239025).
MONTIJO — Higiene, Rua José Joaquim Marques, 4 (230370).
SESIMBRA — Leão — Av Infante (Tel 229471)
SETUBAL — Marques — R Arronches Junqueiro (Tele 22783); Bonfim — Av Rodrigues Manitto, 2 (Tel 24558)
SEIXAL — Soromenho, Rua Paivo 8560

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla, idem e feriados 382069.

BOMBEIROS — Sapadores 322222 Voluntários, 538524

POLICIA e G. N. R. — Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, exigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763450.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos - de - ferro (Estoril) 861121 ✲ Estação fluvial (T. Pego), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663193 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
(Maiores de 15 anos)
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE

CHURRASCO
ABERTO ATÉ AS 3.30 H.
Rua das Portas St.ª Antão, 83
Telef. 323059

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
ABERTO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa

Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.

Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5

End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

OS E. U. A. APOIAM A FRANÇA NA SUA COOPERAÇÃO COM A LÍBIA — AFIRMA-SE EM PARIS

PARIS, 8 — A. N. I.) — Os Estados Unidos apoiam as diligências da França no sentido de aumentar a cooperação com a Líbia, porque isso irá contrabalançar as tentativas da União Soviética para conquistar terreno naquele país, afirma-se em círculos oficiais de Paris.

A Imprensa afirma, entretanto, com reservas, que o novo Governo gaullista, que admitiu publicamente ter falhado nas tentativas para promover um embargo geral de armas ao Médio Oriente, pode estar a tentar fazer uma modificação gradual nessa sua política.

Estas especulações surgiram da declaração ambígua no ministro dos Negócios Estrangeiros, Maurice Schumann, segundo a qual a política da França para a venda de armas varia conforme as características das armas — ofensivas ou não ofensivas - da posição geográfica dos compradores e da sua participação directa ou indirecta na luta. E, finalmente da evolução do conflito.

A declaração de Schumann, na reunião de ontem do gabinete revelada pelo informador oficial Leo Hamon, é considerada «vaga» por diversos jornais.

«Le Fígaro» escreve que as observações de Schumann podem ser um passo para o embargo selectivo que permitirá que a França forneça alguns tipos de armas vendidos por outros países

A FRANÇA PROMETEU INFORMAR OS E. U. A.

PARIS, 8 — (R.) — Entretanto, a França prometeu manter o Governo americano informado sobre as suas negociações com a Líbia para a venda de armamento, disseram hoje fontes fidedignas.

As negociações têm estado a decorrer no Ministério da Defesa e segundo as mesmas fontes poderão estar quase concluídas.

O Governo francês tem reagido às acusações de que é alvo devido às negociações com a Líbia, salientando que não é só a França que fornece armas aos países do Médio Oriente

Por outro lado ao ser interrogado sobre os boatos de que a missão líbia que aqui se encontra inclui oficiais egípcios, um informador disse que mesmo que assim fosse isso não devia preocupar os Estados Unidos.

O mesmo informador salientou que o Exército líbio possui conselheiros militares egípcios e existem precedentes sobre a presença de técnicos estrangeiros em missões encarregadas na compra de armamento.

MINISTÉRIO DO ULTRAMAR

Foi remetido para o «Diário do Governo» o diploma, aprovado em Conselho de Ministros, que cria, no Ministério do Ultramar a Inspecção-Geral de Minas

De vez em quando

Os progressos da cirurgia nos últimos anos têm sido de tal forma espectaculares que, francamente, a primeira transplantação de uma veia para o cérebro de um doente já quase não nos surpreende. Com a mesma sensação de impassibilidade receberemos, talvez, daqui a uns anos, a notícia de que determinado indivíduo ocupa lugar de primazia na lírica mundial depois de lhe terem enxertado uma veia poética. O que nos surpreende, isso sim, é que, a par de tudo isto, um grupo de «maduros» (tomo a responsabilidade da designação) esteja a preparar, para 1971, uma expedição que custará 29 mil contos (!!!) com o objectivo de encontrar a Arca de Noé. Para estes não chega a veia. Era preciso outro tipo de enxerto

V. D.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral encoberto; o vento era moderado ou forte, predominando o Sudoeste e caíam aguaceiros em alguns locais

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 13°; Faro, 16°; Funchal, 17°; Lisboa, 15°; Penhas Douradas, 5°; Portalegre, 1° e Porto, 14°

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL, AS 9 HORAS — No atmosfera, 14°; no água do mar, 14°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento moderado ou forte de Sudoeste, por vezes com rajadas; aguaceiros; possibilidade de trovoada no princípio da noite de hoje.

Amanhã
Nascer ás 8 e 55
Ocaso ás 18 e 32

Dia 14 Dia 22 Dia 30 Dia 6

MARES:

PREIA-MAR: Dia 8 — 4 e 30 (4,2 m); 17 e 03 (3,9 m). Dia 9 — 5 e 19 (4,3 m); 17 e 50 (4,0 m). Dia 10 — 6 e 03 (4,3 m); 18 e 34 (3,9 m). BAIXA-MAR: Dia 8 — 10 e 20 (0,7 m); 22 e 37 (0,9 m). Dia 9 — 11 e 09 (0,7 m), 23 e 21 (0,8 m). Dia 10 — e 52 (0,7 m).

EDWARD KENNEDY SUJEITO A DOIS ANOS DE CADEIA

EDGARTOWN, 8 — (R.) — Aproxima-se hoje do fim mais um capítulo do caso Mary Jo Kopechne deixando o senador Edward Kennedy ainda na hipótese de poder ser demandado criminalmente por causa da morte da secretária.

O senador Kennedy foi já considerado acusado de ter abandonado o local do acidente, acusação que não desmentiu e pela qual foi condenado a dois meses de prisão, com a pena suspensa. No entanto o procurador distrital de Massachusetts, Edmund Dinis, que ordenou o inquérito está hoje a verificar se obteve esta semana provas suficientes para pedir ao grande júri uma acusação contra Kennedy por condução perigosa

Na lei deste Estado esta transgressão é punida com o máximo de dois anos de cadeia desde que se prove negligência do condutor

AFASTADO O COMANDANTE DO EXÉRCITO LIBANÊS

BEIRUTE, 8 — (R.) — Parlamento libanês discute hoje a tensa situação de segurança ao longo da fronteira sul do país com Israel no meio de especulação acerca do significado de uma mudança durante [illegible] comando militar

Um comunicado oficial, emitido após uma sessão do Gabinete a noite passada, informa que o general Emil Bustani, que foi alvo de um ataque pessoal durante o debate secreto de terça-feira, por parte de deputados, devido á forma como tratou das defesas do país, foi afastado do posto de comandante-chefe das Forças Armadas.

O seu sucessor é um oficial de carreira pouco conhecido, com 50 e poucos anos. Trata-se do brigadeiro Jean Njeim, que com a patente de general assume o comando das insignificantes forças militares libanesas — 12 000 soldados, uma esquadrilha de caças Mirage e dois barcos de patrulha costeira.

A comunicação dizia que o general Bustani, comandante-chefe durante os ultimos três anos, fora nomeado para o cargo de embaixador num lugar vago no estrangeiro.

Ao mesmo tempo, o Governo declarou o seu apoio ao acordo assinado em 3 de Novembro no Cairo pelo general Bustani com os chefes dos guerrilheiros palestinianos, que culminou os recontros de Outubro em que foram mortas mais de 150 pessoas.

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● **CORRESPONDENTE DA CETEKA PEDE ASILO POLÍTICO**

GENEBRA, 8 — (F. P.) — O correspondente da agência Ceteka em Genebra, até Novembro ultimo, Dusan Havlicek, pediu e obteve asilo político da Suíça.

● **PEDIDO DO SENEGAL A U THANT**

DAKAR, 8 — (F. P.) — O presidente Leopold Senghor, do Senegal, entregou ao secretário-geral da ONU, U Thant, uma carta pedindo o envio de uma comissão da Organização para o sul do Senegal, «a fim de constatar no local a falta da fundamento» das acusações portuguesas, segundo as quais combatentes do Paigc têm lançado ataques contra a Guiné portuguesa a partir do Senegal.

Senghor propôs ainda a U Thant a criação de um grupo de Estados da África Ocidental, que iria desde a Mauritânia até ao Congo-Kinshasa.

● **«MIGS» SÍRIOS ABATIDOS**

TIBERIAS, 8 — (R.) — Três «Migs» da força aérea síria foram hoje abatidos em combates travados com caças israelitas sobre território da Síria, segundo anunciaram aqui fontes israelitas

CÉU ABERTO NAS FILIPINAS COMO MELHOR MANEIRA DE FOMENTAR O TURISMO

MANILA, 8 — (A. N. I.) — O presidente Ferdinand Marcos anunciou, hoje, que as Filipinas vão eliminar todos os obstáculos ao turismo, fazendo notar que o ano passado o país recebeu apenas 120 mil turistas, enquanto a Tailândia foi visitada por quatrocentos mil, e Hong-Kong por cerca de um milhão.

No discurso que pronunciou em Manila, o presidente revelou que do plano para aumentar o turismo para as Filipinas faziam parte:

— Um programa experimental de um ano de «céu aberto», que permitirá que os aviões de todas as companhias estrangeiras aterrem nas Filipinas;

— O restabelecimento do acordo aéreo entre os Estados Unidos e as Filipinas, que expirou em 1961, e que tem provocado uma diminuição dos voos de aviões norte-americanos para Manila;

— Abolição do complicado sistema de vistos, desde que os turistas confirmem as reservas nos hotéis e tenham bilhetes;

— Aumento da protecção da Polícia nos bairros turísticos de Manila;

— A utilização dos dois hidroaviões da Armada filipina para as viagens aos locais históricos, mas de difícil acesso, da Segunda Guerra Mundial, como Bataan e Corregidor.

PAULO VI VAI AO BRASIL?

BRASÍLIA, 8 — (A. N. I.) — O bispo de Brasília, mons. Almeida Baptista, declarou que o Santo Padre Paulo VI deve visitar o Brasil durante o congresso eucarístico nacional deste ano, dedicando então a catedral da capital brasileira, em 30 de Maio.

No dizer do prelado, tudo está a correr bem para que a viagem do Papa a Brasília se concretize.

MORTALMENTE ESMAGADO

ELVAS, 8 — Quando, na barragem Américo Thomaz (Caia), procedia ao nivelamento das águas, foi atingido por uma comporta, que o esmagou, o trabalhador Jorge Vila Bicho, de 29 anos, casado, pai de uma filha menor.

QUASE TUDO SOBRE O CALENDÁRIO NACIONAL DE AUTOMOBILISMO

NO

motor

QUE HOJE SAIU

Artigos, comentários e entrevistas por Filipe Nogueira, Francisco Romãozinho, Augusto Vilela, Eng.º Farinas de Almeida, Bandeira de Lima e Carlos Blanco (correspondente em Angola), e, ainda

DETALHADA REPORTAGEM DAS JORNADAS AUTOMOBILÍSTICAS DO FIM-DO-ANO NA FIGUEIRA DA FOZ (por Maria do Céu)

PININFARINA

Uma biografia do mais célebre estilista do mundo do automóvel, por Phillipe Toussant, dos serviços de reportagem no estrangeiro

PREÇO 2$50

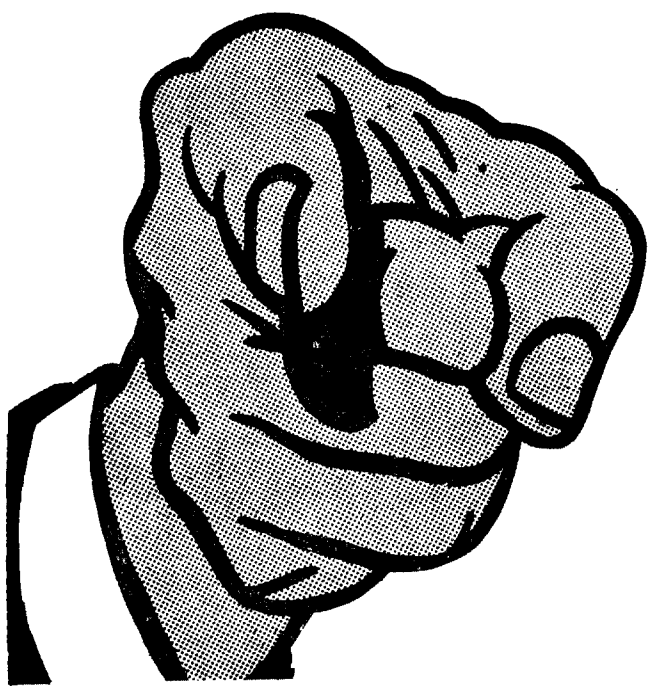
SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 594/8 DE JANEIRO DE 1970

Na página 8

A MORTE E A MORTE DE JOSEF VON STERNBERG

EM JEITO DE BALANÇO E AUTOCRÍTICA



NUM PAÍS onde tudo está sempre por fazer, pouco é sempre o que se faz ou fez. Contentes muitos ficam — e se finca-pé no contentamento, progresso viste-lo, ponto final.

Na esfera de acção deste Suplemento Literário (que entende não só de literatura viver o homem: e assim o relevo dado ao cinema, ao teatro, à música, à arquitectura, à nova canção, à banda desenhada), o ano de 1969 não pode, em juízo sereno, considerar-se como tendo sido de marcar passo.

Por aqui já poderíamos ficar, os números ajudando: 50 edições publicadas, durante as quais 73 colaboradores subscreveram para cima de 300 artigos e crónicas originais e cerca de 150 pequenas notas ou recensões; 42 entrevistas a outras tantas personalidades das artes e das letras; de Julho a Dezembro, 23 inserções do «Prontuário das Letras»; 2 inquéritos, o mais possível representativos, sobre o problema da dobragem dos filmes e sobre a posição actual do movimento cineclubista português, não contando com os últimos depoimentos ao inquérito «O Ensino de Belas-Artes», iniciado em 1968.

Por aqui, repita-se, poderíamos ficar — e mais dizer: que tais números forçosamente significarão, para além do esforço realizado e do que ele implica de resistência a condições muito longe de ideais, um desejo expresso de participar no debate cultural — e de participar o mais amplamente possível, sem particular obediência a ortodoxias ou meros fanatismos de corrente estética, sem portanto aquele espírito de tribuna-só-para-amigos que o vulgo designa (e bem) por «capelinha».

Um suplemento de letras e artes de um jornal diário não substitui (não deve substituir) a revista cultural: esta pode permitir-se a doutrinação de uma tendência; aquele, por dirigir-se a um público necessàriamente heterogéneo, terá que ser o ponto de confluência de um sem-número de opções críticas, por vezes as mais distintas — isto desde que se não caia nos malefícios da mediocridade (o que nem sempre é fácil) ou em compadrios com as forças que em nome da cultura processam o desvio da sua linha dinâmica e dinamizadora.

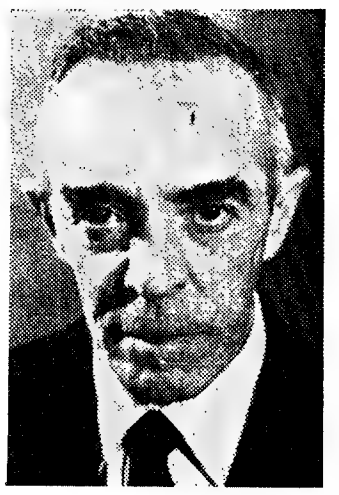
Porque assim o entendemos, abriram-se estas colunas à polémica de ideias e posições: recordamos o ataque de E. Prado Coelho à poética de Régio (poeta exaltado depois, em primeira página, num artigo de Fernando Mendonça), o sururu levantado pelas declarações de Salazar Sampaio e Artur Ramos sobre a peça «Os Visigodos», a discussão travada entre Gastão Cruz e António Mário Santos sobre a situação da poesia portuguesa, o «escândalo» da entrevista do cineasta Fonseca Costa, a estupefacção de tantos pelo nosso acolhimento aos depoimentos de alguns novos da canção (acolhimento que não impediu a crítica final do entrevistador, José Duarte), a indignação de Carlos Porto pelos dois zeros atribuídos ao filme «Serafino» no quadro «O Cinema que vemos» (quadro esse tão contestado como solicitado), a resposta de Lauro António a Carlos Porto, a tunda de Ernesto Sampaio ao prefácio, assinado por Jorge de Sena, dos «Manifestos do Surrealismo», finalmente o «caso» da antologia «Líricas Portuguesas — 4.ª série», caso bicudo mas que veio justamente pôr à prova o espírito de isenção

Cont. na pág. 2

JOSÉ RÉGIO

MORRE UM POETA quando o matam a incompreensão e o esquecimento. Incompreendido (ou nem sempre bem compreendido), sobretudo pelas novas gerações, foi muitas vezes José Régio: estão na memória de todas as querelas suscitadas pela obra multiforme e não raro irregular do autor dos «Poemas de Deus e do Diabo». Quanto a ser esquecido, é mais difícil: não se esquece fàcilmente um Poeta dos mais autênticos e originais da literatura portuguesa contemporânea, senhor de um estilo e de um universo criativo inconfundíveis, até porque tenazmente mantidos face a quantos novos modos literários foram surgindo.

Publicando hoje o primeiro de uma série de artigos dedicados à poética de Régio (poética prolongada no romance, na novela, no teatro, no próprio ensaísmo) e, simultâneamente, apresentando dois originais do artista (um desenho, «Benilde», que nos foi cedido pelo pintor Lauro Corado; e um poema, que devemos à gentileza de Luís Amaro, onde se poderá detectar a presciência de uma morte próxima), procuramos garantir, na parte que nos compete, a permanência **de um grande, enorme vulto das letras portuguesas.**



Testemunho

por Fernando J. B. Martinho

NADA HÁ mais abominável que certo tipo de homenagens póstumas. Nada há mais abominável que as homenagens póstumas a escritores que os não situam na sua verdadeira perspectiva, que deles nos dão uma imagem falseada.

Dos mortos se deve falar com a mesma sinceridade e o mesmo rigor que usamos para com os vivos. Não nos merecem eles mais nem menos verdade e respeito que os vivos. Por isso são realmente abomináveis certas homenagens que tendem a pôr ao mesmo nível escritores medíocres e os que foram verdadeiramente grandes. A coragem com que se apontam os erros de um escritor enquanto vivo não deve eclipsar-se quando dele tiver de se falar, depois de morto. Não é por acaso que o Povo diz ser a morte a hora da verdade. Deve, pois correr-se o risco de ser-se acusado de sacrílego, por não ocultar a verdade mesmo nos momentos menos oportunos. É isso o que nos exige a grandeza dos mortos. Para eles já não há os pequenos jogos torpes do quotidiano, as pequenas vaidades com que nos engamamos.

Tão grave, porém, como a mentira que os tente elevar a alturas que não merecem é a que os procure apoucar e, assim, os desrespeite. Exigem os mortos, tal como os vivos, verdade e respeito e igualmente graves são as faltas que contra uma e outro, a respeito deles, se cometam.

Foi a obra de José Régio ultimamente muito contestada. E em alguns aspectos ainda bem que assim sucedeu. *Difícil* é que um escritor concite a admiração universal dos seus contemporâneos. Diríamos mesmo, *indesejável*. A morna aceitação que a certos autores se dedica bem sabemos que lhes é mais negativa que positiva. Morna aceitação e desinteresse vivem, afinal nas mesmas zonas de mediocridade. O reduzi-los a meia duzia de breves referências simpáticas é bom sinal do pouco interesse que nos merecem. Valerá a pena contestá-los? Para quê, se não aguentariam o mais inofensivo dos temporais?

A contestação da obra de Régio atingiu, no entanto, aspectos verdadeiramente paroxísticos. Pouco faltou para que alguns nele vissem o espírito maligno das nossas letras que urgia destruir fosse de que forma fosse. A serenidade, devemos confessá-lo, esteve ausente da maioria dos ataques que a José Régio foram dirigidos. Ver nele um símbolo do escritor arquiconservador foi um dos erros mais frequentes em que incorreu certa crítica que sobre ele se debruçou.

Incapaz de lisonjear as novas gerações, de fazer o jogo delas, de nos iludir, de

Na pág. 2 Um poema inédito de Régio

«Benilde», desenho inédito de José Régio

Cont. na pág. 2

Testemunho sobre José Régio

Cont. da pág. 1

fazer o *nosso* jogo, nunca nos ocultou a sua discordancia com muitas das coisas que defendemos. Nunca teve receio de parecer e ser desagradável. Sempre se recusou a adular-nos! Que um homem da idade dele nos não entendesse era, afinal, a coisa mais natural deste mundo. Foi injusto? Foi, e não poucas vezes. Não soube aceitar certas transformações inevitáveis? É também verdade que não soube. E daí, foi ele o unico? Só ele merecia as iras da nossa contestação? Ao fim e ao cabo, é bom não esquecê-lo, nunca foi condecorado nem transpôs as portas da Academia! Outros receberam as ordens disto e daquilo e ninguém disse nada; outros passaram os umbrais da *douta*, e houve silêncio. Ah, mas Régio era da *Presença*, da «contra-revolução» do modernismo — nada de poupá-lo!

Enquanto fui «traça de poetas» no semanário *Vida Mundial*, segundo a lapidar expressão de um nosso prestigioso ensaista muito preocupado com as «opiniões» próprias e alheias e os «factos» que ás voltas das bicicletas e da Poesia diziam respeito, coube-me criticar o ultimo livro de poemas de José Régio, *Cantico Suspenso*. Disse dele o que a maioria da critica observou: *Cantico Suspenso*, continuo a pensá-lo, é na realidade um livro menor na produção poética do seu autor. Não o entendia José Régio que, por intermédio de um amigo comum, me fez saber como a minha nota critica o tinha magoado. Amiude isso sucede: os autores enganam-se sobre o valor daquilo que escrevem, e não verem com bons olhos opiniões desfavoráveis. Não quis, aliás, José Régio ver a minha nota a outra luz: nela me recusava a embarcar em certa tendência que estava a alastrar de negar validade a toda a sua obra poética, e, sem meias-tintas, declarava que o considerava — e considero — como um dos 5 mais significativos poetas dos ultimos 50 anos.

Insere a *Vida Mundial* de 26 de Dezembro uma noticia sobre a morte do autor de *Mas Deus é Grande*. O que dirá o prestigioso ensaista, o prestigioso comentador de «opiniões» e «factos» — que certamente terá experimentado um enorme alivio ao ver-me sumir das lides criticas — desta vez? Faço-lhe a justiça de pensar que dirá o mesmo que eu. *É uma coisa triste!*

Não faço ideia de quem redigiu o triste necrológio, nem estou muito interessado em sabê-lo. Mas não posso deixar de referir que jamais vi na imprensa portuguesa prosa tão desrespeitadora da memória de um homem. Ah, triste terra esta em que o preito de homenagem que se rende a um dos seus maiores escritores é, além do lugar-comum aflitivamente repetitivo, a calunia e a má-fé! Nem na morte se tem paz.

Onde terá ido o informado articulista buscar tão *precisas* informações sobre o perfil de José Régio como professor? Régio já não poderá defender-se. E foram graves as acusações que lhe fez. Mas não se esqueça o plumitivo: há muitos e muitos que tiveram a sorte de ser alunos de José Régio e esses não hesitarão em desmenti-lo. O que entenderá ele quando diz que Régio «tratava os alunos com distancia»?

Fui aluno do Dr. José Maria dos Reis Pereira, em Portalegre nos 3.º e 5.º anos do Liceu, nas disciplinas de Português e Francês. Nessa altura, perdido numa pequena cidade de provincia e absolutamente alheio a coisas literárias, pouco dado, aliás, a leituras, apenas sabia muito vagamente que o Dr. Reis Pereira escrevia livros com um pseudónimo. Não lera ainda qualquer página dele. Era para mim e para a maioria dos meus colegas um professor a quem muito considerávamos pela sua competência e pelo seu espirito de justiça. Podia haver quem o considerasse excessivamente rigoroso, exigente, mas ninguém havia que tivesse a coragem de pôr em duvida a sua honestidade, a apreciação justa que fazia dos alunos. Exigente era-o, e ainda bem — queria isso dizer que não estava disposto a ser passa-culpas a deixar tranzitar de ano alunos que o não merecessem. Diz-se no texto publicado na *Vida Mundial* que classificava os alunos «com usura». Não sei até onde chegam os conhecimentos pedagógicos do articulista, nem nisso estou interessado. Em todo o caso, não quero deixar de lhe lembrar que o professor que classifica com justiça, e sem falsas complacências, não classifica «com usura». Nem mesmo se poderia dizer que o Dr. Reis Pereira usasse de uma «bitola» muito baixa. Não era raro atribuir classificações elevadas a alunos que se mostrassem dignos de as merecer.

Ao contrário de muitos outros professores artistas, nunca recusou a um aluno com talento uma palavra de estímulo.

Mas o necrologista da *Vida Mundial* está informado. Tem o seu ficheiro impecávelmente montado, nada lhe escapou da actividade docente de José Régio! E com «distancia» e «usura» definitivamente arrumou o caso. Atento ás imperfeições pedagógicas de outros escritores professores, a estas horas, com certeza, já estará a recolher elementos para as futuras necrologias.

Pois o homem que tratava os alunos «com distancia» e os classificava «com usura» tinha entre os seus amigos em Portalegre muitos dos seus ex-alunos. Apesar das *distancias*, com ele conversavam no café, sem quaisquer cerimónias e com o máximo á-vontade. Nele tinham um amigo, um companheiro que inumeras vezes não hesitou em colaborar com eles nas iniciativas que levaram a efeito. Raras dessas iniciativas, no plano cultural, se tomaram em Portalegre sem a sua participação. Que o digam, por exemplo, todos os que estiveram ligados á vida do Cineclube.

Mas não ficam na «distância» e na «usura» as informações do necrologista. Esforçado frequentador de todas as tertulias lisboetas, terá, certamente ouvido falar da lenda do «homem de contactos difíceis», do poeta «exacerbado com a sua pessoa» a olhar eternamente o umbigo frente aos ciprestes do cemitério de Portalegre. Ah, essas inefáveis tertulias onde, por nada haver que dizer, tanto se diz!

A este propósito, ocorre-me o que um dia se passou com Ernesto de Sousa. Quando se realizou a primeira sessão do Cineclube de Portalegre, foi convidado para a palestra de apresentação o criador de *Dom Roberto*. Era hábito de um grupo de jovens levarem a casa do Poeta qualquer pessoa que passasse pela cidade e que soubessem interessada em coisas de Arte. Ernesto de Sousa, além de homem de cinema, era critico de arte e andava na altura interessado em fazer um inventário da arte popular portuguesa. Nada, portanto, mais natural que pensássemos (pois também eu me encontrava entre os tais jovens) interessar-lhe ver a casa de José Régio.

Ernesto de Sousa foi, gostou, fez algumas fotografias (creio até que uma delas foi publicada na *Seara Nova*), e, no fim da visita, visivelmente surpreendido, deu-nos as suas impressões de José Régio. Afinal o Poeta não era nada daquilo que contavam em Lisboa. Pelas tertulias eram longas as histórias da misantropia de Régio, do seu horror ao semelhante. Afinal, quem viera encontrar Ernesto de Sousa? Um homem extremamente afável e atencioso.

Muito se lê neste país! Imaginem só que o autor do texto da *Vida Mundial* leu todas as antologias organizadas por José Régio — e não são tão poucas como isso: 6, e algumas delas volumosas. E com muita atenção, de lápis justiceiro na mão, as deve ter consultado porque chega a esta conclusão aterradora: «José Régio seleccionava aquilo... que ficava aquém de muitas das suas produções poéticas». Não sei se o leitor já reparou a que trabalho prévio obrigaria um juizo deste teor para ser feito com seriedade: nada menos que a comparar cada um dos textos seleccionados por Régio com cada um dos seus poemas. Nem o mais esforçado dos defensores da crítica estatística a tal se abalançaria.

Quanto ao livro de V. de Magalhães Vilhena, não foi Régio, com certeza, a unica pessoa que se recusou a aceitar a imagem de António Sérgio que ele nos dava. Muitos houve que, certamente paralisados por tão grandioso aparato de erudição, não tiveram coragem de manifestar a sua discordância. José Régio, porém, não temeu afirmar que via a obra de Sérgio por um prisma totalmente diferente do de V. de M. Vilhena. E podemos levar-lhe a mal por isso? De resto, é coisa frequente um pensador suscitar interpretações diferentes e até opostas.

E para acabar só mais dois reparos.

Se o publico consagra um escritor, aqui d'el-rei, que o publico se engana nos seus juízos e premeia com a sua consagração quem a não merece; se o publico se alheia de um poeta ou romancista, ainda bem — que espera, com os seus vanguardismos e hermetismos?

Conviria, aliás, verificar quem é o grande publico que tinha Régio como um consagrado. Certamente não será o mesmo que consagra outros autores, e esses, todos o sabem, realmente de baixo nivel.

Quanto á antinomia *Presença-Orpheu*, já é de se começar a ficar farto! As colecções da *Presença*, infelizmente, não são muito abundantes por esse país fora. Gostaria de saber quantos dos que tão levianamente falam sobre a revista coimbrã alguma vez passaram os olhos, sequer, por ela. Não estarão a repetir apenas o que um ou outro manual de História da Literatura insere? Quando acabará o triste hábito de, em Portugal, se falar de coisas e pessoas que se não conhecem?

FERNANDO J. B. MARTINHO

Canção dos dias contados

POEMA INÉDITO

Viver à beira da morte
No gosto de mais um dia,
Nem eu diria
Que tão pouco me conforte.

Mas para quem
Não tem senão esse pouco,
Seria louco
Perder o pouco que tem.

Gozar o que, sem futuro,
Perdura uns breves instantes,
Não era dantes,
Mas hoje, é o bem que procuro.

Mais uma vez brilha o sol!
E é de prever que à tardinha
Desponte a lua, vizinha
Do resplendor do arrebol.

Talvez que a noite comprida
Traga outra manhã, depois.
Um dia e outro, são dois.
Não são dois dias a vida?

Nem eu diria
Que tão pouco me conforte:
Viver à beira da morte
No gosto de mais um dia.

Vila do Conde
1969

JOSÉ RÉGIO

Em jeito de balanço

Cont. da pág. 1

que nos anima e o interesse pela abertura à comparticipação do leitor no processo cultural.

Num País pouco habituado ao diálogo, numa república das letras e das artes viciada pelo elogio sistemático, num ambiente em que escasseiam os capazes de acção e sobejam os pregadores de rótulos, os «críticos de café» e as eternas «vítimas de perseguições» (culturais, entenda-se), numa actividade semeada de obstáculos, travões, arbitrariedades e pressões da mais variada espécie, forçosamente teríamos que cometer deslizes, contradições, erros de pontaria, forçosamente teríamos que registar lacunas (e algumas bem graves, nomeadamente no campo da crítica literária), cedências ao meramente circunstancial, desníveis de qualidade.

Se de tal forem capazes, que nos desculpem os severos idealistas da perfeição. Mas para os da salutar exigência sempre diremos que estamos viajando numa constante atenção às necessárias correcções de trajectória. Para isso, contamos com eles.

Contamos contigo.

■ **Em 1969 colaboraram neste Suplemento:**

Alberto Ferreira, Alcides de Campos, Alexandre O'Neill, Alexandre Pinheiro Torres, Álvaro Manuel Machado, Ana Hatherly, António Ferrão, António José Saraiva, António Machado; Benedito Nunes; Carlos Porto, Claude Michel Cluny, Curt Meyer-Clason, Dinis da Silva, E. M. de Melo e Castro, Edgar Gonçalves Preto, Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho, Ernesto Sampaio, F. Marcelo Curto, Félix Borges, Fernando Assis Pacheco, Fernando Guimarães, Fernando de Macedo, Fernando Mendonça, Francisco Bronze, Gabriele Brustoloni, Gastão Cruz, Helder Macedo, J. A. Osório Mateus, João César Monteiro, João Gaspar Simões, João Palma-Ferreira, Joaquim Letria, Jorge Ferreira da Silva, Jorge de Sena, José Alberto Gil, José-Augusto França, José Cardoso Pires, José Duarte, José Fernandes Fafe, José Gomes Ferreira, José Martins Severino, José Vaz Pereira, Josué da Silva, Julio Moreira, L. Lafayette Pinto, Lauro António, Liberto Cruz, Luis Amorim de Sousa, Luis de Sousa Rebelo, Luis Pacheco, Manuel Alberto Valente, Manuel Ferreira, Manuel de Lima, Manuel Machado da Luz, Manuel Ruas, Maria Helena Mira Mateus, Maria Lucia Lepecki, Mário Sacramento, Mauricio de Vasconcellos, Natália Nunes, Nelly Novaes Coelho, Nelson de Matos, Neves Aguas, Nuno Portas, Oscar Lopes, Pedro da Silveira, Rocha de Sousa, Silvia Soares, Sophia de Mello Breyner Andresen, Urbano Tavares Rodrigues, Vitor Silva Tavares.

■ **Em 1969 foram entrevistados neste Suplemento:**

Alfredo Tropa, Almada Negreiros, Ana Hatherly, António Damião, António José Saraiva, Artur Ramos, Carlos Portugal, Charrua, Conceição Silva, Duarte & Ciriaco, Edu Lobo, Eugénio de Andrade, Faria de Almeida, Fernando Conduto, Fernando Guerra, Fernando Tordo, Francisco Esteves, Hélder Macedo, Humberto Bastos, João Abel Manta, João Bénard da Costa, João César Monteiro, Jorge Amado, Jorge Peixinho, Jorge de Sena, José Atalaya, José Fonseca Costa, Luciana Stegagno Picchio, Luís Veiga Leitão, Manolo Diaz, Manuel Granjeio Crespo, Manuel da Silva Ramos, Maria Judite de Carvalho, Maurice Nadeau, Nuno Filipe, Nuno Bragança, Óscar Lopes, «Primeiro Acto» (ent. colectiva), Ricard Salvat, Rodrigues Lapa, Sá Nogueira, Salazar Sampaio.

■ **Em 1969 publicámos páginas especiais dedicadas a:**

António Sérgio, Alain Resnais, André Delvaux, Arrabal, Boris Vian, Dubuffet, Gombrowicz, Humor Português, Karl Jaspers, Kerouac, Marlene («O Anjo Azul»), O Novo Espectáculo Americano, Samuel Beckett, Soljenitsyne, etc.

Mário Dionísio:

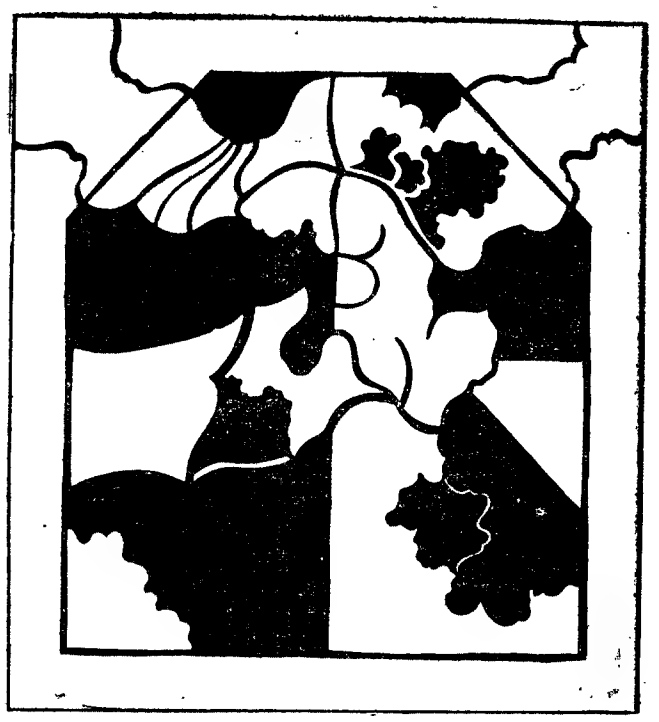
14 000 exemplares nas «Obras Completas»

Faz agora precisamente quatro anos que as Publicações Europa-América lançaram a série das *Obras Completas* de Mário Dionísio, iniciada com «Poesia Completa» e continuada com «O dia cinzento e outros contos», «Le feu qui dort» e «Não há morte nem princípio». Tiragem conjunta invulgar: 14 mil exemplares. Entretanto está programado um quinto volume, «Palavras e cores».

Poemas de Mário Dionísio foram recentemente incluídos na antologia «Ich Kann die Liebe nicht vertagen» («Não posso adiar o amor»), publicada na Alemanha de Leste pela Verlag Volk und Welt.

Artes: 1969

por Rocha de Sousa



Manuel Baptista: «Composição» (esboço)

DE CADA VEZ que se fala em qualquer grupo de artistas representativo da produção portuguesa no domínio das artes visuais, fala-se quase sempre de um sector que arbitràriamente consideramos satisfatório. Nem a crítica, nem as galerias, nem os organismos mais de perto empenhados em tal matéria, por esta ou aquela razão, se encontram coordenados e apetrechados no sentido de cobrir ou fomentar essa parte da realidade portuguesa. Tomam o seu lugar nessa realidade através de sucessivas improvisações que decorrem da sua (também) improvisada existência. Participam em tudo o que irremediàvelmente acontece, julgando por vezes contribuir de maneira fundamental para o advento da nossa modernidade, antes de reconhecerem o trabalho parasitário, ou de circunstância, que em geral desempenham. Na falta de uma coordenação de esforços, de uma programação, de uma melhor distribuição dos bens de cultura, cada sector faz doutrina como se fosse o centro do mundo e alheia-se quase sempre de uma perspectiva global mais definidora da realidade em que se inscreve.

Ao nível do sector da Informação, parece-nos mais importante, tendo em vista o início de um novo ano, fazer o balanço da nossa própria actividade em vez de referirmos a dos outros. A coordenação estatística dos dados dessa actividade permitirá ao leitor atento estabelecer as lacunas e conhecer os factos justificativos de um critério já aqui exposto oportunamente. Poderemos, depois disso, delinear o reajustamento desse critério a novas realidades que estejam eventualmente para sugerir bem como traçar algumas considerações capazes de subsidiarem uma visão futura mais optimista das artes plásticas em Portugal. Quanto a nós, vai sendo altura de se reverem algumas situações, preconizando um contexto diferente das relações de produção e da distribuição dos bens de cultura correspondentes ao campo em referência.

Cesariny: «Tristão e o Rei Marcos»

BALANÇO

É absolutamente indispensável retormarmos neste momento o que já publicámos em data anterior a propósito da orientação conferida à informação desenvolvida nesta página. Depois de uma declaração prévia em que reconhecíamos a necessidade sempre presente de uma atitude de autocrítica, no sentido de rectificações sucessivas de afirmações anteriores eventualmente ultrapassadas pelos factos e pela sua revalorização, acentuámos a urgência de uma informação tão completa quanto possível em torno dos elementos considerados. Nesse sentido, e segundo uma linha fundamentada sobretudo nas características de leitura correspondentes à Imprensa diária e ao seu público, bem como na necessidade de comentário e divulgação que hoje se faz sentir em ordem ao dilatado aparecimento do objecto de arte no nosso esquema de vida declarámos acertar o nosso interesse pela cobertura da maior parte das manifestações artísticas de qualidade verificadas entre nós. Procurando cumprir essa orientação, sem abdicar naturalmente de uma actividade crítica aí implícita, optámos sempre de acordo com uma mobilidade de verificação dos fenómenos traduzida em termos de permanência, de assiduidade e de confrontação plural das tendências mais significativas. As coordenadas deste pensamento ficaram publicamente referidas no n.º 586 deste Suplemento, em paralelo com uma breve análise ao comportamento da crítica e dos artistas e à necessidade de uma programação mais ajustada a um trabalho de conjunto desencadeado pelos dois sectores em referência.

Com base nas considerações atrás estabelecidas, e partindo do início de 1969, tentaremos entretanto redescobrir, por condensação, a linha geral de um ano completo da actividade artística no nosso meio, delineando assim o balanço da própria actividade desta página, índice talvez historicamente necessário para 1970.

Um ano de actividade em auto-balanço

GALERIAS	EXPOSIÇÕES	REFERÊNCIA	SUPLEMENTO N.º
111	Bartolomeu Cid	**conjunto de gravuras que se distinguiam pela sua grande propriedade técnica**	545
S. E. I. T.	António Areal Agustina Bessa Luís	**vinhetas ilustrativas do primeiro autor para manuscritos de Agustina B. Luís**	548
Divulgação	Nuno San Payo	**pintura não figurativa vivendo a preferência das matérias e da sua qualidade** afectiva	550
111	António Palolo	**pintura de pequeno formato em que o lado absurdo das imagens recreava o quotidiano pela ironia**	552
Interforma	Isabel Laginhas	**objectos pintados e recortados em madeira que aludiam à frivolidade e se revestiam de grande poder de comunicação**	553
Quadrante	Noronha da Costa	**pintura de grande formato, executada por** sopragem, **em que os problemas do real e da representação se equacionavam num** écran	554
Arte Moderna	António Sena	**pintura executada por sopragem em confronto com uma** escrita **pessoal, num despojamento irrepreensível**	556
Tate Gallery	René Magritte	**nota em torno da sua exposição retrospectiva organizada em Londres**	558
Quadrante	Eurico Gonçalves	**pintura por descolagem, repetindo a exaustiva experiência do autor conseguida no domínio do gesto**	559
Buchholz	Helena Almeida	**objectos que desmistificavam o quadro, na coisificação das suas formas**	560
111	Aldina Costa	**esmaltes de acentuado cunho decorativo**	560
Interforma	Bertino	**pintura e objectos de espectáculo epidérmico e formulação contraditória**	560
Quadrante	António Areal	**objectos que promoviam a insignificação das coisas pelo vazio**	562
Interforma	Dorita Castel Branco	**objectos pintados e recortados em madeira, de precária autenticidade e fraco valor expressivo**	563
S. Mamede	Mário Cesariny	**pintura ou retrato de uma infidelidade poética, na forma inquietante da urgência**	565
Quadrante	Manuel Baptista	**pintura tratada em relevos de tela, dada pela contensão dos meios e por uma intensa carga poética**	565
Galeria 111 **S. N. B. A.**	Espiga Pinto	**pintura e objectos em que a qualidade artesanal sufocava a qualidade estética**	567
Buchholz	Vasco Costa	**pintura gestual, cuja discutível qualidade não chegava para desmentir a sua importância**	567
Buchholz	Manabu Mabe	**pintura abstracta de técnica maneirista e sem consequências**	568
Quadrante	Rosa Ramos	**objectos em que uma voz** branca **decidia uma carga poética de exemplar economia**	568
111	Karel Appel	**litografias de grande poder expressivo, na evocação grotesca e antropomórfica do mundo**	569
Diário de Notícias	Nuno Corte-Real	**desenho e objectos, com recurso á colagem, numa linguagem excessiva e pouco concentrada sobre a sua realidade**	569
Buchholz	Eduardo Nery	**objectos que recolocavam, por meios estruturalmente simples, o problema da percepção**	571
111	Noronha da Costa	**a narração irónica e a contestação do realismo no prolongamento da problemática debatida pelo autor**	571
S. E. I. T.	Bernardo Marques	**a visão particular do autor, o seu modo de ser, numa retrospectiva oportuna**	572

Cont. na pág. 6

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Um Natal com surpresas

Por iniciativa da Cinevoz — Publicidade e Estudos de Mercado apareceu pouco antes do Natal um volume de *«Textos para dirigentes de empresas»*, da autoria (que surpreenderá bastante gente) de Fernando Pessoa — ele mesmo — correspondente comercial. Trata-se da edição integral e ordenada de artigos e estudos que Pessoa escreveu para os seis números da «Revista de Comércio e Contabilidade», dirigida que foi por Francisco Caetano Dias, cunhado do poeta. Explicando a edição, a Cinevoz diz ter ela sido «ideada [...] para honrar a memória de Fernando Pessoa como prosador preocupado com os fenómenos económicos e de gestão de empresas — também genialmente precursor nestes aspectos.»

Por seu lado, o Instituto Luso-Fármaco enviou a médicos de todo o País um «Llivro de Natal» com textos inéditos de três colegas: Armindo Rodrigues («A única mulher do Barba-Azul»), Graça Pina de Morais («Serenidade») e Taborda de Vasconcelos («O Evangelho»).

Movimento editorial

As últimas semanas foram marcadas por grande movimento editorial, como sempre acontece quando o poder de compra se manifesta um pouco mais do que é hábito. No capítulo da ficção em prosa registámos «A vinha da maldição e outras histórias quase verdadeiras», de Domingos Monteiro (Sociedade de Expansão Cultural), e as traduções de «Como é», de Samuel Beckett (Ulisseia), «Frei Sérgio», de Tolstoi (Delfos), «Destruam Paris!», de Sven Hassel (Publicações Europa-América), e «Escola de música», de John Updike (Livraria Civilização Editora). A poesia trouxe-nos «A invenção do amor e outros poemas», de Daniel Filipe (Presença), «Poemas com pessoas dentro», de Mário Gonçalves, «Tempo intacto», de Matilde Paes Parente (S. E. C.). A notar também, com a chancela da Presença, o volume «Autobiografia e poemas», de Vladímir Maiakovski.

Outras novidades: os dois volumes de «Ordem e Progresso», de Gylberto Freire (Livros do Brasil), «O comunismo actual», de Waldeck Rochet (Delfos), «Regresso à suástica?», de Lord Russel of Liverpool (Inova), o III volume da «História da Filosofia», de Nicola Abbagnano (Presença), «Conceitos de Moral», de Trotsky (Delfos), «Obras escolhidas», de Leibniz (Horizonte), «Da liberdade de pensamento e de expressão», de John Stuart Mill (D. Quixote), «As histórias dramáticas da emigração», de Waldemar Monteiro (Prelo), «Estudos completos de Pintura», de Varela Aldemira, e «À sombra d'Eça e Camilo», de Manuela de Azevedo (Parceria A. M. Pereira).

«Books from the states»

Recentíssimo nos Estados Unidos: «In Russia», texto de Arthur Miller e fotografias da esposa do dramaturgo, Inge Morath (The Viking Press). Outras novidades: «The Book of Imaginary Beings», de Jorge Luís Borges, traduzido por Norman Thomas di Giovanni (E. P. Dutton & Co.), «The New Yorker Book of Poems» (Viking), «Journal of a Novel: the East of Eden Letters», de John Steinbeck (Viking), «The New Israeli Writers», ed. Delia Rabikovitz (Sabra Books), e «Walking to Sleep», poemas e traduções de Richard Wilbur (Harcourt, Brace & World).

Maria Lúcia Lepecki

Na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais prestou provas de concurso para docente livre de Literatura Portuguesa, sendo aprovada com a mais alta classificação («magne cum laude»), a nossa colaboradora dr.ª Maria Lúcia Lepecki, que há três anos se doutorara defendendo uma tese sobre Camilo. Maria Lúcia virou-se desta vez para a literatura contemporânea. O júri era constituído pelos profs. Óscar Mendes, Domingos Carvalho da Silva, Leodegário Azevedo Filho, Wilton Cardoso e Naif Safady.

Senghor na Academia

O poeta — e presidente da República do Senegal — Léopold Sédar Senghor foi recebido há três semanas na Academia (francesa) das Ciências Morais e Políticas, sucedendo a outro político estrangeiro, o falecido chanceler Konrad Adenauer, de quem fez o elogio como manda a praxe. Senghor continua na agenda do Nobel.

Literatura romena

A Editorial J. Castelo Branco, Lda., de Lisboa, lançou em finais de Dezembro um «Panorama da moderna literatura romena» assinado por B. Munteanu, antigo professor da Universidade de Bucareste. O volume — 290 páginas compactas — foi traduzido por António Ruivo Moutinho e Victor Buescu, este último na fase de revisão, a partir da edição original francesa — de 1938. Único acréscimo referente às três décadas que entretanto passaram: a indicação das datas de falecimento dos autores apresentados. Para além da sua notória pouca actualização, este «Panorama» servirá como manual de apoio aos leitores portugueses que eventualmente conheçam Liviu Rebreanu, Cezar Petrescu, Ion Luca Caragiale, Mircea Eliade, Mikai Eminescu, C. V. Gheorgiu ou Zakaria Stáncu, já traduzidos para português.

«& etc.»

Ah bom, e reapareceu no «Jornal do Fundão» o suplemento «& etc.», dirigido por Vítor Silva Tavares. Estava parado há longos meses, de resto «sai quando sai e quase sempre não sai». Agora é que não saía de jeito nenhum. Para que o n.º 22 pudesse acontecer foram de abalada ao Fundão pelo menos dois viajantes *long distance*: V. S. T. e Carlos Ferreiro. As pessoas não chegam normalmente a saber o que custa uma aventura destas...

Teatro de Redol

por Carlos Porto

REDOL ESCREVEU, que eu saiba, duas peças em três actos e uma peça em um acto. Tinha em preparação, à data da publicação do volume II do seu Teatro, uma terceira peça com o título claro de «Fronteira Fechada».

«A Forja», a que o autor chamou tragédia, é a tentativa da criação, a partir duma história familiar e de cunho autobiográfico — a história dos ferreiros Malafaias — dum drama de ressonância universal cuja ligação é dada através do carácter mítico das personagens e do conflito que entre elas se levanta.

A família dos Malafaias é dominada pela autocracia do velho Malafaia que só tem um interesse na vida: o trabalho. A sua concepção do t r a b a l h o — alienante como todas que não se processam 'com vista a uma transformação da sociedade — elide todos os sentimentos familiares, ou simplesmente humanos, que pudesse alimentar e leva-o a, cegamente, sacrificar os filhos, que começam por se mostrar impotentes perante a sua força e, sobretudo, a sua paralizante respeitabilidade de Pai. Até que acordam, e um deles foge, enquanto a Mãe, para subtrair o que fica ao destino trágico dos Malafaias e ajudá-lo a construir um outro destino, mata o marido. A acção da tragédia é pontuada pelos comentários versificados do Coro.

«Encontro da minha experiência com o drama mundial», escreveu Redol no prefácio que antecede a segunda edição desta peça. Nesta frase se poderá descobrir a amplitude dum texto cujas ambições talvez estivessem para além das possibilidades de momento (em matéria de criação dramática) do seu autor. É nessa passagem da experiência pessoal e familiar de Redol para o drama da humanidade, que o texto se presta a certas ambiguidades e dificultará uma sua leitura satisfatória como espectáculo (estas notas são feitas exclusivamente sobre o texto, ignorando eu neste momento a interpretação que dele nos deu Jorge Listopad, aliás ainda com a colaboração do próprio Redol).

Tragédia de uma Família em que o Pai (e também a Mãe) encarna a entidade mítica da tragédia grega, e sobre a qual pesa a fatalidade inexorável da Morte (que é também personagem), tem, como vimos, prolongamentos que a situam h i s t ó r i c a e socialmente. Esses prolongamentos radicam-se sobretudo num momento específico da história dos nossos dias: se esta peça é pessimista, di-lo Redol, é porque sobre ela paira a sombra sinistra da primeira explosão atómica, com as suas vítimas acusadoras. Ora, para o conhecimento desses prolongamentos, exigir-se-ia, talvez, uma definição menos ambígua da personagem do Pai e mais impacto na revolta dos filhos e da Mãe. Estas possíveis reservas não invalidam, contudo, as virtualidades dum texto rico em sugestões, aparentemente susceptível de proporcionar um espectáculo exemplar como amostra das possibilidades de o nosso teatro ultrapassar o nível excessivamente localizado em que muitas vezes se confina.

A leitura do prefácio do segundo volume do «Teatro» de Alves Redol, tanto como a leitura do texto dramático que lhe sucede, constitui um belo estímulo para algumas reflexões sobre: 1) Teatro Popular — o que poderá ser entre nós (e o que não é); 2) O que é um texto de teatro — onde cabe o papel do dramaturgo e começa o do encenador; 3)

As possibilidades técnico-estéticas do nosso teatro — a possibilidade de transformar este texto num espectáculo.

Alves Redol tenta neste seu «divertimento» conciliar os dois polos do complexo teatral: o texto e a sua realização em palco. Mas, como seria talvez inevitável e nem sequer me parece errado, o texto esbate-se (relativamente, caro) perante o espectáculo que, em potência, contém. Daí que «O

Uma

VINTE ANOS DEPOIS da publicação do romance de Vergílio Ferreira intitulado *Mudança*, torna-se fácil concluir quanto o seu título era certeiro e profético. Na verdade ele marca uma viragem indubitável na ficção portuguesa do pós-guerra. Viragem na temática e na factura do romance lusitano e na própria criação de Vergílio Ferreira. Note-se e recorde-se que o Cardoso Pires de *Caminheiros* (1949) e o Fernando Namora de *Retalhos da Vida de um Médico* (1949) são bem diferentes dos escritores que viriam a escrever *O Delfim* e *Diálogo em Setembro*. Acrescente-se um nome por vezes esquecido: Ruben A. As suas *Páginas* são também de 1949. E constituem uma saudidela tremenda na prosa portuguesa até então bem alinhavada e comportadíssima. Truculento e feroz, a sua anarquia literária impunha conscientemente uma realidade.

Antes de prosseguir devo esclarecer que, para mim, a obra de Vergílio Ferreira começa com *Mudança*. O que está para trás tem muito de incipiente, de frouxo e hesitante.

As boas intenções opõe Vergílio Ferreira com clarividência e segurança uma temática que, de certa maneira, é a mesma, mas onde o problema revolucionário da linguagem adquire uma firmeza nova e será decisivo na sua obra posterior. Aliás, ele é o primeiro a descobrir — entre nós — que a obra neo-realista não precisava de ser «mal escrita». O primeiro, ainda, a mostrar que *não há revolução sem linguagem revolucionária*. E não deixa de ser curioso apontar que vinte anos depois Mário Dionísio, um dos críticos e teóricos mais activos deste movimento literário, apercebe-se desta asserção e publica *escrupulosamente* o romance *Não há Morte nem Princípio* (1). Mas a sua revolução tardia, que é notável na medida em que se nega (ou arrepende ou evolui) das doutrinas perfilhadas quanto ao problema da linguagem, não pode deixar de passar *discretamente*. Na criação literária uma coisa é o arrojo intelectual e outra é a consequência dessa atitude.

Vergílio Ferreira foi o primeiro a gritar sem medo e consciente que «o rei ia nu», como escreveu com justiça Mário Sacramento. Por isso não me parece ousado afirmar que *Mudança* está para o romance português depois de Eça de Queirós como *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis, o esteve para o romance anterior a 1863. Mas enquanto este toma uma posição que uma dezena de anos mais tarde se classificaria de realista, o primeiro, já mergulhado num tempo de realismo, procura uma linguagem diferente que faça ressaltar essa rea-

Destino morreu de repente», embora apoiada num texto definitivamente estruturado e acabado, participe fundamentalmente de coisas como acrobacia, mímica, «commedia dell'arte», projecções cinematográficas. «music-hall», cenas circenses, etc. De raiz brechtiana (e poderia deixar de o ser?), é através dessa amálgama de elementos os mais heterogéneos — até um ventriloquo faz parte das personagens) que nos é dada a realidade, ao mesmo tempo fantástica e verosímil, simbólica e exacta, que o texto consubstancia.

Alves Redol responsabiliza lealmente ao mesmo tempo o possível encenador e o possível espectador do seu texto pela participação activa que na sua criação devem ter. Essa participação, para falar do encenador, deverá ter em conta, na minha opinião, a necessidade de alterar, de cortar certas excrecências a meu ver escusadas, sobretudo no que diz respeito a piadas baseadas em quiproquos linguísticos que me parecem uma concessão intencional ao mau gosto do público alimentado pela má literatura humorística das revistas do Parque Mayer, da Rádio, da Imprensa, da TV, e também no que se refere a algumas cenas vazias e monótonas que prolongam sem necessidade a peça — reservas estas que proponho a um texto que, em contrapartida, poderia proporcionar um admirável espectáculo de teatro popular se em Portugal fossem possíveis admiráveis espectáculos de teatro popular.

Também esta peça contém uma fábula que, como disse, tem vários prolongamentos possíveis do real ao simbólico, do simbólico ao real, de tal maneira é rica e complexa. «O Destino morreu de repente» é isso mesmo — a morte do Destino, ou seja, o surgimento da certeza de que o Destino é feito pelo homem na dialéctica — tantas vezes confusa — do seu devir.

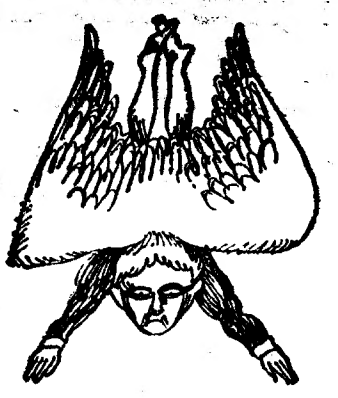
«Forja»: Carmen Dolores e Jacinto Ramos em ensaio

Transitando constantemente entre o particular e o geral, entre o local e o universal, entre o individual e o colectivo, entre o hoje aqui e o «sempre» em «toda a parte», a farsa de Redol põe naturalmente problemas de montagem que, como insinuei, serão dificilmente solucionáveis nas actuais condições do nosso teatro. De qualquer maneira, gostaria de ver este texto num palco, mesmo dentro da modéstia dos nossos recursos técnicos e humanos. Só assim nos poderíamos aperceber, por um lado, das verdadeiras riquezas desta peça, por outro, da viabilidade de certas soluções cénicas propostas pelo autor.

Embora tão diferentes na sua forma e no seu conteúdo, algo aproxima os textos de «O Destino morreu de repente» e de «A Forja». Nesta última, o Destino impera como uma alienção que parece mítica e por isso sem remédio (embora o desenrolar das situações demonstre o contrário). «O Destino morreu de repente» é a demonstração (talvez necessariamente didáctica) da destrutibilidade do Destino, é pois a vitória sem subterfúgios sobre essa alienação.

«Maria Emília» é uma peça em um acto, localizada em Vila Franca mas a que Redol quis dar vivência mais lata. Maria Emília, prostituta do cais, desgraçada cuja única riqueza é o orgulho da sua condição, ser humano a quem a sociedade humana negou a possibilidade mínima de pôr á prova as suas capacidades, de abrir para a vida as suas autênticas virtualidades, esta Maria Emília que o autor colheu na vida e cujo itinerário sentimental (definível numa palavra: solidão) reconstitui numa cena breve mas densa de lirismo e de drama, é uma das suas mais belas personagens. Trata-se de um excelente texto para os grupos de amadores que tantas dificuldades encontram para descobrir peças cuja simplicidade não seja sinónimo de indigência mental.

O próprio facto de serem multiformes as suas tentativas dramáticas demonstra que o grande romancista de «Barranco de Cegos» não foi homem de teatro por acaso. Prova que Alves Redol poderia ter contribuído para fazer do nosso teatro aquela presença viva a que todos aspiramos. Para isso, teria bastado... tão pouco, perante o que representaria para todos nós os que amamos a sua obra e admirámos o seu criador, e para todos aqueles que não a conheciam nem o conheciam e para os quais, aliás, Alves Redol a criara, e para os quais, afinal, Alves Redol vivera. Não em vão. Não em vão.



POIS

O respeitoso membro de azevedo e silva
nunca perpenetrou nas intenções de elisa
que eram as melhores. Assim tudo ficou
em balbúrdias de língua cabriolas de mão.

Assim tudo ficou até que não.

Azevedo e silva ao volante do mini
Vê a elisa a ultrapassá-lo alguns anos depois
e pensa pensa com os seus travões
Ah cabra eram tão puras as minhas intenções.

E a elisa passa rindo dentadura aos clarões.

POIS POIS

Sobre o tampo da mesa
Rabo de Cavalo cotovelo-groselha
defronta Patilhas Grisalhas cerveja-cotovelo.

Falam de dominguins versus ordoñez
de hemingways na brecha na querela
do assassino mano a mano.

Falam a ouro e a sangue no ruedo de mármore.

Sob o tampo da mesa
três joelhos conversam roçagantes:
o dele (sarja) entre os dela (nylon).

Rabo de Cavalo está quadrada.
Patilhas Grisalhas então entra a matar.

O sobre e o sob logo se confundem.
Que prometia (olé) o cartaz dele?

Alexandre O'Neill

a certa mudança

por Liberto Cruz

lidade. E esta busca ansiosa, este desejo de um autêntico neorealismo, leva Vergílio Ferreira a escrever um dos mais importantes romances neo-realistas até agora publicados.

Poder-se-á levantar o problema de saber se a angústia com que Vergílio Ferreira escrevia era motivada pela vontade de mudar a concepção do romance em Portugal do que pelo desejo de alterar o plano limitado e encastoado do neo-realismo.

O tempo e a obra posterior de Vergílio Ferreira vieram mostrar-nos que a sua ambição ultrapassava de facto a dialéctica neo-realista. Carlos Bruno, a personagem chave de *Mudança* (2) sabe de cor um verso de Camões — *todo o mundo é composto de mudança* — e é já um esboço do herói amargurado e pungente, todo envolvido numa problemática existencial, que vamos encontrar nos livros escritos por Vergílio Ferreira nestes últimos vinte anos.

O fundo de *Mudança* tem um radical neo-realista, assenta naquela dialéctica e personagens como Carlos, Berta e Pedro, ou José Bruno e Manuel, Cardoso e Gaviarra, Lima e Roberto, Raul e Castro existem em função duma sociedade condicionada. E Carlos parece ser o único que, mercê da lucidez concedida pelo tempo, procura escapar à engrenagem de que faz parte. Peça solta e isolada lança-se num emaranhado de situações físicas e metafísicas que constituem no fim de contas, o drama de tantos homens do nosso tempo. Figura simbólica e alegórica, por vezes, Carlos atravessa toda uma crise de *afirmação* que ele põe constantemente em dúvida. Daí que não se conforme com os «qui prirent l'horizon pour une immense fête». Atingido em pleno corpo e em pleno espírito, amachucado e espremido, jamais esquecerá «les clous perçant les paumes». Debatendo-se adrede entre a evidência da realidade e o sonho fantástico da utopia Carlos segue uma rigorosa linha humana. Longe de ser o herói tradicional, moralista, intocável, de vincada ascese ou austera conduta, é apenas um ser que vacila e hesita, se avilta e levanta, e denuncia e acusa. Espírito macerado e em mudança a sua angústia é consequente duma divergência social. Berta e Carlos estão *destinados* a falhar, o seu casamento é de antemão um fracasso, mas é urgente e necessário que esse destino se cumpra. A própria história e a sociedade parecem exigí-lo. Todavia a experiência e o tempo podem anular ou evidenciar com maior intensidade essa realidade irreal sujeita a aviso prévio.

Ignorássemos nós a época em que este romance foi escrito e diríamos que faltou a Vergílio Ferreira a coragem para tratar na íntegra a tragédia e o suplício de Carlos. Na verdade a ambiguidade deste romance, o tom sibilino e cauteloso em que o simbólico e o real se entrelaçam, em que a alegoria e a invenção se fundem e completam, não podem deixar de surpreender o leitor estranho à problemática e à contextura sociológica portuguesa.

O leitor português de 1969 verifica no entanto a enorme camada de esperança que ressuma deste romance. Esperança nova e ao mesmo tempo cansada de tanto esperar. E eis que este Carlos desesperançado ganha duas dezenas de anos mais tarde uma outra dimensão e torna-se um símbolo bem vivo de todo um tempo e espaço históricos.

Produto directo dum burguesismo endinheirado Carlos espreguiça-se sonolento e indiferente à crise que o rodeia. O suicídio, a fuga ao quotidiano, o apego louco à terra, a ânsia de subir numa escala financeira, a raiva surda e impotente ao poder, são obstáculos que ele evita ou transpõe com todo o peso da sociedade onde assenta. E é preciso o sonho, esse acto de contrição do ignóbil praticado às claras, para Carlos despertar do sonho em que vivia. Vai nascer um homem novo, um ser isolado entre os dois fogos que acompanhou e odiou. E para se purificar sofre o abandono da mulher, a altivez do rival, o vexame da serviçal, a desprezo dos amigos, a comiseração dos seus parceiros de grupo. O castigo culmina com a morte de Dick. A solidão que o habita atinge então o patético quando Carlos cava a sepultura do cão e lhe segreda:

«Tinha-te dito que havia uma roda de um carro à tua espera.»

Recusando integrar-se na massa, Carlos vê-se repelido pelos outros mas é com uma espécie de orgulho que aceita a sua solidão.

O tom ambíguo, de que fala Eduardo Lourenço no prefácio da presente edição, leva Carlos a penetrar no cinema onde se realizava uma sessão política. Vítima da sua exasperante lucidez Carlos reconhece que as centenas de pessoas ali reunidas mal ouviam o orador. Todavia a ânsia e a esperança que as juntara eram incomensuráveis. Como escreve o romancista *eles iam só confirmar-se na realidade ardente de uma esperança comum.*

Romance simultâneamente real e simbólico e escrito com aguda percepção do nosso «modus vivendi», abriu novos caminhos na ficção portuguesa. Com um ritmo e um fôlego a que já não estávamos habituados e ganhando uma universalidade sem perder as características portuguesas, *Mudança* é o primeiro romance novo português do pós-guerra. E tão lúcido se apresenta ainda hoje que a própria epígrafe de Camões escolhida por Vergílio Ferreira nos surge como uma ironia.

Pois não é verdade que, afinal, até parece que nem todo o tempo é composto de mudança?

Rennes, 1969.

---

(1) *Não há Morte nem Princípio*, romance de Mário Dionísio — Public. Europa-América, 1969.

(2) Saiu há meses a 3.ª edição com um magnífico prefácio de Eduardo Lourenço, Portugália Editora, 1969.

Artes: um ano de actividade

Cont. da pág. 3

GALERIAS	EXPOSIÇÕES	REFERÊNCIA	SUPLEMENTO N.º
Buchholz	Álvaro Lapa	**pintura numa linha de ascetismo particular, evocadora de uma atitude existencial orientalista**	575
Interior	António Sena	**desenhos e colagens em que o papel da escrita reafirmava a exemplar brevidade dos meios**	585
Quadrante	Marilyn Reynolds	**pintura cujo timbre cromático elevado colaborava com uma ingénua e sensual representação temática**	587
111	Vítor Fortes	**pintura que confirmava a dinâmica da imagística do autor dentro de uma construção atenta e rigorosa**	590
S. Mamede	António Areal	**desenhos do período entre 1953 e 1958 onde a paisagem subsidiava uma particular visão do mundo**	589
Arte Moderna	Manuel Baptista	**desenho em que o rigor e o despojamento da linguagem prolongam a experiência da pintura do autor**	592
S. Mamede	Carlos Calvet	**retrospectiva da sua actividade como pintor desde 1946**	593
Buchholz	Noronha da Costa	**pintura que prolonga a problemática do autor no contexto de uma oficina extremamente apurada e eficaz**	593

No quadro das exposições colectivas, as referências agrupadas ao longo de 1969 cobriram os seguintes acontecimentos:

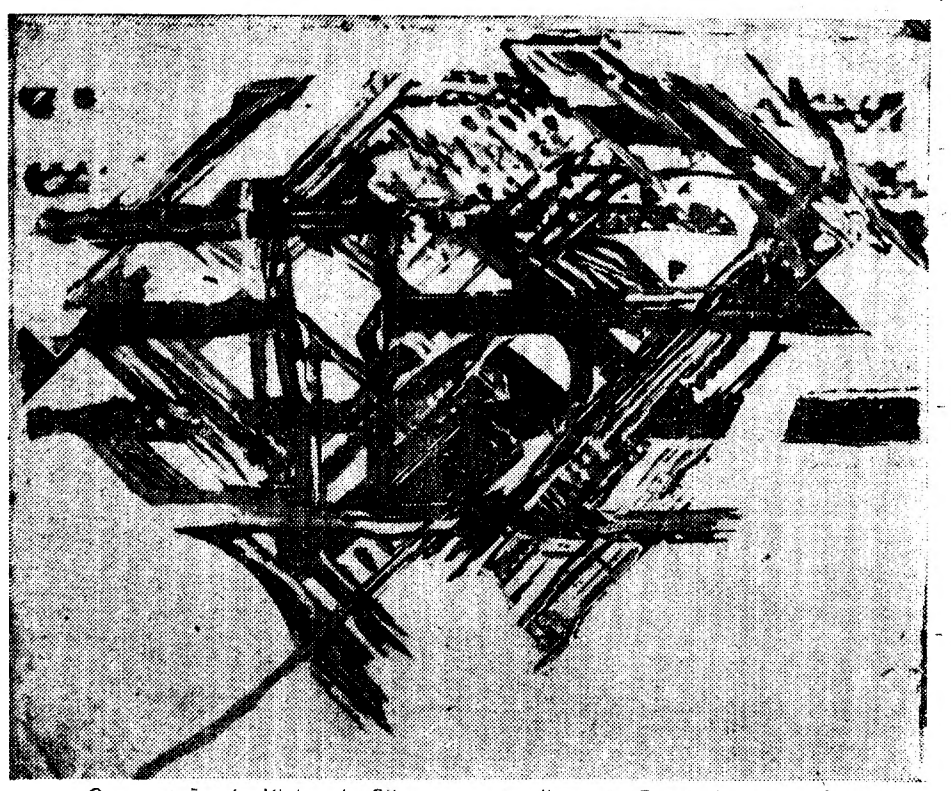
Fundação C. Gulbenkian	Desenhos Italianos da Academia de Carrara de Bérgamo	**selecção situada entre os séculos XV e XIX**	545
S. N. B. A.	Tapeçarias Francesas	**de autores significativos no plano da pintura europeia contemporânea**	551
Dinastia	Pesquisas dos Novos	**errática apresentação de novos autores no equívoco de uma escolaridade ainda sem consequências**	549
S. E. I. T.	Tapeçaria Portuguesa	**autores contemporâneos, com peças da Manufactura de Portalegre**	555

Depressa, tome Rennie!

O SEU EXTINTOR DE BOLSO

Indigestão, azia, excesso de ácidos...
Você sente o estômago a arder!
Depressa! Uma pastilha Rennie
e apague **imediatamente** esse ardor!
Uma segunda Rennie,
dissolvida lentamente na boca,
assegura-lhe um alívio duradouro!
Rennie não precisa de água
e tem agradável sabor!

Rennie
Força digestiva!



Composição de Vieira da Silva para um disco de Fernando Lopes Graça

GALERIAS	EXPOSIÇÕES	REFERÊNCIA	SUPLEMENTO N.º
S. N. B. A.	Jorge Pinheiro, Ângelo de Sousa, José Rodrigues e Armando Alves	**exposição muito variada nas suas propostas, revelando uma vitalidade criadora apreciável**	561
Interior (Longra)	Sá Nogueira, Conduto, Velez, João Abel Manta, António Sena e Charrua	**exposição de grupo com o empenho dos autores em torno de um programa de acção**	564
Panorama	Lud e Pedro Oom	**desenho e pintura com insistência num vocabulário datado, aqui reassumido em termos ineficazes.**	565
S. N. B. A.	Concurso do Banco Português do Atlântico	**exposição contraditória nos valores confrontados e na acção do júri**	566
Interforma	Figueiredo Sobral e João Fragoso	**novidade imagística em F. Sobral; improvisação gráfica e ineficácia expressiva em João Fragoso**	568
Quadrante	Ferraz, Paizana, Evans, Fátima, Calhau, V. Pomar, M. Beatriz, Lapas, Nesbitt e Vaz Vieira	**expressão de juventude e irreverência, num reflexo de novas tendências**	570
S. E. I. T.	Salão Nacional de Arte	**conjunto desarticulado e pouco representativo da actual produção artística portuguesa**	573
Luanda	III Salão de Artes Plásticas da Cidade	**com uma representação de artistas de Lisboa, a primeira grande exposição colectiva, de interesse, feita em Luanda**	577
Charters	Les maitres verriers français	**vitrais modernos e sua técnica**	582
Cooperativa de Gravadores	Beatriz, Calhau, Hogan, Camila, M. Gabriel, L. Lino, V. Pomar e V. Fortes	**novas tendências da gravura**	583
Exposições Temporárias, Fundação Gulbenkian	Autores Portugueses Contemporâneos	**exposição variada e valiosa que não pretendia esgotar historicamente uma realidade**	585
F. I. L.	Escultura Belga Contemporânea	**exposição irregular mas significativa, marcada pela apresentação do «Jogo de Xadrez»**	587
Buchholz	Prémio Soquil	**apresentação dos autores premiados**	589
S. N. B. A.	Pintores Figurativos em 5 colecções	**iniciativa da B. P. de importância para o inventário da pintura portuguesa**	590
Arte Moderna	V. Pomar, Eduardo, Beatriz, G. Antunes, Sarmento, Lapas, Evans, Fátima, Laginhas, Calhau e Cintra	**exemplo das novas tendências de autores recentes, sobretudo no que se refere á criação de objectos**	591

Para além destes quadros, que cobrem quase tudo o que de mais interessante se viu em Lisboa no domínio das artes plásticas, a página incluiu entrevistas com Ana Hatherly (em torno de uma meditação sobre a escrita) e arquitecto Conceição Silva (a propósito da acção e futuro da S. N. B. A.). Evocou-se Souza Cardoso e a obra de Dubuffet. A crítica foi abordada em artigo já citado no início deste balanço. Foi feita uma apreciação ao problema dos materiais e das técnicas perante o objectivo da obra (*Os meios e os fins*) e, por último, publicaram-se dois «antifolhetins» sobre as nossas perplexidades, querelas e estrangeirices (*Iniciativas & Prémios* e *A Costureira do Alto do Pina*).

Este índice, que se destina aos consumidores deste Suplemento, pretende, naturalmente, fazer o balanço comparativo do que houve para ver dentro do nosso critério de informação.

ROCHA DE SOUSA

Josef von Sternberg

Cont. da pág. 8

apresentava e discutia os seus filmes).

O haver assistido a alguma das retrospectivas dedicadas a Sternberg possibilitar-nos-ia agora um «elogio fúnebre» em regra, uma panorâmica rápida dos traços mais característicos de uma obra e de uma personalidade que se afirmam, «malgré» Sadoul e tantas outros, como das mais importantes de um meio século de cinema. Não tendo sido assim, recordemos a projecção de «Underworld» (1927) na Cinemateca Nacional, perante uma plateia quase apenas composta de espectrais convidados que, da retrospectiva que então decorria, só se interessavam pelas silhuetas dos Rudolfos Valentinos da sua juventude; recordemos a de «Morocco» (1931) na Cinemateca Francesa, uma sessão entre tantas outras com a salinha de Chaillot a abarrotar de um público jovem e entusiasta; recordemos, finalmente, a recente reposição comercial de «O Anjo Azul» (imediatamente anterior a «Morocco»). É o bastante para começar a perceber o porquê do inêxito de Sternberg junto da crítica e da historiografia de certa época.

Diz-se cada vez mais que todas as Histórias do Cinema existentes (honestas ou não) deviam ser deitadas para o lixo. Isto será exagerado mas indica que a aproximação dos filmes enferma, em todas elas, quaisquer que sejam as respectivas orientações ideológicas, de graves vícios e preconceitos sintetizando, de algum modo, os que a crítica de entre as duas guerras praticava. Sternberg é, aqui, pedra de toque. Se o seu período mudo é bem aceite, sê-lo-á em termos dos seus aspectos periféricos: a fama de «Underworld» vem do facto de ser o primeiro grande filme de «gangsters» e não do de constituir um parágrafo já bem concludente de um discurso pessoal. «O Anjo Azul», seu primeiro filme sonoro, deve um universal prestígio ao facto de ser considerado um dos mais acabados e brilhantes exemplos do expressionismo no cinema. E, no entanto, sob esse ponto de vista, a obra está longe de ser «ortodoxa» e conviria reconhecer a que ponto os seus elementos expressionistas estão transfigurados e, de qualquer modo, são apenas matéria para uma experiência frutuosa no marco da temporária integração de Sternberg no cinema germânico e numca o mais significativo da sua maneira. Quanto a «Morocco», é já o início do descrédito ao reduzir-se um novo e importante parágrafo do discurso referido à banalidade da anedota utilizada e à «falsidade» da ambientação.

E eis bem definidos, apenas em relação a três filmes, os vícios e preconceitos aludidos: apego à anedota-pretexto como base de interpretação das obras, crítica de cada uma separadamente das outras sem ser capaz de discernir o movimento que as relaciona. E, derivado daqui, a excessiva importância dada ao «género» ou «á corrente» em prejuízo da personalidade do autor, a exigência de uma coerência em termos psicologísticos, o apego a um realismo fotográfico de superfície (cuja ausência só é desculpada — caso de «O Anjo Azul» — se justificada pelos processos de uma corrente já académicamente admitida como o era o expressionismo em 30).

Se o cinema de Sternberg até ao «Anjo Azul» foi aceite, tê-lo-á sido porque ele mesmo aceitava ainda um certo número de regras decorrentes desses vícios e preconceitos. «Morocco» e a rebelião que não mais se atenuará. E, mesmo sem recorrer aos estudos que, em moldes mais saudáveis, se começam a realizar sobre a obra de Sternberg (1) é possível, pelo simples exame de fotografias de filmes sucessivos e das respectivas intrigas, a avaliar da sua indiferença — ou enfado — perante uma qualquer espécie de verosimilhanca (ambiental, de acção, psicológica): apenas o interessa, como acontece com os autores verdadeiramente grandes, a fidelidade ao seu discurso, a salvaguarda de uma coerência na evolução deste (em tal sentido, Sternberg

Sternberg, o esquecido

aproxima-se de um realizador tão diverso dele como Eisenstein, cujo genial «Ivan, o Terrível» sofreu, entre outros, ataques de base semelhante).

Mas de que discurso se trata, então? Em «Underworld», os «gangsters» opuniham-se à «ordem» segundo essa tonalidade assaz anarquizante posteriormente muito glosada pelo género a que o filme deu nascença. Mas «Underworld» era também uma extraordinária história de paixão, algo que colocava Sternberg na esteira dos grandes românticos. A sua revolta (burguesa) contra a miséria burguesa escolherá, a partir daí, ser romântica por excelência, não seguirá, portanto, a trilha de um qualquer anarquismo, nunca se transmutará em algo de político. É certo que «O Anjo Azul» possui, em última instância, um real significado político (Siegfried Krakaver indica-o numa análise tão lúcida e rigorosa quanto excepcional no conjunto de escritos dedicados ao filme (2). Mas isso não impede que, logo em «Morocco», tal revolta recue para o campo da proposição de uma moral amorosa triunfante de semelhante miséria, se traduza na exaltação erótica e na fuga para o imaginário. E parece ser que as obras mais «malditas» de Sternberg (as cinco últimas interpretadas por Marlene Dietrich e as seguintes) mais não serão que uma gigantesca e perturbante meditação do mundo em termos eróticos, alimentada, inflamada e levada ao delírio pela sua paixão pela grande actriz, catalisador absoluto, mesmo em ausência, da sua actividade criadora (daí que tal meditação se possa revestir, para sua maior complexidade e riqueza, de um nítido elemento autobiográfico e de um carácter francamente obsessivo) e que, como já é patente em «O Anjo Azul», adquire com frequência um tom sadiano (fala-se disto sobretudo a propósito de «A Imperatriz Vermelha» e de «The Devil is a Woman»).

Eis matéria para uma nova série de equívocos, já não apenas de aproximação e de método, mas sobretudo de ordem ideológica (em que medida estes determinaram aqueles é uma discussão particularmente fascinante). Admitindo que o discurso sternberguiano tivesse sido entendido ou intuído (a que ponto era isso possível histórica e culturalmente?) na sua época, nem à direita nem à esquerda teria grandes possibilidades de ser aceito, para uns demasiado perturbante e imoral, para outros por certo decadente e reaccionário. Só isso explica que a chave quase unânimemente aceite para o discutir tenha sido o mito, pequeno-burguês por excelência, da «mulher fatal».

Conceito inaplicável no contexto (Sternberg utiliza-o aparentemente, como alibi comercial até, mas, pelo menos na sua formulação usual, ele não pode ser mais estranho à óptica antipequeno-burguesa do realizador), possui, no entanto, a inapreciável vantagem de, na sua ambivalência, colar às ideias feitas e ajudar à condenação geral: símbolo clássico de tudo o que ameaça a moral tradicional para uns, converte-se em símbolo do decadentismo de quem o utiliza para outros...

Em qualquer dos casos, *quase* se conseguiu que *apenas* desaparecesse um velho realizador que... etc. Este quase marca o seu triunfo. E seria descabido aqui, nestas linhas que não puderam constituir «elogio fúnebre» por desconhecimento nosso da maior parte da obra de Sternberg, apresentá-lo como vítima. Na realidade, ele já estava ressuscitando em vida, contra os comentaristas com ânimo de coveiros. Que estas linhas, portanto, de algum modo tendam apenas a ajudar essa ressurreição. Tanto mais que, depois da reposição de «O Anjo Azul» e segundo, como de costume, a moda francesa, uma nossa distribuidora parece ter a feliz ideia de promover um ciclo Sternberg-Marlene.

M. MACHADO DA LUZ

---

(1) Georges Sadoul, *Histoire du Cinéma Mondial*, pág. 250 (*Flammarion*, 1959).

(2) Intitula-se *Fun in a Chinese Laundry* e já foi publicado há mais de quatro anos. Existe uma — fraca — tradução francesa (*Souvenirs d'un Montreur d'Ombres, Robert Laffont*).

(3) Registem-se, entre os mais recentes, os contidos nos *Cahiers du Cinéma* (Julho 65), no *Positif* (Maio 66, em grande parte dedicado a Marlene e de grande valor iconográfico), no *Nuestro Cine* (n.º 58, de 1967, com um excepcional artigo de Victor Erice).

(4) Cf. S. Krakaver, *De Caligari a Hitler*, pág. 256-60 (*Nueva Vision*, 1961).

O CINEMA QUE VEMOS

	Ad.C	Ar.C	APV	DL	JVP	LA	MML	VST
O Circo (Charles Chaplin)	5	4	—	—	—	5	5	5
A Louca de Chaillot (Brian Forbes)	—	—	—	—	—	0	2	0
As Aventuras de Peter Pan (Walt Disney)	—	—	—	—	—	3	—	—
Hello Dolly (Gene Kelly)	2	—	—	—	—	4	3	1
007 ao Serviço de Sua Majestade (Peter Hunt)	—	—	—	—	—	0	—	—
Isadora (Karel Reisz)	2	1	0	4	1	4	4	3
Astérix e Cleópatra (Uderzo e Goscinny)	—	—	—	—	—	1	0	—
Divórcio à Italiana (Pietro Germi)	3	3	—	3	3	3	3	3
A Pele de Um Malandro (Donald Siegel)	—	2	—	—	3	4	2	2
Goobye, Mrs. Chips (Herbert Ross)	1	—	—	—	1	1	1	1
A Quadrilha Selvagem (Sam Peckinpah)	4	4	0	4	5	5	4	4
O Golpe de Ouro (Alf Kjellin)	—	—	—	—	—	1	1	—
A Lição Particular (Michel Boisrond)	0	—	—	—	1	1	1	—

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: Ad.C (**Adelino Cardoso**, Rádio e Televisão); Ar.C (**Armando Coeiro**, dirigente cineclubista); APV (**António Pedro Vasconcelos**, Jornal de Letras e Artes); DL (**David Lopes**, ABC Cine Clube de Lisboa); JVP (**José Vaz Pereira**, Seara Nova e D. L.); LA (D. L. e Programa «PBX»); MML (**Manuel Machado da Luz**, Seara Nova e D. L.) e VST (**Vítor Silva Tavares**, D. L.).

As «Cartas» de Mariana

A Inova acaba de publicar, num volume a todos os títulos apetecível, as tão justamente célebres «Cartas Portuguesas» atribuídas à freira de Beja, Mariana Alcoforado — monumento, à escala universal, da correspondência amorosa e testemunho lucidíssimo de uma personalidade feminina invulgarmente emancipada.

As «Cartas», que são apresentadas, igualmente, na versão original (em francês), surgem traduzidas por Eugénio de Andrade, num trabalho minucioso e cristalino. Enriquecem o volume, que tem arranjo gráfico de Armando Alves, alguns desenhos de superior qualidade, assinados por José Rodrigues.

Um só defeito a apontar: o livro não pode chegar, por editado luxuosamente, a todas as bolsas. Ainda assim, e para quem possa, ousamos recomendá-lo — conscientes do seu elevado nível artístico e literário.

Mais de 600.000.000 de miligramas de vitamina "C" são empregados anualmente no fabrico da laranjina "C"

A morte e a morte de

JOSEF VON STERNBERG

por Manuel Machado da Luz

UMA PEQUENA NOTICIA distribuída pela Reuter, um resumo biográfico assaz falso e confuso a acompanhá-la: eis como, a 23 de Dezembro ultimo, se tomou conhecimento, entre nós, da morte de Josef von Sternberg. Apenas desaparecia um velho realizador de 75 anos que não rodava filmes desde 1953, que era vagamente recordado pelos nossos maiores e que as gerações do após-guerra mal conheciam. Um velho realizador que os patrões de Hollywood haviam acabado por colocar na lista negra dos extravagantes e dos (comercialmente) fracassados. Um velho realizador, finalmente, que a crítica e a historiografia mais «oficiais» e respeitadas haviam sepultado em vida ainda antes de 1935 e apenas tinham reconhecido como grande num único título: *O Anjo Azul*.

Sendo assim, será lícito pedir que as agências noticiosas e os jornais gastem um pouco mais de espaço e procurem ser mais exactos? Evidentemente que não. O que ocorre é perguntar se a obra e o autor são de tão pouco préstimo que, de facto, nada mais merecem.

Os patrões de Hollywood estavam no seu papel ao recusarem os estúdios e o crédito a um realizador a quem, a partir de certo momento, o grande público virava sistemàticamente as costas. Mas os críticos e, principalmente, os historiadores? Georges Sadoul, talvez um dos mais influentes durante tanto e tanto tempo, arruma o caso Sternberg naquele tom peremptório e com aquela falta de dúvidas que o caracterizam: «(...) Sternberg não produziu em Hollywood nenhum filme falado válido. Após «O Anjo Azul», tinha trazido da Alemanha Marlene Dietrich e tinha feito dessa rapariga bem carnal uma misteriosa criatura de rosto cavado, uma nova **«vamp»**, um mito. Como em «Frankenstein», o monstro destruiu o criador. De «Morocco» para «Shanghai Express», de «Dishonored» para «A Imperatriz Vermelha», Sternberg naufragou nas plumas e nas rendas de uma Marlene divinizada. Sem o seu ídolo, dirigiu «An American Tragedy», segundo Dreiser, e «Crime e Castigo», segundo Dostoievski, igualmente mediocres. O seu canto do cisne, «Shanghai Gesture» (1942), horrível melodrama, é a trágica autocaricatura de um criador fora de moda devorado pelo estetismo, pelas receitas, pelos tiques». (1) Sòmente, para seu completo desabono, os filmes conseguiram não permanecer nos arquivos a cobrir-se de pó e voltam a projectar-se em completíssimas retrospectivas (Manheim 66, San Sebastian 69, por exemplo), nas salas-estudio, na televisão. (Ao que o próprio Sternberg não foi estranho: longe de ter passado o resto dos seus dias em casa a escrever a autobiografia (2), como pretenderam os jornais, recusou-se a uma morte prematura decretada por terceiros, foi professor no «Cinema Department» da Universidade de Los Angeles e frequentou assiduamente os festivais de cinema, onde

Cont. na pág. 7

Sternberg, quando director de «Shanghai Express»; ao alto, Marlene no inolvidável «Anjo Azul»

UM CURSO SOBRE ANTÓNIO PEDRO

Folhetim artístico de José-Augusto França

NOS três primeiros meses de 1969 realizei, na cadeira de Sociologia da Arte do Curso de Formação Artística da S. N. B. A., uma série de lições sobre Almada Negreiros, a sua obra, a sua personalidade e, sobretudo, o seu significado na vida sociocultural portuguesa. Semelhantemente, vou fazer, este ano (ou ontem comecei a fazer) uma série de lições sobre outra importante personalidade desta mesma vida nacional: António Pedro.

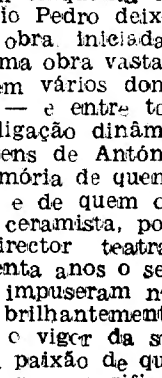
Falecido há três anos e meio, no Verão de 66, com cinquenta e sete anos apenas, António Pedro deixou atrás de si uma vasta obra iniciada nos finais dos anos 20. Uma obra vasta e multimoda, definida em vários domínios e em vários planos — e entre todos estabelecendo uma ligação dinâmica.

Várias imagens de António Pedro se traçam na memória de quem lhe seguiu as actividades e de quem o conheceu. Poeta, pintor, ceramista, político, autor radiofónico, director teatral, durante perto de quarenta anos o seu nome e a sua pessoa se impuseram no panorama português — brilhantemente, polèmicamente, com o vigor da sua natureza abundante e a paixão de quem necessitava de agir para se verificar vivo num meio que o esteve sempre muito menos...

Conheci-o e fomos amigos desde 1947. Fomos até sócios numa casa de edições e perdemos dinheiro juntos numa empresa teatral. Com gostos e formações diferentes, muita vez nos desentendemos em problemas de cultura; jamais, em problemas humanos de uma ética em que ele era exigentíssimo — num meio, também, que o era muito menos...

Falando de António Pedro, falo e falarei dum amigo — e não há inconveniente algum nisso. Creio saber o que na sua obra foi bom e menos bom, ou mau até — e suponho também saber o que ela significou entre nós. Obra e homem, numa sociedade que muito mudou entre 1928 e 1966 — e que algo lhe deve dessa mudança, sem duvida.

Como — é o que veremos.



MAS desde já podemos avançar que as suas propostas surrealizantes de 1940 e a sua voz ao microfone da B. B. C. nos anos seguintes, da guerra, e a sua acção no teatro experimental do Porto, nos anos 50 — a) modificaram o teor da pintura portuguesa então empenhada num novo academismo modernizante; b) deu a expressão ao anseio liberal dos portugueses que o por demais presente espantalho nazi angustiava; c) inovou sistemàticamente uma estética de encenação teatral.

Mas António Pedro foi ainda o catalizador da mudança de rumo da «terceira geração» dos pintores portugueses, em 1947-48, ao provar-lhes, sem proselitismos que estariam áquem da sua própria dignidade, que eles necessitavam de desviar-se do trilho neo-realista recentemente assumido. E foi essa mudança de rumo que desencadeou todo o processo de abstractização seguinte — aliás contra o próprio desejo de António Pedro.

Foi também ele quem escreveu o único ensaio de estética moderno (e não só moderno) da nossa literatura aplicada (tão pouco!) ás artes visuais. Está esgotado o livro: *Introdução a uma História da Arte*, publicado em 1948 e vai ser reeditado agora pela Inquérito.

E fora ainda ele quem, em 1930, animou um movimento de «reprise» do modernismo português, apresentando a exposição dos «independentes». Logo depois deveu-se-lhe (a ele e a Tom) a fundação da primeira galeria de arte moderna de Lisboa, a «U. P.». Ali apresentou ele Maria Helena Vieira da Silva em 1936 — não certamente por acaso. E em 1940 fundou e dirigiu a revista *Variante* — que retomava a tradição do *Orfeu* e da *Contemporanea*, com outras exigências epocais e que falhou por falta de colaboração á altura da ambição havida...

TUDO isto, essencial ou importante na vida nacional, lhe foi dificilmente perdoado!

Os perto de dois metros de altura de António Pedro, a corpulência correspondente, a barba até (que de barbas depois se deixaram crescer neste País!), a fortuna pessoal, a naturalidade do estar, a presença (de «bispo laico», dizia-lhe eu) — como degluti-los uma sociedade meã, atrapalhada de orçamento e de gestos?...

Pela obra (e o romance *Apenas uma Narrativa, de* 19, que é uma obra original no contexto surrealista internacional?), pela pessoa, e pelas reacções sociais a uma e outra, o tema «António Pedro» é riquíssimo de implicações. Os anos 30-40-50 da vida nacional passam necessàriamente através dele.

Para o abordar não há que recuar diante de nada — de contradições ou de fraquezas. António Pedro foi fascista nos anos 30 — pois foi! O facto de nunca outras pessoas o terem sido não as autoriza a afligirêm-se com isso. O seu meio mental, algo minhotamente tradicionalista, explica a adesão dos vinte anos; como o choque da guerra e a consciência da maturidade explica o seu socialismo dos anos 40 — e, em ambas as situações, uma perfeita coragem e uma inteira sinceridade moral.

Foi, de resto e sempre, esta responsabilidade ética que o manteve, em relações de amizade intelectual, absolutamente respeitador das opiniões alheias e incapaz de exercer influências demasiadamente directas, de mentor ou mestre.

Já algures escrevi que quem dele se aproximou ao fim dos anos 40 (eu, a minha geração) lhe ficou devendo algo como uma «formação de alma». E é muito sério (materialistamente o digo!) isto da alma da gente...

TAMBÉM de «alma» se falará no meu curso (as sociedades têm que a ter, bem o sabem os antropólogos modernos e também os sociólogos...) — mas isso melhor ainda se verá na exposição que a Buchholz organizará em Fevereiro, da obra de António Pedro. E um tanto, ainda, no álbum que então as edições Artis publicarão.